



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**SOPHIA DAMIANO RÔVERE**

**MIGRAÇÕES HAITIANAS: PRESENÇA E VIVÊNCIA EM CAMPINAS/SP**

**CAMPINAS**

**2024**

SOPHIA DAMIANO RÔVERE

MIGRAÇÕES HAITIANAS: PRESENÇA E VIVÊNCIA EM CAMPINAS/SP

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Demografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana Baeninger

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA SOPHIA DAMIANO RÔVERE, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. ROSANA BAENINGER

CAMPINAS

2024

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

R769m Rôvere, Sophia Damiano, 1988-  
Migrações haitianas : presença e vivência em Campinas/SP / Sophia Damiano Rôvere. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Rosana Aparecida Baeninger.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Migração. 2. Imigrantes haitianos - Campinas (SP). 3. Haiti - Migração. I. Baeninger, Rosana Aparecida, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

**Informações Complementares**

**Título em outro idioma:** Haitian migrations : presence and experience in Campinas/SP

**Palavras-chave em inglês:**

Migration

Haitian immigrants - Campinas (SP)

Haiti - Migration

**Área de concentração:** Demografia

**Titulação:** Doutora em Demografia

**Banca examinadora:**

Rosana Aparecida Baeninger [Orientador]

Joice Melo Vieira

Ana Cecília Cossi Bizon

Andrea Poleto Oltramari

João Carlos Jarochinski Silva

**Data de defesa:** 27-06-2024

**Programa de Pós-Graduação:** Demografia

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-8898-4155>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/56650338669740534>



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 27 de junho de 2024, considerou a candidata Sophia Damiano Rôvere aprovada.

Prof(a). Dr.(a) Rosana Aparecida Baeninger

Prof(a). Dr.(a) Joice Melo Vieira

Prof(a). Dr.(a) Ana Cecília Cossi Bizon

Prof(a). Dr.(a) Andrea Poleto Oltramari

Prof(a). Dr. João Carlos Jarochinski Silva

*A ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Demografia do Instituto de Filosofia e ciências Humanas.*

*Dedico este trabalho a toda a comunidade haitiana, que gentilmente me acolheu nos seus espaços de convivência e fé.*

## AGRADECIMENTOS

O trabalho de uma Tese já é extremamente difícil e pesado, fazê-la durante a pandemia, foi um desafio ainda maior. Muitas eram as minhas expectativas com o feliz ingresso na Pós-Graduação e apenas com um único dia de aula presencial, o isolamento social impôs restrições e adaptações complexas tanto para os alunos, quanto aos professores.

Por isso, começo meu agradecimento a todos (as) os (as) professores (as) da Pós-Graduação em Demografia que fizeram uma verdadeira “mágica”, para, rapidamente, adaptar o ensino presencial ao remoto e oferecem todo o apoio necessário em um momento tão estressante. Para além das aulas e dos conteúdos, muitas foram as conversas e videochamadas com muitos deles no sentido de transmitir tranquilidade e esperança, palavras que particularmente para mim, fizeram toda a diferença. Profa. Joice Vieira, Profa. Tirza Aidar, Profa. Maria Coleta, Profa. Luciana Alves, Profa. Glaucia Marcondes, Prof. José Marcos Cunha, Prof. Alberto Jakob, Prof. Everton Lima, muito obrigada!

Dedico esse parágrafo especialmente a minha orientadora e também Profa. da Pós-Graduação, Profa. Dra, Rosana Baeninger, que sempre me apoiou e esteve disponível nos momentos de maior dúvida e aflição. Cada fala da Professora é uma aula acompanhada de muito afeto e carinho. Me sinto extremamente privilegiada e honrada de fazer parte do grupo de pesquisa que ela lidera o Observatório das Migrações em São Paulo. Aproveito e deixo o meu agradecimento a todos (as) os (as) membros (as) do grupo, que em muito contribuíram para a minha formação.

Não posso deixar de expressar a minha imensa gratidão aos meus companheiros de Pós-graduação, que assim como eu, enfrentaram o desafio do ensino online da coorte 2020. Sem eles, tudo teria sido muito difícil. Muitas foram as trocas, conversas, plantões de dúvidas, desabafos, ajuda, enfim...suporte mais que necessário. Ianca, Anderson, Carlos, Thais, Augusto, Paulo, Leo, Paula, Vinícius, Matheus e Bruna, obrigada!

Agradeço aos meus pais e a minha família pelo suporte e apoio durante todo o processo. Também agradeço ao meu parceiro de vida, Thomaz, que foi muito compreensivo nos meus momentos de crise, desanimo e estresse durante o processo e que em muito me ajudou a superá-los, assim como, a nossa cachorrinha, a Mel, que

ajudou (e ajuda) a controlar muitas crises de ansiedade e que foi o melhor presente que ganhei nos últimos anos.

As minhas amigas irmãs, algumas delas mesmo a (muita) distância, que sempre estiveram disponíveis para me oferecer um ombro amigo, que me ouviram e que me ofereceram afeto, carinho e apoio em todos os momentos.

Aos funcionários e funcionárias da Pós-Graduação em Demografia e do Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, que sempre estiverem prontos a ajudar e que são fundamentais para o funcionamento do Programa.

A todos os haitianos e haitianas que conheci durante esse trabalho e compartilharam comigo suas histórias, desejos e sonhos e que me contagiaram com a sua tranquilidade e coragem, me ensinando que essas qualidades fazem muita diferença em momentos de crise. Espero que nessas próximas páginas eu possa retribuir e honrar com respeito todas as histórias que me foram contadas.

Aos servidores municipais que pude conhecer e auxiliar em seu trabalho durante meu estágio no Serviço Municipal de Referência ao Imigrante, Refugiado e Apátrida.

A toda a Universidade Estadual de Campinas que me fez, e faz, acreditar em um país mais inclusivo e desigual, que sem dúvida, representa um dos lugares do mundo que mais me sinto feliz e acolhida por tantos colegas incríveis feitos durante meus anos de estudo, pelos espaços de convivência como o Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp, pelas bibliotecas, palestras, seminários, congressos e inúmeros professores e professoras que mesmo que indiretamente fizeram parte da minha formação.

Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pela bolsa de estudos concedida. Código de Financiamento 001.

O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.

Fala de Tuahir – Terra Sonâmbula/Mia Couto.

## RESUMO

Os recentes fluxos de imigração haitiana para o Brasil, sobretudo para a cidade de Campinas/SP e região estão associados a estruturação dos fluxos migratórios Sul-Sul (Phelps, 2014) e as migrações transnacionais (Guarnizo; Smith, 1998; Guarnizo; Portes; Haller, 2003; Glick-Schiller; Basch; Blanc, 1992; 1995; Glick-Schiller, 2012; Portes, 2004; 2006). Desse modo, as migrações transnacionais ancoram-se nos processos globalizantes (Martine, 2005; Sassen, 2010), que ao mesmo tempo que dinamizam o fluxo de capital e pessoas através das redes, são fragmentados e seletivos, produzindo e acentuando desigualdades (Ianni, 2001; Santos, 2012). É neste contexto de ambiguidades criados pela globalização que estão inseridos os migrantes haitianos e haitianas, onde a formulação da sua história migratória se dá através de dimensões relacionadas com o contexto social da origem, do fluxo e das possibilidades de acesso aos destinos, incluindo o âmbito intramunicipal, reformulando permanentemente seus projetos migratórios (Boyer, 2005; Ma Mung, 2009). Com isso, o objetivo do trabalho é de analisar as migrações transnacionais Sul-Sul a partir do contexto da imigração haitiana no município de Campinas/SP, avançar na fundamentação teórico-metodológica a respeito da imigração haitiana, realizar entrevistas qualitativas com os sujeitos de pesquisa, identificar a estruturação das redes migratórias (Boyd, 1989; Massey, 1988; Massey *et al.*, 1993; Truzzi, 2008) e dos territórios circulatorios (Tarrius, 1993; 2002) dos haitianos e haitianas em Campinas/SP e analisar seu projeto migratório (Boyer, 2005; Ma Mung, 2009). A metodologia utilizada para a coleta de dados foi a de observação participante (May, 2004), com a intenção de criar acesso aos imigrantes haitianos, para assim, aplicar o questionário qualitativo com perguntas semiestruturadas (Marconi; Lakatos, 2003; Boni; Quaresma, 2005). Os principais resultados apontam que a presença haitiana em Campinas/SP decorre de uma complexa articulação multiescalar, que ficou evidente através das redes migratórias (Boyd, 1989; Truzzi, 2008), dos projetos migratórios (Boyer, 2005; Ma Mung, 2009) e dos territórios circulatorios (Tarrius, 1993; 2000). A criação do programa Pró-Haiti, fomentou a vinda de imigrantes haitianos pioneiros que sustentaram a criação de uma rede migratória (Boyd, 1989; Truzzi, 2008) para a região. Embora o programa Pró-Haiti tenha sustentado a vinda de imigrantes pioneiros, o trabalho concluiu que a presença da imigração haitiana na área de estudo se dá por meio de uma complexa relação entre as possibilidade e constrangimentos tanto na origem, quanto no destino, e a análise da imigração haitiana não deve ser entendida sob uma perspectiva unidirecional.

**Palavras-chave:** Migração haitiana; Campinas, SP; Barão Geraldo; Redes migratórias; Projetos migratórios; Territórios circulatorios.

## ABSTRACT

Recent Haitian immigration flows to Brazil, especially to the city of Campinas/SP and the surrounding region, are associated with the structuring of South-South migratory flows (Phelps, 2014) and transnational migrations (Guarnizo; Smith, 1998; Guarnizo; Portes; Haller, 2003; Glick-Schiller; Basch; Blanc, 1992; 1995; Glick-Schiller, 2012; Portes, 2004; 2006). In this way, transnational migrations are anchored in globalizing processes (Martine, 2005; Sassen, 2010), which at the same time as boosting the flow of capital and people through networks, are fragmented and selective, producing and accentuating inequalities (Ianni, 2001; Santos, 2012). It is in this context of ambiguities created by globalization that Haitian migrants are inserted, where the formulation of their migratory history takes place through dimensions related to the social context of origin, flow and possibilities of access to destinations, including the intra-municipal sphere, permanently reformulating their migratory projects (Boyer, 2005; Ma Mung, 2009). With this in mind, the aim of this study is to analyze South-South transnational migrations from the context of Haitian immigration in the municipality of Campinas/SP, to advance the theoretical-methodological basis of Haitian immigration, to carry out qualitative interviews with the research subjects, to identify the structuring of migratory networks in the Haitian case (Boyd, 1989; Massey, 1988; Massey *et al.*, 1993; Truzzi, 2008), the circulatory territories (Tarrius, 1993; 2002) of Haitian men and women in Campinas/SP and analyzing their migratory project (Boyer, 2005; Ma Mung, 2009). The methodology used for data collection was participant observation (May, 2004), with the intention of creating access to Haitian immigrants, in order to apply a qualitative questionnaire with semi-structured questions (Marconi; Lakatos, 2003; Boni; Quaresma, 2005). The main results show that the Haitian presence in Campinas/SP is the result of a complex multi-scalar articulation, which is evident through migratory networks (Boyd, 1989; Truzzi, 2008), migratory projects (Boyer, 2005; Ma Mung, 2009) and circulatory territories (Tarrius, 1993; 2000). The creation of the Pro-Haiti program encouraged the arrival of pioneering Haitian immigrants who supported the creation of a migratory network (Boyd, 1989; Truzzi, 2008) for the region. Although the Pro-Haiti program supported the arrival of pioneering immigrants, the study concluded that the presence of Haitian immigration in the study area occurs through a complex relationship between possibilities and constraints both at origin and destination, and the analysis of Haitian migration should not be understood from a unidirectional perspective.

**Keywords:** Haitian migration; Campinas, SP; Barão Geraldo; Migration networks; Migration projects; Circulatory territories.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização Geográfica do Haiti .....	42
FIGURA 2 – Mapa de localização e municípios pertencentes a Região Metropolitana de Campinas (RMC).....	55
FIGURA3 – Mapa de Localização do Distrito de Barão Geraldo.....	62
FIGURA 4 – Mapa de distribuição de renda nominal mensal e residência dos haitianos e haitianas.....	67
FIGURA 5 – Acúmulo de fichas cadastrais no Serviço de Referência ao Imigrante e Refugiado.....	71
FIGURA 6 – Campanha de arrecadação de cestas básicas .....	72
FIGURA 7 – Entrega das cestas básicas arrecadas em meados do primeiro semestre 2020 .....	73
FIGURA 8 – Campanha de venda de camisetas e máscaras para a Associação dos Haitianos e haitianas .....	74
FIGURA 9 – Data da entrega das camisetas (dez./2020) .....	75
FIGURA 10 – Doação de cestas básicas, alocadas no interior da Igreja Cristo Salva .....	76
FIGURA 11 – Fachada da Igreja Cristo Salva em Barão Geraldo.....	77
FIGURA 12 – Atividade cultural na Igreja Cristo Salva – Sopa típica haitiana, bouyon/bouillon (out./2022).....	78
FIGURA 13 – Divulgação do Evento: “I Seminário sobre Direitos Humanos e Imigração: Direito dos Trabalhadores” .....	80
FIGURA 14 – Evento: “I Seminário sobre Direitos Humanos e Imigração: Direito dos Trabalhadores”, dez./2022 .....	81
FIGURA 15 – Divulgação do Evento “Unicamp Afro”, nov./2022 .....	82
FIGURA 16 – Cronologia das atividades de construção do vínculo com a comunidade haitiana.....	82
FIGURA 17 – Construção da rede de contato das entrevistas.....	86
FIGURA 18 – Trabalho de campo nos bairros Jardim Florence I e II, Campinas/SP, março/2023 – Fachada de uma das casas do bairro, Igreja e ruas do bairro .....	88
FIGURA 19 – Fachada da Igreja Cristo Salva da Vila União .....	92
FIGURA 20 – Entrada e interior da Igreja Cristo Salva da Vila União.....	93
FIGURA 21 – Culto dominical. Pastor e intérprete haitiano .....	95
FIGURA 22 – Mapa dos Territórios circulatórios dos haitianos e haitianas em Campinas/SP .....	127

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – IDH comparativo entre Brasil e Haiti, de 1990 a 2021 .....	59
GRÁFICO 2 – IDH comparativo entre Brasil, Haiti e Campinas para o ano de 2000 2010 .....	60
GRÁFICO 3 – Distribuição por sexo de entrevistados/as da pesquisa .....	98
GRÁFICO 4 – Distribuição por religião de entrevistados/as da pesquisa .....	100
GRÁFICO 5 – Distribuição por Amparo Legal de entrevistados/as da pesquisa.....	101
GRÁFICO 6 – Distribuição por ano de chegada de entrevistados/as da pesquisa .	102
GRÁFICO 7 – Distribuição por escolaridade de entrevistados/as da pesquisa.....	102
GRÁFICO 8 – Distribuição por empregabilidade de entrevistados/as da pesquisa.	103
GRÁFICO 9 – Distribuição por vínculo com a Unicamp de entrevistados/as da pesquisa.....	104
GRÁFICO 10 – Distribuição do meio de transporte utilizado para chegar no Brasil de entrevistados/as da pesquisa .....	105
GRÁFICO 11 – Distribuição por uso do Serviço Municipal .....	125

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1 – Imigrantes haitianos e haitianas entrevistados .....</b>	<b>97</b>
--	-----------

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 – MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: DIMENSÕES TRANSNACIONAIS E SUL-SUL</b> .....	<b>19</b>
1.1 Globalização e migrações internacionais: breve contextualização .....	<b>19</b>
1.2 Migrações Sul-Sul .....	<b>32</b>
1.3 Territórios das migrações transnacionais.....	<b>37</b>
<b>CAPÍTULO 2 – IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL: DEZ ANOS DE FLUXO MIGRATÓRIO SUL-SUL</b> .....	<b>42</b>
2.1 Haiti: contexto histórico .....	42
2.2 Início da imigração para o Brasil .....	47
2.3 Território da migração haitiana: Campinas e Barão Geraldo .....	55
2.3.1 Campinas: breve contextualização histórica .....	55
2.3.2 Distrito de Barão Geraldo.....	60
<b>CAPÍTULO 3 – CONSTRUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO: MAPEAMENTO E REALIZAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA</b> .....	<b>69</b>
3.1 Caminhos da pesquisa de campo .....	<b>69</b>
3.2 Entrevistas e interlocutores da pesquisa.....	<b>84</b>
3.2.1 Descrição dos entrevistados .....	97
<b>CAPÍTULOS 4 – PROJETOS MIGRATÓRIOS E TERRITÓRIO IMIGRANTES EM CAMPINAS</b> .....	<b>106</b>
4.1 Rede migratórias: imigrantes haitianos/haitianas em Barão Geraldo, Campinas, São Paulo .....	106
4.2 Presença haitiana em Barão Geraldo: dimensões dos projetos migratórios .	111
4.3 Mobilidades e seu caráter multiescalar .....	120
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>135</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>143</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de doutorado faz parte do Observatório das Migrações em São Paulo – Nepo/Unicamp. O trabalho se propõe a atualizar e avançar na compreensão das imigrações haitianas através dos processos migratórios transnacionais. A pesquisa busca captar os territórios circulatorios (Tarrius, 1993; 2002) da população haitiana em Campinas/SP, por meio do projeto migratório (Boyer, 2005; Ma Mung, 2009) traçado por esses/essas imigrantes.

A estruturação dos fluxos migratórios vindos do Haiti para o Brasil está relacionada aos movimentos migratórios Sul-Sul (Phelps, 2014) no contexto das migrações transnacionais (Guarnizo; Smith, 1998; Guarnizo; Portes; Haller, 2003; Glick-Schiller; Basch; Blanc, 1992; 1995; Glick-Schiller, 2012; Portes, 2004; 2006). Desse modo, as migrações transnacionais ancoram-se nos processos globalizantes (Martine, 2005; Sassen, 2010) que, ao mesmo tempo que dinamizam o fluxo de capital e pessoas através das redes, é fragmentado e seletivo, produzindo e acentuando desigualdades (Ianni, 2001; Santos, 2012).

A hipótese geral deste trabalho é que imigrantes haitianos e haitianas estão inseridos em um contexto de ambiguidades criadas pelas migrações transnacionais, onde a formulação da sua história migratória recontextualiza territórios no destino da migração, os quais, por sua vez, refletem e são refletidos na resignificação de seus projetos migratórios. Ou seja, uma vez que os destinos das migrações são múltiplos e complexos, e muitas vezes, incertos, os projetos migratórios dos haitianos e haitianas vão se formulando frente aos constrangimentos e oportunidades disponíveis nesses destinos. A partir dessas disponibilidades os imigrantes ocupam territórios nacionais, sobretudo intraurbanos e criam territórios de circulação.

Os processos globalizantes, que se deram de forma mais intensa a partir da década de 80, reconfiguraram a forma como os países interagem entre si e a maneira como se colocam no sistema global. Facilitado por avanços tecnológicos, trocas de mercadorias, fluxos de pessoas e sistemas econômicos nunca estiveram tão integrados. De acordo com Santos (2012, p. 22) “a globalização é de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”. A internacionalização do mundo capitalista, faz com que o capital altere os espaços geográficos e influencie as dinâmicas populacionais (Sassen, 1998).

Nesse contexto de intensa integração global, questões e conceituações precisam ser repensadas. A dinâmica populacional, vista através das migrações internacionais, influenciada pelos processos globalizantes ganha uma nova conceituação/ressignificação de acordo com Glick-Schiller e Bash (1995). As autoras propõem uma nova perspectiva sobre essa dinâmica populacional que acompanha os fluxos de capital, no qual o imigrante internacional é reconhecido como migrante transnacional, já que mantém relações constantes com mais de um Estado-Nação. O grande avanço dessa perspectiva é que as autoras reconhecem que as imigrações internacionais, ou melhor, os/as migrantes transnacionais não se limitam a apenas as fronteiras de um único Estado-Nação (Glick-Schiller; Basch; Blanc, 1995).

Nesse sentido, a pesquisa dialogará com os seguintes referenciais teóricos:

- Migrações transnacionais (Guarnizo; Smith, 1998; Guarnizo; Portes; Haller, 2003; Glick-Schiller; Basch; Blanc, 1992; 1995; Glick-Schiller, 2012; Portes, 2004; 2006; Baeninger; Fernandes, 2017);
- Globalização (Sassen, 1998; 2001; 2004; 2010; Santos M., 2012; 2006);
- Imigração haitiana (Audebert, 2012; Baeninger *et al.*, 2016; Cotinguiba; Pimentel-Cotinguiba, 2018; Cotinguiba, 2014; Jacobson, 2003; Audebert; Joseph, 2022; Magalhães, 2017; 2018);
- Redes migratórias (Boyd, 1989; Massey, 1988; Massey *et al.*, 1993; Truzzi, 2008);
- Projetos migratórios (Boyer, 2005; Ma Mung, 2009);
- Territórios circulatorios (Tarrus, 1993; 2002).

Este estudo focaliza a imigração haitiana para Campinas/SP, inicialmente direcionada pelo o oferecimento de bolsas de estudo através do Programa Pró-Haiti na Unicamp. O distrito de Barão Geraldo, lócus da Universidade, torna-se então, um nó importante na rede migratória haitiana, destacando assim, o âmbito intramunicipal, que representa a dimensão constitutiva da reformulação permanente dos projetos migratórios (Boyer, 2005; Ma Mung, 2009).

O recorte geográfico, município de Campinas/SP, se justifica também em função da presença do Serviço de Referência ao Imigrante, Refugiado e Apátrida (SMASDH), da Prefeitura Municipal de Campinas, instalado em 2016, justamente em função da chegada de imigrantes haitianos e haitianas no município (Scatolini; Francisco, 2018).

Esta tese está estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresentou a construção teórica-metodológica a respeito dos processos migratórios do século XXI. O capítulo discute como a globalização econômica pode influenciar nas dinâmicas populacionais, criando novos fluxos migratórios tal como as migrações Sul-Sul, que rompem com o sentido clássico das migrações Sul-Norte, criando o que os autores chamam de transmigrantes. O capítulo termina, lançando luz à centralidade das cidades como espaços da migração internacional, sobretudo, regiões metropolitanas que vão concentrar grandes fluxos de capital e serviço. Aqui chamo a atenção para uma primeira articulação multiescalar: do global, representado pelas transformações econômicas e geopolíticas, e, do local, com os municípios, que são de fato os territórios que enfrentam os desafios da migração internacional.

No segundo capítulo, buscou-se descrever as condicionantes da imigração haitiana para o Brasil na última década. No capítulo anterior foi feito um percurso para compreender o “pano de fundo” da estrutura global, principalmente econômica, que se relaciona com esse fluxo migratório, isso porque, os processos da globalização econômica se manifestam diferentemente no globo e países como o Haiti estiveram e estão em situação de desvantagem nesse “jogo” /escopo econômico. A intenção era caracterizar a história do Haiti, e da cidade de Campinas/SP, com destaque para o distrito de Barão Geraldo, através da perspectiva das migrações internacionais. Analisou-se como essas duas localidades inserem-se na rota das migrações internacionais e quais foram os determinantes que estabeleceram especificamente o fluxo entre Haiti e Campinas/SP.

Para o terceiro capítulo, foi apresentado o desenvolvimento metodológico da pesquisa de campo, com o aporte da observação participante (Marconi; Lakatos, 2003; May, 2004) e aplicação dos questionários semiestruturados com perguntas abertas (Boni; Quaresma, 2005; Marconi; Lakatos). Nesse capítulo foi exposto todo o fluxograma de elaboração das atividades com os imigrantes haitianos e haitianas, bem como, todo o perfil dos (as) imigrantes entrevistados (as). Para além das entrevistas com os imigrantes haitianos/haitianas, também foi apresentado os achados da pesquisa de campo com os atores institucionais.

O quarto e último capítulo traz a análise dos dados coletados na pesquisa de campo sobre a égide do caráter multiescalar que a migração haitiana apresenta, hipótese que não era desenhada desde o início, mas que com a pesquisa de campo, mostrou essa competência multiescalar. Esse capítulo descreve como as redes

migratórias (Boyd, 1989; Massey, 1988; Massey *et al.*, 1993; Truzzi, 2008) são fundamentais para as migrações haitianas, além de descrever aspectos dos projetos migratórios (Boyer, 2005; Ma Mung, 2009) e os territórios circulatorios (Tarrus, 1993; 2002) dos (as) imigrantes haitianos (as) na cidade de Campinas/SP. Por fim o capítulo traz uma reflexão sobre a percepção dos (as) imigrantes haitianos (as) em relação aos pontos positivos e negativos da cidade, pontuando duas questões fundamentais: o emprego e o xenorracismo.

## **CAPÍTULO 1 – MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: DIMENSÕES TRANSNACIONAIS E SUL-SUL**

### **1.1 Globalização e migrações internacionais: breve contextualização**

Esse capítulo busca contextualizar as dimensões teórico-metodológicas sobre as migrações internacionais. O ponto de partida são os processos atuais da globalização, sobretudo econômica, as quais, ao criarem uma infraestrutura de redes, reconfigurará as dinâmicas migratórias internacionais.

Entretanto, a globalização é parcial e inacabada, e isso afeta as migrações de várias maneiras. O dinamismo e a força principal da globalização residem na integração econômica, forjada, imposta e gerenciada pelas regras do liberalismo. Essas regras, porém, são seguidas seletivamente pelos próprios países que as promovem. O resultado é que a globalização apresenta dificuldades e morosidades no cumprimento de suas promessas. Muitos países crescem pouco ou nada e, enquanto isso, as disparidades entre ricos e pobres aumentam. Tais desigualdades contribuem para aumentar o desejo, e até mesmo a necessidade, de migrar para outros países. Entretanto, as regras do jogo da globalização não se aplicam à migração internacional: enquanto o capital financeiro e o comércio fluem livremente, a mão-de-obra se move a conta-gotas (Martine, 2005, p. 1-2).

Desse modo, compreender as migrações internacionais sobre a perspectiva transnacional, lança luz a uma abordagem multiescalar dessa dinâmica demográfica, ponto que versará o tópico seguinte deste capítulo.

A definição usual e comumente associada aos processos globalizantes refere-se a uma dinâmica que existe há muito tempo no globo (Ianni, 2001).

Vista em perspectiva histórica ampla, a globalização vem de longe e envolve diversas formas de organização e dinamização das forças produtivas e das relações de produção: acumulação originária, mercantilismo, colonialismo, imperialismo, interdependência, transnacionalismo e globalismo. São várias, diferentes e inter-relacionadas as formas pelas quais o capitalismo se desenvolve, transforma e generaliza, ao longo da história e da geografia. (Ianni, 2001, p. 183-184).

A definição da globalização como algo presente no mundo há muito tempo coloca o mito de que a globalização levaria a um encurtamento de distâncias, formação de uma aldeia global e uma economia global que integra os vários países do mundo (Santos M., 2012).

No entanto, como Santos M. (2012) discute, essas ideias são insuficientes para explicar os processos globalizantes atuais. O autor diz que “a globalização é o

ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista” (Santos M., 2012, p. 23).

[...] no fim do século XX e graças aos avanços da ciência, produziu-se um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária. Só que a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes. Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, apresentado pela mais-valia globalizada (Santos M., 2012, p. 24).

É através da reestruturação dos sistemas produtivos e financeiros, classificada por Harvey (1992) de acumulação flexível, que o capital ganha fluidez no espaço geográfico e que vai fornecer as bases para a globalização atual.

A acumulação flexível [...] se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego chamado de “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas. [...] Ela também envolve um novo movimento que chamarei de “compressão do espaço-tempo” no mundo capitalista – os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitam, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitam cada vez a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado (Harvey, 1992, p. 140).

Martine (2005) assinala o aspecto econômico como componente decisivo nos processos globalizantes, em que a globalização vai ser caracterizada pela estruturação de uma economia internacional, com grande intercâmbio comercial e financeiro, formando um mercado global. Nesse sentido, como discorre Martine (2005, p. 4) “[...] O aspecto mais notório da globalização na atualidade é, sem dúvida, o crescente predomínio dos processos financeiros e econômicos globais sobre os nacionais e locais”.

Sassen (2010) faz uma ressalva importante de que os Estados nacionais estão envolvidos em menor ou maior grau na implementação de processos globais e não se colocam como meros observadores passivos dos processos globais. O que vemos, até aqui, é que Sassen (2010, p. 16) diz que “as formações globais de hoje

são diversas” e que é necessário analisar os processos globalizantes através de um caráter multiescalar.

“Estudar o global, então, acarreta um foco não apenas naquilo que é explicitamente global em escala, mas também em práticas e condições de escala local que são articuladas com a dinâmica global” (Sassen, 2010, p. 20).

Para Sassen (2004) a globalização pode representar duas dinâmicas, que envolvem diferentes escalas. A primeira refere-se a uma organização global de fato, aquela representada por organizações financeiras e mercados globais e a outra é a parte do processo que acontece dentro dos territórios dos Estados-Nação, mas que, muitas vezes, envolve redes transfronteiriças.

Essa competência multiescalar que a globalização vai assumir depende de um componente importante que são as redes. De acordo com Santos (2006) as redes são compostas de dois aspectos: o material e o imaterial. O material diz respeito as construções técnicas das redes, ou seja, toda a infraestrutura de transporte e comunicação e o sentido imaterial refere-se à troca de informação, comunicação entre as pessoas.

Mas o que é uma rede? As definições e conceituações se multiplicam, mas pode-se admitir que se enquadram em duas grandes matrizes: a que apenas considera seu aspecto, a sua realidade material, e uma outra, onde é também levado em conta o dado social. [...] A rede também é social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam (Santos M., 2006, p. 176).

A mobilidade do capital e controle transfronteiriço vai exigir uma rede, sobretudo na sua definição material, altamente tecnológica e integrada, a fim de permitir trocas financeiras mais dinâmicas, transporte de mercadoria e produtos e regulação de um mercado mundial (Sassen, 2001). Como completa Santos (2006, p. 269) “graças aos progressos técnicos e às formas atuais de realização da vida econômica, cada vez mais as redes são globais [...]”.

Assim como o capital, a mobilidade de pessoas também pode se beneficiar da estruturação das redes. Porém, é importante fazer uma ressalva, pois embora as redes de transporte estejam mais rápidas e integradas, a globalização tem um caráter desigual. Da mesma forma que a acumulação flexível (Harvey, 1992), a globalização reafirma espaços hegemônicos em detrimento de outros que estarão na periferia do capitalismo.

[...] As tecnologias e formas organizacionais flexíveis não se tornaram hegemônicas em toda parte - mas o fordismo que as precedeu também não. [...] As novas tecnologias aumentaram o poder de certas camadas privilegiadas (Harvey, 1992, p. 179).

A supremacia de alguns países em relação a outros acontece porque as regras do jogo dos processos globalizantes foram determinadas pelos países desenvolvidos no que diz respeito a sua posição dentro do capitalismo (Martine, 2005). Esses processos fizeram com que desigualdades fossem acentuadas. “Não existe homogeneidade do espaço, como, também, não existe homogeneidade das redes” (Santos, 2006, p. 267).

A globalização, sustentada pelas dinâmicas econômicas capitalistas, vai acentuar as desigualdades entre os diferentes níveis territoriais.

No mundo globalizado, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições. E, também, uma nova importância, porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a sua localização. Os atores mais poderosos reservam os melhores pedaços do território e deixam o resto para os outros. [...] Com a globalização, todo e qualquer pedaço da superfície da Terra se torna funcional às necessidades usos e apetites de Estados e empresas (Santos M., 2012, p. 79 e 81).

Essas desigualdades se manifestam na apropriação insuficiente dos avanços tecnológicos das redes de comunicação e transporte levando a uma infraestrutura e serviços sociais insuficientes para a população (Santos M., 2012). A carência desses elementos pode levar a tensões e violência nos governos locais, criando assim, pressões para emigrar (Roig, 2018).

É necessário compreender que, para além de suas vontades, as pessoas também se movem muitas vezes de maneira forçada. A comunidade internacional tem presenciado um enorme volume de migrantes de países em crise [...]. A migração deve ser feita por escolha e não por necessidade. Portanto, é essencial que a opção de permanecer no próprio país seja viável a todas as pessoas. [...] A educação, o emprego decente, os salários justos, os cuidados de saúde acessíveis e a habitação decente devem estar disponíveis para todos sem terem de migrar (Roig, 2018, p. 27 e 30).

Sassen (2010) discute que é preciso pensar sobre as imigrações internacionais dentro da globalização “para além de explicações de atração e repulsão” (Sassen, 2010, p. 114). Esta autora faz uma discussão profícua a respeito das migrações, dedicando um capítulo para compreender “a criação das migrações internacionais” no escopo das globalizações. Corroborando com a literatura exposta até então, Sassen (2010, p. 116) escreve que:

A formação de sistemas globais ajudou na ampliação daqueles que eram redes muito mais localizadas, induzindo também a formação de novos tipos de tráfico e novos fluxos, muitas vezes como resposta aos efeitos devastadores da globalização das economias de países pobres [...].

Observamos, portanto, dois elementos importantes já mencionados anteriormente e descritos por Sassen (2010), primeiro: a presença das redes e seu papel na mobilidade de informação e pessoas e segundo: as estruturas econômicas desigualmente manifestadas entre os países do mundo. No desenvolvimento de seu trabalho e no esforço de estabelecer a relação entre migrações internacionais e globalização, Sassen (2010) apresenta três aspectos que irão compor essa relação, que são:

[...] a geoeconomia das migrações internacionais, que explica o grau considerável de padronização evidente nas migrações e proporciona o contexto crucial para entender a dinâmica pela qual uma condição geral de pobreza, desemprego ou subemprego pode ser ativada como um fator de repulsão para migração; em segundo, a formação contemporânea de mecanismos que conectam países emigrantes e de imigração, particularmente mecanismos que surgem com a globalização econômica; e em terceiro, a exportação organizada legal e ilegal de trabalhadores (Sassen, 2010, p. 117).

A intenção até o momento é mostrar como essa permeabilidade do capital, facilitada pela globalização irá (re)configurar as migrações internacionais. Como completa Baeninger (2016, p. 23).

À medida que as localidades se inserem na lógica global, as migrações internacionais tenderão a se intensificar, correspondendo à mesma velocidade da mobilidade do capital na contemporaneidade como a consequente redefinição no papel da migração no desenvolvimento e constituição do mercado de trabalho no país”

Assim, é através dos processos transnacionais que podemos ver a interação da reestrutura econômica global, a revolução tecnológica e as microdinâmicas sociais dos migrantes (Guarnizo; Smith, 1998):

[...] três fatores [estão] ligados aos processos de migração: a microdinâmica da migração, a globalização econômica e do capitalismo, a reestruturação da economia e a revolução tecnológica (Guarnizo; Smith, 1998, p. 17, tradução própria)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> No original: “We will address three factors connected to the processes of migration, namely: the microdynamics of migration; the globalization of capitalism and economic reorganization of the economy; and the technological revolution”.

Da mesma forma, Portes (2004) salienta a importância das redes e do avanço tecnológico para os fenômenos transnacionais. Embora esse fenômeno não seja novo, foi graças ao grande avanço das redes de transporte e comunicação que a conexão entre várias fronteiras nacionais foi intensificada.

Por mais fortes que fossem, no passado, as motivações dos imigrantes para manter os laços – econômicos, políticos ou culturais– com os respectivos países de origem, os meios que tinham ao dispor para o conseguirem eram bastante escassos em comparação com aqueles de que hoje em dia dispõem os imigrantes. Este fato explica em boa parte, se não na totalidade, a densidade e a complexidade atingidas pelo transnacionalismo imigrante contemporâneo [...] (Portes, 2004, p. 74).

De acordo com Parella e Cavalcanti (2017), a noção de migração internacional era compreendida na lógica de que o imigrante se fixaria permanentemente no país de destino, desvinculando-se do seu país de origem. No entanto, ainda segundo Parella e Cavalcanti (2017) as migrações transnacionais aparecem em um contexto de diversificação e grande intensidade de fluxos, sustentadas e facilitadas pela globalização e implementação das redes, nas quais, “a tecnologia é sem dúvida um fator diferencial que marca um antes e depois na configuração das redes e conexões transnacionais” (Parella; Cavalcanti, 2017, p. 709).

Assim sendo, a formação desse capitalismo global, estruturando uma sociedade em rede, irá fornecer as bases para os processos transnacionais, no qual o transnacionalismo é um produto do capitalismo globalizado (Glick-Schiller; Basch; Blanc, 1992). Olhar para as migrações com o enfoque do transnacionalismo nos permite.

[...] examinar as forças econômicas que estruturam os fluxos migratórios internacionais e colocar as respostas dos migrantes a essas forças e suas estratégias de sobrevivência, práticas culturais e identidades dentro do contexto histórico mundial de poder diferencial e desigualdade (Glick-Schiller; Basch; Blanc, 1992, p. 8, tradução própria)<sup>2</sup>.

Da mesma forma, concordando com Glick-Schiller; Basch e Blanc (1992), Guarnizo e Smith (1998) explicam os processos transnacionais como algo complexo e contemporâneo que, além de apresentarem uma complexidade relativa às escalas

---

<sup>2</sup> No original: “Examine the economic forces that structure the flows of international migration and to place the migrants’ responses to these forces and their strategies of survival, cultural practices and identities within the worldwide historical context of differential power and inequality”.

geográficas, de conectar o global com o nacional, também estão relacionados com os aspectos econômicos e com a estruturação de uma sociedade em rede.

A convergência de vários fatores históricos ajudam explicar a complexidade do transnacionalismo [...] Estes incluem: a globalização do capitalismo com seus efeitos desestabilizadores em países menos industrializados; a revolução tecnológica nos meios de transporte e comunicação; transformações políticas globais, como a descolonização e a universalização dos direitos humanos; a expansão das redes sociais que facilitam a reprodução da migração transnacional, organização econômica, e política (Guarnizo; Smith, 1998, p. 4, tradução própria)<sup>3</sup>.

Assim como o capital, que ganha fluidez no espaço geográfico, os migrantes transnacionais acompanham o fluxo de capital e a inserção das localidades na D.I.T (Divisão Internacional do Trabalho) (Harvey, 1992; Baeninger, 2012), mantendo conexão com o seu país de origem, por meio, por exemplo, do envio de remessas (Magalhães, 2017).

Estabelecida a relação entre os processos globalizantes com os processos transnacionais, é importante definir o conceito de migrante transnacional. Existe um consenso na academia em relação ao significado do termo. O trabalho de Glick-Schiller; Basch e Blanc (1992) foi pioneiro nesta conceituação. As autoras definem o migrante transnacional como:

Processo no qual os imigrantes constroem laços sociais que ligam seu país de origem com o seu país de destino. Imigrantes que constroem esses laços são os transmigrantes. Os transmigrantes desenvolvem e mantêm múltiplas relações (familiar, economia, social, organizacional, religiosa e política) que atravessa fronteiras. Os transmigrantes agem, tomam decisões, se preocupam e desenvolvem identidades dentro de redes sociais que os conectam duas ou mais sociedades simultaneamente (Glick-Schiller; Basch; Blanc, 1992, p. 1-2, tradução própria)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> No original: "The convergence of several historically specific factors all help explain the complexity of transnationalism. This is a new complexity not only in terms of scale, but also because of the scope of effects that contemporary transnational flows have upon the societies involved. These include: • the globalization of capitalism with its destabilizing effects on less industrialized countries; • the technological revolution in the means of transportation and communication; • global political transformations such as decolonization and the universalization of human rights; and • the expansion of social networks that facilitate the reproduction of transnational migration, economic organization, and politics".

<sup>4</sup> No original: "Transnationalism as the processes by which immigrants build social fields that link together their country of origin and their country of settlement. Immigrants who build such social fields are designated "transmigrants". Transmigrants develop and maintain multiple relations familial, economic, social, organizational, religious, and political that span borders. Transmigrants take actions, make decisions, and feel concerns, and develop identities within social networks that connect them to two or more societies simultaneously".

Em um trabalho posterior Glick-Schiller (2012) preocupou-se em diferenciar os conceitos de transmigrante e transnacional.

[...] o campo social transnacional é um conceito mais amplo do que o de transmigrante e os processos de migração transnacional em que estão envolvidos os transmigrantes. Os atores do campo social transnacional não são necessariamente migrantes ou indivíduos móveis, embora o termo abranja indivíduos que têm um histórico de movimento ou conexão através das fronteiras<sup>5</sup> (Glick-Schiller, 2012, p. 26).

A autora explica que os transmigrantes são “imigrantes internacionais que mantem uma rede de conexões com pessoas de ascendência comum, ao mesmo tempo que se estabelecem em um novo país” (Glick-Schiller, 2012, p. 26<sup>6</sup>). Já o conceito de transnacional não envolve necessariamente migrantes, mas chama atenção para processos que desenvolvem redes de relações sociais através de fronteiras.

Guarnizo; Portes e Haller (2003) buscaram estimar o nível de transnacionalismo existente em algumas comunidades de imigrantes (Salvadorenses, Dominicanos e Colombianos) nos Estados Unidos. Guarnizo; Portes e Haller (2003) elencaram algumas categorias que seriam referentes às atividades transnacionais, como: membro em um partido político no país de origem, contribuição monetária para esses partidos, membros em sociedades civis na sua cidade natal, contribuições monetárias para organizações civis no país de origem e membros de organizações de filantrópicas também no país de origem.

Imigrantes Salvadorenses, Dominicanos e Colombianos da onda mais nova de imigração para os Estados Unidos [...]. Convencionalmente, a participação política é medida por indicadores relacionados ao eleitorado. Entretanto, os imigrantes também procuram ser representados e participar da tomada de decisões por outros meios políticos que não as eleições. Assim, sob o conceito de participação política transnacional, incluímos tanto atividades eleitorais quanto não eleitorais destinadas a influenciar as condições no país de origem (Guarnizo; Portes; Haller, 2003, p. 1218 e 1223, tradução própria)<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> No original: “Transnational social field is a broader concept than that of transmigrant and the processes of transnational migration in which transmigrants engage. The actors in a transnational social field are not necessarily migrants or mobile individuals, although the term encompasses individuals who either have a history of movement or connection across borders”.

<sup>6</sup> No original: “The concept [transmigrants] draws attention to the process that develop and maintain networks of social relations across borders as part of the everyday life of the members of the networks”.

<sup>7</sup> No original: “Salvadoran, Dominican and Colombian immigrants form part of the newest wave of mass immigration in the United States [...]. Conventionally, political participation is measured by electorally related indicators. However, immigrants also seek to be represented and participate in decision making through political means other than elections. Thus, under the concept of transnational political participation, we include both electoral and nonelectoral activities aimed at influencing conditions in the home country”.

Embora os modelos estatísticos usados por esses autores tenham apresentado uma fraca evidência transnacional, sobretudo das variáveis relacionadas aos aspectos políticos da amostra, a definição de imigrantes transnacionais se mantém a mesma da citada anteriormente, de que as “ações transnacionais são socialmente delimitadas além das fronteiras nacionais” (Guarnizo; Portes; Haller, 2003, p. 1239):

[...] Nossa primeira conclusão significativa é que o campo político transnacional não é tão extenso ou uniformemente distribuído entre os imigrantes contemporâneos como proposto por relatos anteriores. Na verdade, o número de imigrantes que estão regularmente envolvidos em ativismo transfronteiriço é relativamente pequeno. Entretanto, esta proporção atinge até um terço da amostra se passarmos para uma definição mais inclusiva de transnacionalismo. A flutuação entre um núcleo pequeno e uma amostra maior de ativistas transnacionais sugere sua sensibilidade à mudança das condições contextuais. Assim, enquanto núcleos transnacionais permanecem envolvidos na política de seus países de origem via eleitoral ou não eleitoral, outros tornam-se ativos apenas em conjunturas especiais, tais como eleições altamente disputadas ou desastres naturais. [...] Concluindo, nossa evidência demonstrou que existe um campo de ação transnacional estável e significativo que conecta imigrantes com seus países de origem (Guarnizo; Portes; Haller, 2003, p. 1238-1239, tradução própria)<sup>8</sup>.

Neste trabalho, Guarnizo; Portes e Haller (2003) sublinham a importância de tratar dos imigrantes como transnacionais com cautela, no sentido de que não são viagens esporádicas e envios pontuais de ajuda financeiras que vão classificar os imigrantes como transnacionais, mas são as atividades políticas ou econômicas regulares que estão no cerne do fenômeno do transnacionalismo migrante.

Glick-Schiller *et al.* (1995) já haviam destacado que os imigrantes transnacionais se configuram como imigrantes que mantêm múltiplas e constantes interconexões através de fronteiras internacionais com mais de um Estado-Nação.

---

<sup>8</sup> No original: “Our first significant conclusion is that the transnational political field is not as extensive or evenly distributed among contemporary immigrants as proposed by previous accounts. In fact, the number of immigrants who are regularly involved in cross-border activism is relatively small. However, this proportion reaches up to one-third of the sample if we shift to a more inclusive definition of transnationalism. The fluctuation between a small core and a larger soft rim of transnational activists suggests its sensitivity to changing contextual conditions. Thus, while core transnationals stay involved in their home country politics via electoral or nonelectoral means, others become active only at special junctures such as highly contested elections or natural disasters. [...] In conclusion, our evidence demonstrates that a stable and significant transnational field of political action connecting immigrants with their countries of origin does exist”.

“A imigração transnacional é o processo em que os imigrantes forjam e sustentam simultaneamente relações sociais multifacetadas que ligam suas sociedades de origem com a sua sociedade de assentamento” (Glick-Schiller *et al.*, 1995, p. 48, tradução própria)<sup>9</sup>.

A mesma precaução é colocada por Portes (2004) em que o autor explica que não são envios e relações pontuais que fazem o imigrante ser classificado como transnacional.

Apesar de reduzida dimensão numérica dos envolvidos, as ações transnacionais realizadas com regularidade por um dado conjunto de ativistas, somadas às atividades pontuais de outros imigrantes, acabam por resultar num processo de significativo impacto econômico e social para as comunidades e para as próprias nações em causa (Portes, 2004, p. 77).

Agora, na medida em que ações como o envio de remessas e viagens frequentes para o país de origem “são multiplicadas milhares de vezes podem se tornar um fluxo monetário importante para os países de emigração” (Portes, 2004, p. 77).

Se, numa perspectiva individual, o ato de enviar remessas, de comprar uma casa na terra natal, ou de até aí viajar de vez em quando, acarreta consequências meramente pessoais, no cômputo geral esses atos podem alterar a fortuna e a cultura dessas terras e, inclusive, dos países a que estas pertencem (Portes, 2004, p. 77).

Em outro trabalho de Guarnizo e Smith (1998), os autores explicam que os transmigrantes formam uma tríade de relações e dinâmicas em que essa tríade conecta os transmigrantes com o local de migração e o seu local de origem. Ou seja, assim com Glick-Schiller *et al.* (1992), a noção de que o transnacionalismo vai extrapolar as fronteiras dos Estados-Nação também é apontada por Guarnizo e Smith (1998).

As relações translocais são constituídas dentro de pontos histórico e geograficamente específicos na origem da migração e estabelecidos pelos transmigrantes. Essas relações são dinâmicas, mutáveis e dialéticas. Elas formam uma tríade que conecta o transmigrante com a localidade de migração e sua localidade de origem. A localidade da migração oferece um contexto específico de oportunidades e constrangimentos (e.x: condições do mercado de trabalho, percepções do grupo migrante, presença ou ausência de outros de mesma nacionalidade) no qual os migrantes entram. O ajuste entre tipos específicos de migrantes e contextos locais e nacionais específicos no exterior molda não apenas a probabilidade de gerar, manter ou abandonar laços transnacionais, mas também a própria natureza dos laços que os migrantes podem forjar com seu lugar de origem. Enquanto as práticas transnacionais vão além de dois ou mais territórios nacionais, elas são construídas dentro dos limites de relações sociais, econômicas e políticas

---

<sup>9</sup> No original: “Transnational migration is the process by which immigrants forge and sustain simultaneous multi-stranded social relations that link together their societies of origin and settlement”.

específicas que são unidas por interesses e significados compartilhados e percebidos (Guarnizo; Smith, 1998, p. 13, tradução própria)<sup>10</sup>.

A definição de transnacionalismo abordada por Portes (2006) também coaduna com as abordagens de Glick-Schiller *et al.* (1992); Guarnizo e Smith (1998) e Glick-Schiller (2012). Para Portes (2006, p. 210-211):

[...] designaríamos como transnacionais as atividades iniciadas e mantidas por atores não institucionais, o que significa que ocorrem à margem dos limites de regulação e do controle estatais. Mesmo que supervisionadas por agências dos Estados, a principal característica das atividades transnacionais consiste no fato de representarem iniciativas direcionadas para objetos concretos, que requerem coordenação transfronteiriça por parte de membros da sociedade civil.

Dois elementos importantes que compõem todo o escopo das migrações transnacionais podem ser concluídos. Primeiro, é um conceito multiescalar, que irá conversar e sustentar as discussões dos próximos tópicos. Segundo a estruturação de uma sociedade em rede, muito graças aos processos de globalização já discutidos anteriormente. Como apresentam Glick-Schiller *et al.* (1995, p. 49)<sup>11</sup>:

[...] a reestruturação do capital global é vinculada a diminuição das fronteiras nacionais e na produção de distribuição de objetos, ideias e pessoas. Os processos transnacionais são cada mais visto como parte de um fenômeno amplo de globalização, marcado pelo desaparecimento do Estado-Nação e pelo crescimento das cidades do mundo que servem como nós-chave da comunicação e controle da acumulação flexível do capital.

À vista disso, entendo que esses componentes convergem com as ideias de Guarnizo e Smith (1998) quando os autores falam do transnacionalismo “de baixo para cima” e de “cima para baixo”. Essas nomenclaturas expressam nada mais do que o caráter multiescalar dos processos transnacionais, nos quais o transnacionalismo

---

<sup>10</sup> No original: “Translocal relations are constituted within historically and geographically specific points of origin and migration established by transmigrants. Such relations are dynamic, mutable, and dialectical. They form a triadic connection that links transmigrants, the localities to which they migrate, and their locality of origin. The locality of migration provides a specific context of opportunities and constraints (e.g., labor market conditions, popular and official perceptions of the migrant group, the presence or absence of other co-nationals) into which migrants enter. The fit between specific kinds of migrants and specific local and national contexts abroad shapes not only the likelihood of generating, maintaining or forsaking transnational ties, but also the very nature of the ties that migrants can forge with their place of origin. While transnational practices extend beyond two or more national territories, they are built within the confines of specific social, economic, and political relations which are bound together by perceived shared interests and meanings”.

<sup>11</sup> No original: “Restructuring of capital globally is seen as linked to the diminished significance of national boundaries in the production and distribution of objects, ideas, and people. Transnational processes are increasingly seen as part of a broader phenomenon of globalization marked by the demise of the nation-state and the growth of world cities that serve as key nodes of flexible capital accumulation, communication, and control”.

de “baixo para cima” estão os imigrantes e familiares, e no transnacionalismo de “cima para baixo” estão os atores institucionais e estatais. Guarnizo e Smith (1998) entendem que nesse sentido, os Estado-Nação são palco dessa competência multiescalar.

Os Estados-Nação são visto como enfraquecido pelo capital transnacional, pela mídia global e pelas instituições políticas supranacionais emergente vindos “de cima”. “De baixo” enfrentam as resistências locais da economia informal, do nacionalismo étnico e do ativismo de base” (Guarnizo; Smith, 1998, p. 1)<sup>12</sup>.

O que percebemos até aqui é que a conceituação da migração transnacional rompe com as ideias do assimilacionismo, porque:

Os transmigrantes se apoiam e criam identidades fluídas e múltiplas fundamentadas tanto em sua sociedade de origem como nas sociedades anfitriãs. Enquanto alguns migrantes se identificam mais com uma sociedade do que com a outra, a maioria parece manter várias identidades que os ligam simultaneamente a mais de uma nação (Glick-Schiller; Basch; Blanc, 1992, p. 11, tradução própria)<sup>13</sup>.

Como assimilacionismo adoto a definição descrita por Portes (2006, p. 215), em que é a “[...] progressiva aprendizagem e adoção da língua, da cultura e dos padrões de comportamento da sociedade receptora e correspondente abandono dos mesmos traços relativos ao país de origem”.

Espera-se que os imigrantes que se estabelecem no exterior acabem se assimilando aos sistemas socioculturais e econômicos da sociedade dominante, ao mesmo tempo em que abandonam suas “velhas” práticas culturais e lealdades políticas (Warner e Srole 1945; Gordon 1964; Alba 1985). A principal hipótese derivada desta perspectiva é que quanto mais tempo os imigrantes vivem e são socializados nos caminhos da sociedade anfitriã, maior é a probabilidade de serem completamente absorvidos por ela (Guarnizo; Portes; Haller, 2003, p. 1215, tradução própria)<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> No original: “The nation- state is seen as weakened “from above” by transnational capital, global media, and emergent supra-national political institutions. “From below” it faces the decentering “local” resistances of the informal economy, ethnic nationalism, and grassroots activism”.

<sup>13</sup> No original: “Transmigrants draw upon and create fluid and multiple identities grounded both in their society of origin and in the host societies. While some migrants identify more with one society than the other, the majority seem to maintain several identities that link them simultaneously to more than one nation”.

<sup>14</sup> No original: “Immigrants who settle abroad are eventually expected to assimilate into the dominant society’s sociocultural and economic systems while simultaneously shedding their “old” cultural practices and political loyalties (Warner; Srole, 1945; Gordon, 1964; Alba, 1985). The main hypothesis derived from this perspective is that the longer immigrants live and are socialized into the ways of the host society, the greater the likelihood of their becoming thoroughly absorbed in it”.

Da mesma forma, Glick-Schiller (2012) corrobora e ressalta a importância de estudar as migrações internacionais com o viés do transnacionalismo, já que as abordagens assimilacionistas do século passado não conseguem explicar as novas dinâmicas migratórias atuais. Sendo assim, a autora coloca que “é importante que os estudiosos da migração avaliem a relação entre a dinâmica migratória, as políticas de migração do estado, os paradigmas migratórios e a dinâmica global da acumulação de capital” (Glick-Schiller, 2012, p. 33)<sup>15</sup>.

Ainda sobre a importância de romper com a perspectiva assimilacionista, Guarzio *et al.* (2003) argumentam que a perspectiva transnacional trouxe uma nova abordagem para as migrações internacionais, já que proporciona uma análise dos laços e relações contínuas que os migrantes mantêm com seu país de origem.

Enquanto a viagem ocasional para casa ou uma contribuição financeira esporádica a um partido político de um país de origem certamente ajuda a fortalecer o campo transnacional, estas atividades intermitentes não justificam por si só o surgimento de um novo termo [transnacional]. É o crescimento de uma nova classe de imigrantes, empreendedores econômicos ou ativistas políticos que realizam atividades transfronteiriças de forma regular, que reside no centro do fenômeno [...]. Porém, o engajamento transnacional não se limita apenas às atividades da esfera pública. Os atores transnacionais também incluem membros de famílias ou lares residentes em mais de um país que mantêm relações estáveis uns com os outros (Guarnizo; Portes; Haller, 2003, p. 1213, tradução própria)<sup>16</sup>.

O ponto de convergência das migrações transnacionais e globalização é que ambos os processos rompem com as fronteiras dos Estados-Nação e desafiam o papel regulatório dos Estados. Sendo assim, em função desta grande variedade de fluxos entre os países do Sul, o próximo tópico se concentrará nas discussões entre os fluxos Sul-Sul representados entre Haiti e Brasil, a partir do século XXI.

---

<sup>15</sup> No original: “It is important that migration scholars assess the relationship between migration dynamics, state migration policies, migration paradigms, and global dynamic of capital accumulation”.

<sup>16</sup> No original: “While the occasional trip home or a sporadic financial contribution to a home country political party certainly helps to strengthen the transnational field, these intermittent activities do not justify by themselves the coining of a new term. It is the rise of a new class of immigrants, economic entrepreneurs or political activists who conduct cross-border activities on a regular basis, that lies at the core of the phenomenon [...] Transnational engagement is not limited solely to public sphere activities, though. Transnational actors also include members of families or households residing in more than one country who maintain steady relations with each other”.

## 1.2 Migrações Sul-Sul

As exposições feitas acima conduzem por adotar um conceito que seja capaz de compreender o espaço da migração transnacional como um espaço que articula o global, nacional e local. O contexto das migrações Sul-Sul torna-se, portanto, relevante para a compreensão dos fluxos migratórios transnacionais.

A existência dos fluxos Sul-Sul, começou a ganhar atenção da academia e das agências internacionais como a ONU, no final do século passado. Essa atenção se volta porque esses fluxos Sul-Sul começam a se intensificar e a ressignificar os destinos clássicos da migração Sul-Norte (Campillo-Carrete, 2013; Melde *et al.*, 2014; Phelps, 2014). Antes de nos debruçarmos nas explicações a respeito das migrações Sul-Sul, vale fazer uma breve contextualização do que iremos chamar de Norte e de Sul.

A terminologia Norte e Sul agrupa os países do Norte como sendo aqueles mais desenvolvidos economicamente, sobretudo EUA, Canadá e Europa, e países do Sul como sendo menos desenvolvidos ou em desenvolvimento, como todo o continente africano, Ásia, México, América Central e América do Sul (Melde *et al.*, 2014):

O termo "Sul" abrange inevitavelmente um grupo muito diversificado de países e é geralmente usado de forma muito solta, quase metaforicamente. O que ele dispensa, porém, é a natureza hierárquica e as conotações de inferioridade inerentes a termos como "Terceiro Mundo" [...], mas certamente não há unanimidade sobre quais países devem ser considerados como parte do Sul. [...] O PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) usa o índice de desenvolvimento humano para determinar quais países fazem parte do Sul [...]. Todos os países com um IDH baixo são considerados países do Sul. No entanto, países que se enquadram na definição de IDH de países do Sul ainda são muito heterogêneos: em um extremo do espectro temos países como Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS) enquanto outros estão em extrema pobreza e são estados carentes como Haiti, Lesoto e Timor Leste (Melde *et al.*, 2014, p. 7)<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> No original: "The term "South" inevitably encompasses a very diverse group of countries and is generally used very loosely, almost metaphorically. What it dispenses with, though, is the hierarchical nature and connotations of inferiority inherent in terms such as "Third World" [...]. But there is certainly no unanimity on which countries should be considered part of the South [...]. UNDP uses the Human Development Index (HDI) to determine which countries belong in the South. [...] All countries without a very high HDI are considered part of the South. Countries that fall within the HDI definition of the South are still very heterogeneous, however: at one end of the spectrum are countries like Brazil, Russia, India, China and South Africa (BRICS), while at the other are extremely poor and deprived states like Haiti, Lesotho or Timor-Leste".

Esclarecido o que considero Sul e o que considero Norte, a migração Sul-Sul pode ser vista através de uma lente que mostra que esse fluxo não é novo, pelo contrário, apresenta origens históricas. Essa historicidade vem de relações entre África e Ásia (Bakewell *et al.*, 2009):

Por exemplo, os europeus que chegaram à costa angolana descobriram pela primeira vez sobre o interior de viajantes e comerciantes africanos (von Oppen, 1995). Os europeus não introduziram a escravidão na África; o comércio de escravos do Atlântico trouxe uma nova escala e brutalidade à prática da escravidão doméstica, que foi encontrada em muitas regiões do continente (Birmingham, 1981; Miller, 1988). É importante não esquecer que havia também uma prática antiga de escravidão "Sul-Sul" da África ao Oriente Médio e Ásia (Jayasuriya; Angenot, 2008). [...] Em contraste, o estabelecimento do colonialismo europeu pela África e Ásia nos séculos XIX e XX criou padrões onipresentes de migração que podem ser vistos até hoje (Bakewell *et al.*, 2009, p. 7)<sup>18</sup>.

Os laços coloniais europeus, através de nações como Portugal e Inglaterra criaram esse controle de mobilidade, sobretudo para suprir carência de mão de obra nas áreas colonizadas por eles (Bakewell *et al.*, 2009). Mesmo depois do período pós-colonial, Bakewell *et al.* (2009, p. 8) mostram que:

Por exemplo, muitos moçambicanos continuam exercendo um papel significativo nas minas da África do Sul. A Costa do Marfim, Gana e Nigéria, continuaram sendo os polos regionais significativos de migração no Oeste da África atraindo pessoas do norte semi-árido para as grandes cidades e economias mais fortes na costa<sup>19</sup>.

O artigo de Bakewell *et al.* (2009) discute que quando o colonialismo acaba, uma nova rota (fluxo) de migração tão problemática quanto o fluxo de mão de obra anteriormente citado começa. Esse fluxo diz respeito aos refugiados, concentrados principalmente na região Sul da África e Oriente Médio.

---

<sup>18</sup> No original: "For example, Europeans arriving on the Angolan coast first found out about the interior from African travellers and traders (von Oppen, 1995). The Europeans did not introduce slavery to Africa; the Atlantic slave trade brought a new scale and brutality to the practice of domestic slavery, which was found in many regions across the continent (Birmingham, 1981; Miller, 1988). It is important not to forget that there was also an older 'South-South' practice of slavery from Africa to the Middle East and Asia (Jayasuriya; Angenot, 2008). [...] In contrast, the establishment of European colonialism across Africa and Asia in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> early centuries established pervasive patterns of migration which can still be seen today".

<sup>19</sup> No original: "These patterns of South-South migration continued into the post-colonial period. For example, many Mozambicans continue to play a very significant role in the mines of South Africa. Côte d'Ivoire, Ghana and Nigeria have continued to be the significant regional poles for migration in West Africa drawing in people from the semi-arid north to the larger cities and stronger economies on the coast".

[...] Guerra civil na Nigéria, Sudão e Somália, por exemplo, forçaram a fuga de milhões de pessoas como refugiados através das fronteiras de países vizinhos na África (e mais milhões de pessoas deslocadas internamente nos seus próprios países) através de gerações (Bakewell *et al.*, 2009, p. 8)<sup>20</sup>.

No entanto, as migrações Sul-Sul não são mais conduzidas apenas como suprimento de mão de obra ou população refugiada. Ratha e Shaw (2007) apontam que, na contemporaneidade, as migrações Sul-Sul podem ter vários determinantes, sendo eles: proximidade territorial, rede de migrantes já estabelecida, diferença de renda entre os países, sobretudo aqueles países do Sul com renda média recebendo imigrantes provenientes de países vizinhos de renda mais baixa, pequeno comércio de mercadoria, muitas vezes informal, e uma migração de trânsito, onde imigrantes do Sul migram para outros países do Sul apenas como uma etapa do seu processo migratório, consistindo em seu destino final países do Norte.

Renda, proximidade e redes são os principais motores da migração dos países em desenvolvimento para os países industrializados (Banco Mundial 2005). Como os diferenciais de renda Sul-Sul são relativamente modestos, a proximidade e as redes provavelmente têm um impacto proporcionalmente maior. As motivações para a migração Sul-Sul também incluem os padrões sazonais e a fuga de desastres lógicos ecológicos ou conflitos civis (Ratha; Shaw, 2007, p. 15)<sup>21</sup>.

Da mesma forma, o trabalho de Phelps (2014) discute que migrações Sul-Sul são mais suscetíveis de acontecer entre fronteiras geográficas próximas, e entre países contíguos. Isso porque, esse movimento, comparado ao de migrações Sul-Norte, oferece menor risco e pode ser mais acessível. Phelps (2014) apresenta mais dois pontos de concordância com o trabalho de Ratha e Shaw (2007), primeiro: que as migrações Sul-Sul também apresentam um caráter temporário já que esses imigrantes tendem a voltar para o seu país de origem quando os contratos de trabalho são finalizados. Segundo: as migrações Sul-Sul acontecem entre países com pequenos diferenciais de renda.

---

<sup>20</sup> No original: “[...] civil wars, for example in Nigeria, Sudan and Somalia, forced millions of people to flee across borders as refugees to neighbouring countries in Africa (and millions more within their countries as internally displaced persons) over generations”.

<sup>21</sup> No original: “Income, proximity, and networks are the major drivers of migration from developing to industrial countries (World Bank, 2005). As South-South income differentials are relatively modest, proximity and networks likely have a proportionally greater impact. Motivations for South-South migration also include seasonal patterns and flight from ecological disasters or civil conflict”.

MSS [Migrações Sul-Sul] ocorre entre distâncias menores. MSS tende a acontecer entre menores distâncias geográficas – muitas vezes dentro de países ou entre fronteiras que são imediatas. Talvez, em razão de fronteiras com capacidade de fiscalização mais fraca, projeto de integração regional e histórias complicadas de construção de nações, o Sul tende a ter "contextos relativamente menos restritivos para a livre mobilidade das pessoas, em comparação com o Norte". Trabalhadores de nações de menor renda "tendem a se deslocar para países vizinhos que têm apenas pequenas diferenças de renda de seu próprio país" devido à acessibilidade, baixa seletividade e baixos níveis de risco (Phelps, 2014, p. 3)<sup>22</sup>.

Muito embora o trabalho de Ratha e Shaw (2007) indique que, numericamente, as migrações Sul-Norte ainda sejam superiores as Sul-Sul, os autores chamam a atenção para a emergência dos fluxos Sul-Sul. Contudo, é relevante ter em mente que muitas vezes, as migrações Sul-Sul são mais irregulares e indocumentadas, o que torna a mensuração e compreensão do fenômeno mais difícil (Phelps, 2014).

O trabalho de Baeninger (2018a) também indica a necessidade do debate sobre as migrações Sul-Sul quando a temática apareceu na Assembleia Geral das Nações Unidas em 2016, no qual foi feito o "Pacto Global para Migração Segura". Baeninger (2018a) discute que o Pacto Global deve considerar a diversidade dos movimentos migratórios, bem como as regiões de origem e destino. A autora chama atenção para a presença de fluxos Sul-Sul, onde:

As remessas devem ser vistas não só como envio do Norte para o Sul, mas também no sentido inverso e em particular, nas migrações Sul-Sul [...]. A presença do Sul no processo do Pacto Global implica a não hierarquia na conceitualização das migrações seguras/ordenadas/regulares. O Sul não é só emissor de emigrantes, visão calcada na perspectiva do Norte; é preciso enfatizar que sua posição geopolítica traz novos contornos aos fluxos de migrantes e refugiados nesses países (Baeninger, 2018a, p. 21).

O trabalho de Bakewell *et al.* (2009) também argumenta que a migração Sul-Sul acontece dentro de um contexto de grande variedade de fluxos e padrões, que:

---

<sup>22</sup> No original: "SSM [South-South Migration] occurs over shorter distances. SSM tends to occur over shorter geographical distances – often within countries or across immediate borders. Perhaps due to weaker border enforcement capacities, regional integration projects, and complicated histories of nation-building, the South tends to have "relatively less restrictive contexts for the free mobility of people, compared to the North". Workers from lower income nations "tend to move to neighboring countries that have only small income differences from their own country" because of accessibility, low selectivity, and lower levels of risk".

[...] que refletem as mudanças na economia, tecnologia do transporte, fluxo de informação e mudanças no nível relativo de desenvolvimento entre países. [...] Nesse processo de diversificação dos destinos da migração cada vez mais países de renda média têm experimentado uma imigração crescente de países mais pobres (Bakewell *et al.*, 2009, p. 12-13)<sup>23</sup>.

Ou seja, lançar luz sobre as migrações Sul-Sul rompe com a ideia de que as migrações internacionais se pautam apenas no sentido Sul-Norte, de países pobres para países desenvolvidos, fazendo com que o protecionismo de países do Norte frente à migração internacional seja questionado (Campillo-Carrete, 2013). Mesmo com a globalização econômica e políticas comerciais internacionais, os países do Norte tem uma postura restrita em relação à imigração (Campillo-Carrete, 2013). Por conta dessa postura, Phelps (2014) destaca que os países do Norte instituem políticas migratórias mais seletivas e restritas, fazendo com os fluxos de imigração sejam desviados para o Sul.

Como a própria dimensão do que é chamado de Sul Global contempla uma gama muito heterogênea e abrangente de países e regiões, os fluxos migratórios Sul-Sul também imprimem essa característica. Campillo-Carrete (2013) mostram que a característica, mas comumente associada ao fluxo Sul-Sul é o seu caráter diverso e extenso. Bakewell *et al.* (2009) também reconhece que os fluxos Sul-Sul são diversificados, e completa:

Dada a grande variedade de países do Sul com seus contextos históricos, políticos, econômicos, sociais e geográficos muito diferentes, há poucas razões para esperar que eles compartilhem muitos paralelos em suas diferentes tendências migratórias em virtude de sua presença no Sul. Dado que grande parte da migração Sul-Sul está realmente ocorrendo dentro dos continentes, como mostrado acima, parece mais razoável descrever padrões mutáveis de migração em nível continental, onde pelo menos existem fronteiras geográficas compartilhadas, em vez de tentar identificar pontos comuns em todo o Sul como um todo (Bakewell *et al.*, 2009, p. 12)<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> No original: “[...] which reflect global shifts in the economics and technologies of transport and the flow of information, and changes in the relative levels of development between countries. [...] In this process of diversification of migration destinations, more and more middle-income countries have experienced increasing immigration from poorer countries”.

<sup>24</sup> No original: “Given the wide range of countries within the South with their very different historical, political, economic, social and geographical contexts, there are few reasons to expect that they will share too many parallels in their different migration trends by virtue of their being in the South. Given that much of the South-South migration is actually occurring within continents, as shown above, it seems more reasonable to describe changing patterns of migration at the continental level, where at least there are shared geographical boundaries, rather than trying to identify commonalities across the South as a whole”.

### 1.3 Territórios das migrações transnacionais

Esse tópico construiu uma análise dos locais onde ocorrem as imigrações transnacionais. O principal elemento de análise versa sobre o caráter multiescalar que os processos transnacionais e globalizantes apresentam, uma vez que, articulam o global com localidades presentes no nacional. Entenderemos o local como sendo as cidades. As cidades são o corpo teórico para a manifestação desses novos processos de migração transnacional (Sassen, 2010). O ponto central, portanto, enfatizará que a globalização interfere na espacialização da economia e com isso reorganiza os espaços nacionais.

Iniciaremos a construção teórica deste tópico através das contribuições de Sassen (2010). Esta autora sublinha a posição relevante da cidade a colocando como:

Local estratégico para entender algumas das principais tendências que reconfiguram a ordem social.[...]Entre essas tendências, estão a globalização[...] a cidade é um dos principais locais para o estudo empírico desses [imigração] fluxos transnacionais e estratégias familiares (Sassen, 2010, p. 88 e 92).

Compreender os processos de migração transnacional a partir da sua manifestação espacial auxilia no entendimento do fenômeno, na medida em que, possibilita uma visão objetiva do processo. Como completa Guarnizo e Smith (1998, p. 12)<sup>25</sup> “os sítios locais dos processos globais são importantes”.

As cidades não recipientes meramente vazias de articulações transnacionais [...]. Por mais complexamente articuladas que essas localidades se tornem em fluxos transnacionais econômicos, políticos e culturais, a construção social do lugar ainda é um processo de criação de sentido local, especificidade territorial, controle jurídico e desenvolvimento econômico (Guarnizo; Smith, 1998, p. 12)<sup>26</sup>.

Como já mencionada no tópico anterior, a conexão entre diferentes escalas, se dá através de um sistema de redes, sobretudo, financeiras, que de acordo com Santos (2006), atravessam três níveis diferentes, sendo eles: o nível mundial, o nível dos territórios dos Estados e o nível local. O entendimento é que esses níveis são indissociáveis e dialéticos entre si.

---

<sup>25</sup> No original “[...] the local sites of global processes do matter”.

<sup>26</sup> No original: “Cities are not merely empty containers of transnational articulations [...]. The social construction of “place” is still a process of local meaning-making, territorial specificity, juridical control, and economic development, however complexly articulated these localities become in transnational economic, political, and cultural flows”.

As decisões nacionais interferem sobre os níveis inferiores da sociedade territorial por intermédio da configuração geográfica, vista como um conjunto. Mas somente em cada lugar ganham real significação. O trabalho local depende das infraestruturas localmente existentes e do processo nacional de divisão do trabalho nacional. Os segmentos locais da configuração territorial do país condicionam o processo direto da produção, sua demanda em mão-de-obra, tempo, capital. O trabalho nacional, isto é, as grandes escolhas produtivas e socioculturais, implica uma repartição subordinada de recursos, oportunidades e competências e a submissão a normas geradoras de relações internas e externas (Santos, 2006).

A concentração do capital em determinados lugares faz com que algumas aglomerações urbanas sejam estratégicas na concentração de serviços, serviços esses que, através das redes, são essências para sustentar um mercado global (Sassen, 2001). Essa concentração de capital em lugares estratégicos para a sua reprodução, promove uma reorganização espacial, criando um sistema de hierarquia urbana. Essas hierarquias são determinadas pela capacidade decisória, econômica e a articulação das redes que as cidades vão assumir dentro da lógica global e nacional. (Sassen, 2010; Silveira, 2002).

Essa hierarquização coloca algumas cidades em um patamar de destaque global, o que Sassen (2001) chamou de cidades globais. Segundo a autora:

A cidade global representa um lugar estratégico no qual os processos globais se materializam nos territórios nacionais onde as dinâmicas globais passam por arranjos institucionais nacionais. Nesse sentido esse modelo anula a noção de que a economia global e a economia nacional são mutuamente excludentes. Um ponto chave desse modelo é de conceber a globalização não apenas como fluxo de capital, mas também como o trabalho de coordenação, gestão e manutenção desses fluxos das empresas que operam em vários países. Isso significa que a globalização não é algo exógeno. Ela faz parte das estruturas corporativas nacionais [...]. As cidades globais representam a endogenização das dinâmicas chaves e condicionantes da economia global (Sassen, 2001, p. 347).

Outra contribuição importante sobre cidades globais foi feita por Benko (2002). Este autor também coloca o conceito de cidades globais dentro de uma hierarquia urbana, onde essas cidades, além de terem uma competência multiescalar, apresentam-se como espaços privilegiados dentro da lógica capitalista.

O conceito de cidade global insiste na existência de uma hierarquia funcional entre as cidades no contexto da economia capitalista mundial e lhes reconhece funções supralocais nas quais se possa basear uma nova ordem hierárquica urbana. As mais importantes dentre essas grandes cidades são as que exercem funções de comando transnacionais e de alto nível, sendo, por conseguinte os locais onde a rede internacional de empresas capitalistas encontra seus pontos físicos de ancoragem espacial (Benko, 2002, p. 55).

O espaço das migrações transnacionais se dá através de uma articulação de várias escalas espaciais diferentes e a cidade global e os grandes centros urbanos são a representação empírica dessa articulação, já que, dinâmicas globais, sobretudo econômicas, se manifestam dentro de espaços nacionais.

O espaço constituído pela malha mundial de cidades globais, um espaço com novas potencialidades econômicas e políticas, talvez seja um dos espaços mais estratégicos para a formação de novos tipos de política, identidades e comunidades, incluindo aquelas transnacionais. Esse é um espaço centro no lugar, no sentido de que está enraizado em locais específicos e estratégicos, e transterritorial, no sentido de que conecta locais que não geograficamente próximos, mas que são intensamente conectados entre si (Sassen, 2010, p. 107).

Mas como esses espaços se tornam espaços da circulação de imigrantes? Portes (2006) discute que, na medida em que algumas cidades se tornam lugares privilegiados de fluxos transnacionais, facilitado por uma estrutura de redes, pessoas também farão parte desses fluxos. Essas cidades, sobretudo as cidades globais, irão concentrar grande quantidade de estrangeiros, isso porque essas localidades têm funções de coordenação global, atraindo imigrantes (Portes 2006). “Tal como a emergência da própria cidade global, a imigração representa uma parte integrante desse processo” (Portes, 2006, p. 45).

Para Sassen (2010) os grandes centros urbanos se tornam palco de processos migratórios sobretudo no contexto laboral. Para a autora a globalização cria, principalmente, dois grupos de imigrantes laborais. O primeiro, corresponde àqueles que são altamente qualificados e inseridos no ambiente de negócios. O segundo, de imigrantes que têm trabalhos manuais e muitas vezes estão no mercado informal.

Por um lado, as cidades concentram uma quantidade desproporcional do poder corporativo e são um dos principais locais para a supervalorização da economia corporativa; por outro lado, concentram uma quantidade desproporcional de indivíduos em desvantagem social e são um dos principais lugares para sua desvalorização (Sassen, 2010, p. 106).

A justificativa para que imigrantes ocupem esse lugar de desvantagem no que diz respeito aos aspectos laborais é de que:

A reestruturação econômica em cidade globais, uma das localizações da dinâmica global, tem gerado um grande crescimento da demanda por trabalhadores de baixo salário [...] e os imigrantes emergem como suprimento de mão de obra (Sassen, 2010, p. 100).

Portes (2006) também discorre sobre a importância do aspecto laboral para pensar a relação entre cidade e imigração. Para Portes (2006) a questão laboral aparece, em um primeiro momento, quando os países tem uma relação de colonialismo e dependência econômica, onde o país colonizador vê com facilidade o recrutamento de mão de obra do país colonizado.

[...] deslocamentos refletem uma história de relações econômicas e políticas anteriores entre as nações emissoras e receptoras. Estas relações são por vezes marcadas pela proximidade física, mas têm mais frequentemente origem em intervenções coloniais e semicoloniais em ocupação do país mais fraco (emissor) pelos mais poderosos (receptores) [...]. Estas relações históricas preexistentes estabeleceram laços políticos e econômicos entre nações, que transformaram parcial ou completamente a organização social da colônia ou do país dependente, em resposta a esse contato com a potência colonial ou dominante [...] (Portes, 2006, p. 29-30).

Uma vez iniciado esse recrutamento laboral, dentro do que o autor chama de microestruturas, os fluxos de migração começam funcionando através de duas forças: “primeiro, desequilíbrio social e econômico criado externamente que faz com que sociedades sejam mais fracas; e segundo, o fortalecimento de redes sociais” (Portes, 2006, p. 32). Através desses fluxos é que os imigrantes começam a se estabelecer no terreno das cidades. Para Portes (2006), é na cidade que o imigrante começa o aprendizado de uma nova língua e cultura e começa a compor a população urbana de destino.

As cidades são os terrenos em que as pessoas de muitos países estão mais propensas a se encontrar, e uma multiplicidade de culturas pode entrar em contato. O caráter internacional das grandes cidades não está apenas em sua infraestrutura de telecomunicações e empresas internacionais, mas também nos muitos ambientes culturais em que seus trabalhadores vivem (Sassen, 2010, p. 104).

Portes (2006) analisa que as cidades, globais ou de importância regional, como áreas metropolitanas, são entidades que assumem um papel importante na economia globalizada com funções de comando e controle que podem ser globais ou nacionais. Por assumir esse papel de destaque, naturalmente irão concentrar grande presença de estrangeiros (Portes, 2006).

A mais poderosa das novas geografias da centralidade no nível global conecta os grandes centros financeiros e de negócios internacionais: Nova York, Londres, Paris, Frankfurt, Zurique, Amsterdã, Los Angeles, Toronto, Sydney, Hong Kong, entre outros. Porém, essa geografia hoje também inclui cidades como Bangkok, Taipei, São Paulo e a Cidade do México. A intensidade das transações entre essas cidades, particularmente nos mercados financeiros, no comércio de serviços e investimentos aumentou

notavelmente, assim como as ordens de magnitude envolvidas. [...] A noção dominante da globalização reconhece que existe uma classe internacional de profissionais e ambientes de negócios altamente internacionalizados, por causa da presença de empresas e funcionários estrangeiros (Sassen, 2010, p. 95).

É nesse contexto que o capital globalizado e as imigrações se apresentam como duas categorias importantes do transnacionalismo (Sassen, 2010). Porém, Portes (2006) complementa esta ideia dizendo que a formação de comunidades de migrantes transnacionais direciona cidades globais e regiões metropolitanas para uma transnacionalização, na medida em que não ficam mais subordinadas apenas aos Estados-Nação, já que fazem parte de um todo um sistema global. “O transnacionalismo coloca as cidades entre a sinergia e tensões da construção mútua do local, nacional e global” (Glick-Schiller, 2012, p. 23)<sup>27</sup>.

É nessa breve contextualização que percebemos que os espaços nos quais vão ocorrer as migrações transnacionais são cada vez mais independentes e menos controlados pelos limites das fronteiras dos Estado-Nação. De acordo com Peralva (2008) os imigrantes, nesse contexto de transnacionalismo, criam um espaço de circulação migratória que são multilocalizados, ou seja, criam um espaço de circulação que não obedecem às fronteiras nacionais.

Na temática, mais recente, das migrações *transnacionais*, o fenômeno migratório ganha um grau bem maior de autonomia em relação aos espaços institucionais que acolhem os migrantes. Como consequência, a questão da “integração” perde muito da importância e da centralidade que teve até um passado recente [...]. Ela delinea um espaço social próprio que se sobrepõe a essas fronteiras, fazendo emergir territórios autônomos em relação aos Estados, e dando origem a formas sociais particulares e diversificadas (Peralva, 2008, p. 19).

---

<sup>27</sup> No original: “The term transnationality places cities within the synergies and tensions of the mutual construction of the local, national and global”.

## CAPÍTULO 2 – IMIGRAÇÃO HAITIANA NO BRASIL: DEZ ANOS DE FLUXO MIGRATÓRIO SUL-SUL

### 2.1 Haiti: contexto histórico

O Haiti é um país insular localizado no Caribe, onde faz fronteira com uma única Nação, a República Dominicana (Figura 1).

**FIGURA 1** – Localização Geográfica do Haiti



Fonte: IBGE (2009).

A formação do Haiti e a sua posição desvantajosa na economia global decorre da sua herança colonialista. A ilha, na qual hoje, se encontram os territórios do Haiti e República Dominicana já foi palco da colonização francesa e espanhola (Sainte, 2022). A história haitiana pode ser dividida em 4 períodos, o pré-colombiano, o colonial, o revolucionário e o nacional (Etienne, s.d.).

De acordo com Etienne (s.d.) o período pré-colombiano corresponde ao momento em que as populações ameríndias viviam na região. O que hoje entendemos como território haitiano era povoado por quatro etnias diferentes, sendo elas: Lucayes, Ciguayos, Tainos e Caribes (Baptiste, 2015).

Segundo Sainte (2022) a população originária dessas ilhas foi massacrada pela colonização espanhola, o que levou a uma escassez de mão de obra para as

plantações de cana-de-açúcar, fazendo com que começasse o tráfico de pessoas escravizadas oriundas do continente africano. Esse breve contexto decorre do século XV.

É no ano de 1492 que o período colonial começa (Ettiene, s.d.) quando os primeiros colonizadores espanhóis chegaram na Ilha Caribenha. De acordo com Baptiste (2015), durante séculos, a população nativa foi submetida a trabalhos forçados, principalmente na exploração mineral de ouro. A população indígena, ao entrar em contato com doenças transmitidas pelos espanhóis e a guerrear contra a sua dominação foi sendo totalmente dizimada e substituída pelos africanos.

Segundo o trabalho de Baptiste (2015) a França só entra na disputa pelo território insular quando começa a questionar o monopólio espanhol e português através do Tratado de Tordesilhas, do ano de 1494, no qual o país luso e o país ibérico dividem o controle da América Central e do Sul. Assim, a França começa a participar mais ativamente da colonização dessa porção territorial entre os séculos XVII e XVIII quando piratas franceses se fixaram na parte noroeste da ilha (Sainte, 2022). Portanto, o que temos até aqui é um histórico de colonização europeia com o uso de mão de obra escravizada oriunda do continente africano.

Com isso, a unidade populacional, que hoje, compõem o Haiti, começa a ser formada por escravizados fugitivos e também alguns indígenas que haviam escapado do controle espanhol (Sainte, 2022).

Os franceses, fizeram com que o Haiti:

Na primeira metade do século XVIII, [experimentasse] um desenvolvimento econômico extraordinário baseado principalmente na exploração de cana-de-açúcar e na escravidão. Por causa deste *boom* econômico, a ilha foi chamada de "Pérola das Antilhas" (Baptiste, 2015, p. 9).

É no ano de 1789, que de acordo com Etienne (s.d.) começa o período revolucionário, inspirado pelo movimento da Revolução Francesa e pelo levante da reivindicação de diversos grupos.

Entre 1789 e 1791, o cenário político colonial foi dominado por lutas entre diferentes facções da classe dominante. A partir de 1791, os escravos, que representavam quase 86% da população de Santo Domingo<sup>28</sup>, fizeram sua sensacional entrada em cena. Este evento deu aos movimentos de protesto uma orientação claramente revolucionária. A liberdade tornou-se a palavra

---

<sup>28</sup> Santo Domingo ou Saint-Domingue nesse contexto refere-se ao Haiti, e não a capital Dominicana.

de ordem do momento e o grito de guerra das massas servis (Etienne, s.d., p. 4)<sup>29</sup>.

Concomitantemente a esse desejo revolucionário, a França começa a ser ameaçada pelos espanhóis e ingleses, que tinham interesse em dominar a região. Baptiste (2015) discorre que, sem opção, os franceses fizeram um acordo para que os escravizados lutassem contra Inglaterra e Espanha e em troca ganhariam a sua liberdade. Nesse momento, os escravizados se organizaram e através da figura de Toussaint conseguem vencer as tropas inimigas, e mais do que isso, publicam uma constituição nacional e Toussaint torna-se governador geral, representando uma ameaça para a França (Baptiste, 2015).

A França, incomodada com a liderança de Toussaint, envia novas tropas para o Haiti fazendo com que Toussaint seja capturado e levado para uma prisão francesa (Etienne, s.d.). No entanto, o desejo de construir uma nova nação continua, e a guerra pela independência é liderada por um sucessor de Toussaint, o Jean Jacques Dessalines. Suas tropas conseguem então, proclamar a independência em 1º de janeiro de 1804, sob o nome indígena de Haiti (Etienne, s.d.). Nesse momento, começa o período nacional.

Ao conquistar a independência da metrópole francesa a população haitiana passou:

[...] a se dedicar à tradição herdada da África, ou seja, à agricultura de subsistência. Isso fez com que o Haiti saísse do mercado mundial do açúcar e eliminasse a possibilidade de progredir em direção a um nível econômico superior (Sainte, 2022, p. 44).

Segundo Etienne (s.d.) esse evento único na história foi muito mal visto pelas grandes potências mundiais. Na época, com o contexto escravagista de dominação e exploração, não era aceitável que escravos, que se acreditava serem diminutos, fossem capazes de realizar qualquer façanha dessa magnitude.

No entanto, muito embora o povo haitiano tenha conseguido expulsar os colonizadores franceses, os mesmos não reconheceram de imediato a sua independência. Foi no século XIX, em um acordo espúrio, que a França em troca de reconhecer a independência do Haiti exigiu que o país pagasse um ressarcimento

---

<sup>29</sup> No original: “Entre 1789 et 1791, la scène politique coloniale était dominée par les luttes entre différentes factions de la classe des maîtres. A partir de 1791, les esclaves, qui représentaient près de 86% de la population de Saint-Domingue, font leur entrée fracassante sur la scène. Cet événement donne aux mouvements de revendication une orientation nettement révolutionnaire. La liberté était devenu le maître mot du moment et le cri de ralliement des masses serviles”.

para os agricultores brancos por terem perdido suas terras (Sainte, 2022). Nas palavras de Sainte (2022) é como se o Haiti tivesse comprado a sua independência.

Esse fato, em que o país recém formado já começa sua história com uma dívida, além de elementos como instabilidade política e dependência do mercado internacional, nas palavras de Etienne (s.d.) pesaram muito no desenvolvimento das forças produtivas internas. Diversas rivalidades políticas se acentuam depois da liderança de Jean Jacques Dessalines, em que conflitos entre os dois principais grupos da elite brigaram pelo poder durante todo o século XIX (Etienne, s.d.).

Mesmo com uma independência “comprada”<sup>30</sup> o Haiti foi a primeira nação da América Latina a conseguir o fim da escravidão e a se tornar uma república negra (Cotinguiba, 2014). Esse acontecimento fez com que o Haiti, se tornasse, de acordo com Jacobson (2003), lugar de recebimento de imigrantes, sobretudo pessoas fugindo da situação de escravidão de outros países da América do Sul e Caribe.

Contudo, o Haiti não era território apenas de imigração. Por conta do contexto de instabilidade e proximidade com os EUA, Jacobson (2003) relata que grupos de haitianos e haitianas já tinham emigrado para os EUA ainda no século XIX, tanto para participar da Revolução Americana, quanto para formar comunidades nas regiões de Louisiana, Baltimore e Filadélfia.

Mas é no século XX que a emigração haitiana começa a ser mais expressiva, decorrente da presença norte americana em território caribenho. A ocupação militar norte americana se deu no período de 1915 a 1934 com a intenção de aumentar sua influência na América Central (Jacobson, 2003).

Os Estados Unidos —saíram em 1934, todavia deixaram suas marcas profundas no Haiti e em sua sociedade, além do plano econômico, a criação da Guarda Nacional – que daria o apoio necessário para François Duvalier implantar uma ditadura e impedir, entre outras coisas, a entrada do socialismo (Cotinguiba, 2014, p. 70).

Ao longo de toda a sua história, muitas foram (e ainda são) as interferências internacionais em território haitiano, muitas delas travestidas de boa intenção, através da ajuda internacional que nunca foi capaz de coordenar uma estabilização que gerasse autonomia ao país. Os diversos interesses de outras nações pelo território haitiano versam em sua posição geoestratégica, controle do comércio internacional, a

---

<sup>30</sup> Cautela na interpretação pois embora tenha havido a cobrança indevida da França muitos conflitos sangrentos aconteceram para conseguir a independência; vide trabalho de Sainte (2022).

sua dívida externa decorrente da sua independência comprada pela França, além da ideia racista de que uma república negra seria incapaz de se autogovernar (Leslie Manigat, 2003 *apud* Seguy, 2005).

Ou seja, o Haiti nunca pertenceu de fato aos haitianos e haitianas. Pior, no seu próprio território, os haitianos e haitianas nunca foram considerados um real interlocutor. O Haiti não passa de um campo de jogos de interesses das grandes potências do mundo moderno/colonial que disputam entre si o controle do Planeta (Seguy, 2015, p. 529).

A presença Norte Americana no Haiti, e a sua posição econômica de destaque, motivou um novo fluxo de emigração dos haitianos e haitianas para os EUA (Magalhães, 2017). Como completa Audebert e Joseph (2022, p. 20):

[...] Historicamente, a ocupação militar estadunidense de 1915 a 1934 teve como consequência a entrada do país [Haiti] na era da emigração internacional massiva. [...] Desde então, os trabalhadores haitianos se inseriram na divisão internacional do trabalho caribenha. Com a ditadura duvalierista (1957-1986) e posteriormente com a instabilidade política que se seguiu, reorientaram as mobilidades para América do Norte, Caribe e França. A articulação entre a profunda crise econômica e ecológica transformou a migração haitiana em um fenômeno estrutural<sup>31</sup>.

Mais tarde, já na década de 1970 um fluxo de migração haitiana para os EUA se torna muito expressivo com os “*boat people*”<sup>32</sup>, levando milhares de haitianos e haitianas a emigrarem para o país norte americano. De acordo com Cotinguiba (2014) entro os séculos XIX e XX também há registro de forte migração haitiana para países caribenhos como Cuba e sua vizinha de fronteira, Republica Dominicana para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar.

O Haiti se estabelece, portanto, como um país dependente economicamente, com uma economia pouco desenvolvida e industrializada, comandada por uma elite reprodutora de um modelo de dependência (Magalhães, 2017). Essa situação acarreta em uma forte instabilidade política e econômica, o que leva a população a enfrentar diversos problemas como a fome (Continguiba, 2014).

---

<sup>31</sup> No original: Históricamente, la ocupación militar estadounidense de 1915 a 1934 tuvo como consecuencia la entrada del país en la era de la emigración internacional masiva [...]. Desde entonces, los trabajadores haitianos se inscribieron en la división internacional caribena del trabajo. Luego la ditadura duvalierista (1957-1986) y la inestabilidad política posterior han reorientado las moviidades hacia Norteamérica, el Caribe y Francia. La articulación entre la profunda crisis económica y ecológica transformó la migración haitiana en un fenómeno estructural.

<sup>32</sup> Essa expressão remete a um conjunto de significados, podendo referir-se ao processo da viagem, às pessoas, à embarcação e ao seu drama. [...] A perigosa viagem era realizada em precárias embarcações entre o Haiti e os Estados Unidos (Cotinguiba, 2014, p. 84).

Esses problemas decorrem de: “embargos econômicos, intervenções, conflitos políticos e crises sociais internas” (Continguiba, 2014, p. 83).

## **2.2 Início da imigração para o Brasil**

Com isso, de que maneira se estabelece então a relação entre Brasil e Haiti, relação essa que vai determinar um fluxo migratório com uma década de existência? Nos próximos parágrafos serão elencados os principais fatores que constituíram essa rota migratória, que tem relação com: desastres naturais, visibilidade internacional do Brasil e resoluções normativas que de alguma maneira possibilitaram a legalização e estadia documentada dos haitianos e haitianas (Fernandes; Faria, 2016).

O Haiti, em um contexto prolongado de crise política, econômica e social recebe a intervenção da Organização das Nações Unidas (ONU) através da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) no ano de 2004 com participação das Forças Armadas Brasileiras. No trabalho de Audebert e Joseph (2022), os autores classificam a presença militar brasileira pela MINUSTAH como um interesse político de aumentar a influência geopolítica e econômica na região do Caribe. O objetivo da MINUSTAH, era de intensificar a segurança e fortalecer a democracia no país, sustentado, como salientam Alphonse e Macedo (2017, p. 240), “na falsa ideia de que o país estava em guerra e precisava ser pacificado”.

À primeira vista, a presença brasileira em solo haitiano através do exército pode sugerir o estabelecimento de um vínculo entre esses dois países. No entanto, muitos são os relatos e denúncias de uma ação, no mínimo, controversa do exército brasileiro. Alphonse e Macedo (2017) relatam que soldados brasileiros foram denunciados por abuso sexual e que o exército brasileiro está em uma lista de tropas acusadas de abuso sexual enquanto prestavam ajuda humanitária pela ONU.

No decorrer da presença brasileira, 6 anos após o início da MINUSTAH, no ano de 2010, um terremoto de grande magnitude atinge a capital do país, Porto Príncipe. Milhares de pessoas perderam suas vidas e outras milhares ficaram desabrigadas.

Esse acontecimento agravou substancialmente as possibilidades de trabalho no país, o sistema formal de educação, a vida política, a segurança alimentar, as condições de higiene e saúde, além de fragilizar ainda mais a economia do país (Cotinguiba, 2014, p. 87).

Pode parecer ser coerente associar a migração haitiana para o Brasil por conta do terremoto, mas como adverte Cotinguiba (2014, p. 87):

Discordamos, porém, do discurso midiático que tenta justificar a imigração haitiana para o Brasil partindo da explicação única desse fenômeno [terremoto]. Não podemos recorrer apenas ao terremoto, essa via seria uma falácia ou um reducionismo frente a diversos fatores de ordem política, histórica, econômica e sociológica.

Da mesma que Cotinguiba (2014), Audebert e Joseph alertam que imigração haitiana não deve ser vista com fatores determinantes únicos e específicos, mas sim, através de uma leitura intrincada.

O eterno mito da unidimensionalidade da migração haitiana alimentada por uma única motivação – a procura de emprego ou o exílio político – deve ser questionado. A complexidade do contexto de origem, em que se cruzam a instabilidade política crônica e a interferência diplomática, militares estrangeiros, a pressão demográfica, a crise econômica estrutural, a vulnerabilidade ambiental, as injustiças sociais de todos os tipos e o desengajamento social, refere-se antes à multidimensionalidade das causas da migração<sup>33</sup> (Audebert; Joseph, 2022, p. 24).

Diante desse cenário vasto e complexo, a situação já muito frágil do país se agravou e haitianos e haitianas começaram a ingressar no Brasil, no ano de 2010 na região da tríplice fronteira (Brasil, Peru e Colômbia) região que, historicamente, foi porta de entrada de outras nacionalidades migrantes (Silva, 2012; 2016). De acordo com Silva (2016), os primeiros haitianos e haitianas entraram pelo município de Tabatinga no Estado do Amazonas.

Conforme indicado no trabalho de Silva (2012) e de Fernandes e Farias (2016), o trajeto migratório dos haitianos e haitianas até chegar à tríplice fronteira, em geral, compunha em primeiro lugar, de migrar para a vizinha República Dominicana, depois ir via aérea para Panamá ou Equador e depois, via terrestre para Peru ou Bolívia, para finalmente, ingressar no Brasil.

---

<sup>33</sup> No original: “El eterno mito de la unidimensionalidad de la migración haitiana alimentada por una motivación única – la búsqueda de un trabajo o el exilio político – debe ser cuestionado, La complejidad del contexto de origen, en el que se entremezclan la inestabilidad política crónica, las injerencias diplomáticas y militares extranjeras permanentes, la presión demográfica, la crisis económica estructural, la vulnerabilidad ambiental, las injusticias sociales de todo tipo, y la desvinculación social, más bien se refiere a la multidimensionalidad de las causas de la migración”.

No mesmo ano (2010), os primeiros estudantes contemplados com o edital do programa Pró-Haiti (programa apresentado mais à frente) também desembarcaram em solo brasileiro. Excluindo o caso dos imigrantes que foram ao Brasil com o visto de estudante, os primeiros imigrantes haitianos que transitavam na fronteira Norte do Brasil (Fernandes; Faria, 2017) e estavam impossibilitados de entrar em território nacional, uma vez que não tinham nenhum tipo de visto (trabalho ou turismo), desenvolveram a estratégia de entrar com o pedido de refúgio.

No entanto, essa categoria documental não se enquadra no caso haitiano, dado que o visto de refúgio prevê que a população migrante esteja sofrendo perseguição política, religiosa ou racial (Silva, 2012). Além disso, duas razões, uma de cunho nacional e outra de cunho internacional, justificam o não reconhecimento dos haitianos e haitianas como refugiados.

Caso houvesse a concessão da condição de refúgio aos haitianos e haitianas, o Brasil declararia a incompetência da MINUSTAH e, ao mesmo tempo, o seu papel de líder. O objetivo principal da missão é —restabelecer a paz no Haiti. O segundo motivo é de ordem nacional. Uma vez concedido o refúgio a um estrangeiro, o Estado brasileiro se torna responsável pela sua pessoa, assegurando-lhe segurança, alimentação, abrigo e condições dignas de vida. Diante da iminência de uma migração de milhares de haitianos e haitianas, o Brasil não teria a possibilidade de arcar com as demandas dessas pessoas de acordo com a convenção da ONU para refúgio (Cotinguiba, 2014, p. 96).

Com a crescente demanda e o não-enquadramento dos imigrantes haitianos no pedido de refúgio o

Conare [Comitê Nacional para os Refugiados], por meio da RN n.18 [Resolução Normativa n. 18 estabelece os procedimentos aplicáveis ao pedido e tramitação da solicitação de refúgio e dá outras providências] entendia que havia uma situação humanitária pendente e encaminhou os processos para o CNIg [Conselho Nacional de Imigração] (Fernandes; Farias, 2017, p. 153).

Com pedido de refúgio rejeitado pelo CONARE, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), pela primeira vez, no ano de 2011, regularizou o visto de um grupo de haitianos e com isso o governo brasileiro reconheceu a importância de se criar uma entrada ordenada e documentada dos imigrantes haitianos no Brasil (Fernandes; Faria, 2017).

Nesse contexto, o (CNIg), vinculado ao Ministério do Trabalho, através da resolução nº 97/2012<sup>34</sup>, concede o visto de acolhida humanitária a todos os haitianos e haitianas que desejam imigrar para o Brasil. A aprovação do visto humanitário no ano de 2012<sup>35</sup> foi um marco importante no que diz respeito à política migratória brasileira. Embora a criação do visto tenha sido relevante, a situação documental haitiana não foi resolvida. Como menciona Fernandes e Faria (2016), além de custosa, a obtenção do visto acolhida humanitária esbarra nas burocracias documentais e na alta demanda de emissão dos vistos através do consulado brasileiro<sup>36</sup>.

Essas dificuldades relativas ao visto não reduziram a imigração haitiana, na verdade, abriram precedentes para a atuação de coites e tráfico de pessoas (Fernandes; Faria, 2016). Nesse sentido, a estratégia adota pelos haitianos e haitianas era de ao chegar na fronteira brasileira, indocumentados, solicitar o visto de refúgio, mesmo sabendo que o mesmo seria negado. Enquanto o CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados) fazia a análise do pedido e, posteriormente, viria a negá-lo, os haitianos e haitianas organizavam o pedido do visto de acolhida humanitária já em solo brasileiro (Silva, 2012; 2016).

[...] A solicitação da condição de refúgio, passou a ser uma estratégia de entrada, já que do ponto de vista legal o Brasil não pode negar-lhes tal solicitação, uma vez que o país é signatário da convenção de Genebra de 1951 (Silva, 2016, p. 211).

O trabalho de Fernandes e Faria (2016) mostra que, considerando o município de entrada dos haitianos e haitianas, nos anos de 2011 e 2012, as principais Unidades da Federação a receber haitianos e haitianas, eram o Amazonas, com mais de 2.500 registros, seguido do estado do Acre com mais de 1.2000 registros. A partir do ano de 2013, o município de entrada muda drasticamente, passando para São

---

<sup>34</sup> Art. 1º: Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro. Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010. Para consultar a resolução normativa na íntegra acessar: <https://dspace.mj.gov.br/handle/1/1541>.

<sup>35</sup> A princípio o visto de acolhida humanitária foi desenhado para população haitiana, que teve suas condições de vida agravadas pelo terremoto no ano de 2010. No entanto, o visto de acolhida humanitária foi atualizado e hoje ele abrange as nacionalidades: síria, afegã e ucraniana.

<sup>36</sup> Para maior detalhamento sobre a questão documental haitiana, consultar os trabalhos de Fernandes *et al.* (2013) e Fernandes e Faria (2017).

Paulo, que registrou o maior número de entrada de haitianos e haitianas, com mais de 6.000 registros só nos anos de 2013 e 2014, segundo tabulação de Fernandes e Farias (2016) com base nos dados do Sincro (Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros).

A Tabela 1 traz dados da imigração haitiana para o Brasil considerando a sua situação documental, especificamente a quantidade de imigrantes haitianos que detém o Registro Nacional Migratório (RNM) por Unidades da Federação selecionadas. Escolheu-se representar as UFs da fronteira Norte, região já descrita como importante área de trânsito de imigrantes haitianos e haitianas e também os estados da região Sul do país, bem como São Paulo e Mato Grosso. As outras regiões e unidades da federação não foram representadas na tabela por não terem registros numericamente significativos.

O estado de São Paulo é a região que apresenta o maior contingente de imigrantes haitianos com o RNM somando mais de 40 mil pessoas vide Tabela 1. Em seguida, temos o estado de Santa Catarina com mais de 34 mil haitianos com o RNM. Embora a região da tríplice fronteira seja uma importante área de trânsito e de entrada, o RNM concentra-se, em sua maioria, nas regiões Sul e Sudeste. Chama a atenção o ano de 2016, que mostrou as maiores quantidades do RNM para haitianos e haitianas.

**TABELA 1 – Imigrantes haitianos e haitianas registrados no Brasil (estados selecionados) – com registro RNM**

UF	ANO											TOTAL
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	
AC	4	6	6	0	2	5	0	1	2	0	1	11
AP	1	143	257	62	19	62	27	9	11	2	4	597
RR	1	1	1	3	19	63	39	185	328	257	114	1.011
RO	80	425	194	98	134	490	125	117	77	108	61	1.909
AM	201	791	332	300	328	943	365	217	177	540	180	2.750
MT	1	74	142	363	508	2.383	633	458	629	972	754	6.917
RS	14	456	841	1.647	2.110	4.937	2.002	1.700	2.841	3.267	2.223	19.080
PR	12	607	864	1.715	2.198	7.301	2.425	2.805	3.443	3.501	3.965	25.638
SC	32	307	582	2.141	2.843	10.447	3.482	3.782	4.698	5.055	4.041	34.348
SP	109	1.177	1.737	3.249	4.677	11.516	4.298	3.408	5.174	7.454	3.952	40.479

**Fonte:** Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA). Departamento da Polícia Federal. Ministério da Justiça e Segurança do Brasil/OBMIgra – Tabulação Observatório das Migrações em São Paulo – Nepo/Unicamp.

Interessante fazer a comparação dos dados relativos ao RMN com as solicitações de refúgio. A Tabela 2 apresenta a distribuição das solicitações de refúgio por estados selecionados. Analisando os dados vimos que a tendência muda consideravelmente. No registro de RNM, São Paulo se coloca em primeiro lugar, seguido de Santa Catarina. No caso da solicitação de refúgio o estado que mais apresentou solicitações de refúgio foi Roraima, com mais de 15 mil pedidos, seguido de São Paulo e Santa Catarina, com destaque para o ano de 2019.

**TABELA 2 – Imigrantes haitianos e haitianas solicitantes de refúgio no Brasil (estados selecionados)**

UF	ANO								
	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	TOTAL
RO	1	0	2	1	2	35	0	44	85
MT	0	3	11	12	74	443	447	42	1.032
PR	6	5	19	30	135	632	174	35	1.036
RS	2	0	18	13	172	569	480	34	1.288
AM	215	58	89	41	169	266	214	287	1.339
AC	341	435	1.969	10	8	25	61	47	2.896
SC	14	14	46	50	448	1.293	1.757	79	3.701
SP	23	115	152	61	314	1.951	2.754	939	6.309
RR	2	8	138	130	335	242	9.739	4.922	15.516

Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) – solicitações de reconhecimento da condição de refugiado ativas em 5 de novembro de 2020. Isto é, pedido que, a essa data, aguardavam decisão do CONARE – Ministério da Justiça e Segurança Pública. Tabulação Observatório das Migrações em São Paulo – Nepo/Unicamp.

Aqui, vale abrir uma discussão importante referente à lei que baliza as migrações internacionais no Brasil. Os dados apresentados por Fernandes e Farias (2016) são oriundos do SINCRE e os dados apresentados na tabela 1, a partir do ano de 2018, são do SISMIGRA (Sistema de Registro Nacional Migratório). Essa alteração na terminologia da base de dados é oriunda da mudança legal. Ambos os dados foram coletados pela Polícia Federal, dentro do âmbito do Ministério da Justiça, mas o amparo legal mudou.

No ano de 2017, temos a revogação da lei do Estatuto do Estrangeiro de 1980 para a Lei da Migração (Brasil, 2017a). O Estatuto do Estrangeiro foi um documento produzido durante a ditadura civil-militar e refletia em si a ideologia presente no momento de que o imigrante era visto como uma ameaça à segurança nacional (Magalhães, 2017; Claro, 2019/2020). “O Estatuto do Estrangeiro é, ainda,

anacrônico em relação à principal construção jurídica do Estado brasileiro, a Constituição Federal de 1988<sup>37</sup> (Magalhães, 2017, p. 147).

Um das principais mudanças do Estatuto do Estrangeiro para a Lei da Migração é como o Estado brasileiro enxerga o imigrante. De acordo com Claro (2019/2020, p. 45):

A Lei de Migração parte da premissa de que o Estado tem obrigações para com a pessoa migrante, ao mesmo tempo que prevê direitos e obrigações para os sujeitos das migrações internacionais. Por esse motivo, a lei é calcada nos direitos das pessoas migrantes, não mais sob a vertente da segurança e do interesse nacionais, como pregava o Estatuto do Estrangeiro.

Ao buscar regulamentar a ação estatal por meio da prevalência dos direitos humanos, a lei invoca a CF/1988 [Constituição Federal]. Também recorre às normas infraconstitucionais de direitos humanos, aos tratados internacionais ratificados pelo Brasil e aos princípios e costumes do direito internacional em matéria de direitos humanos, sejam eles amplos e aplicáveis para toda e qualquer pessoa, ou aqueles específicos, destinados às pessoas migrantes.

Direitos básicos, antes restritos ao imigrante, agora estão garantidos em lei, como: o direito a reunião familiar, não criminalização da migração, direito à saúde pública e educação pública, entre outros (Brasil, 2017a). Embora a alteração legal tenha sido um marco importante na direção dos direitos humanos, na prática a situação foi diferente.

O trabalho descrito por Silva (2016) com dados coletados entre os anos de 2014 e 2015 com haitianos e haitianas entrevistados nos estados de São Paulo, Amazonas, Rondônia, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mostrou que:

[...] a realidade que os haitianos e haitianas tiveram que enfrentar nas fronteiras amazônicas se assemelha àquela dos campos de refugiados, onde grandes contingentes de pessoas convivem com o racionamento de alimento e água e sem as condições mínimas de higiene e privacidade (Silva, 2016, p. 211).

Ou seja, faltou, por parte do governo federal, ações para coordenar a imigração haitiana através de políticas públicas que de fato acolhessem essas pessoas e coube a outras instituições da sociedade civil prestar esse acolhimento. Como completa Silva (2016, p. 212) [...] eles [haitianos e haitianas] puderam contar,

---

<sup>37</sup> Para maior detalhamento, consultar o antigo estatuto do estrangeiro em: Brasil (1980).

ainda que de forma precária, com o trabalho humanitário da Pastoral do Migrante da Missão Paz<sup>38</sup>, a qual transformou seus salões em grandes dormitórios coletivos.

Além da questão documental, é importante reforçar dois aspectos referentes à vinda dos haitianos e haitianas para o Brasil. Primeiro, quando o sistema capitalista entre em crise, como ocorreu a partir de 2007 (CEPAL, 2009), os Estados-Nação tendem a responder de forma protecionista. Protecionismo esse que faz, e fez, com que a regulação dos países do Norte em relação a entrada de imigrantes seja ainda mais restrita (Baeninger; Peres, 2016; Magalhães, 2017) o que pode ter redirecionado o fluxo da imigração haitiana, já que os destinos desejados, como países do Norte enrijeceram sua política migratória.

O segundo aspecto, é a maneira como os países do Sul Global se inserem na rota das imigrações internacionais, principalmente o caso brasileiro, através dos aspectos econômicos (Baeninger, 2012). A imagem produzida pelo Brasil nos anos 2000, com crescimento econômico e certa geração de empregos colocou o país com uma imagem de um país próspero, que estaria mudando a sua posição na D.I.T (Magalhães, 2017). Como completa Silva (2012, p. 303):

[...] a pujança econômica brasileira, com a sua crescente demanda de trabalhadores para grandes obras, por outro, certamente contribuíram para construir um novo imaginário entre os haitianos e haitianas de que o Brasil poderia ser o novo “Eldorado” que eles estão procurando.

Essa imagem do Brasil vista internacionalmente fez com que o país ganhasse destaque entre os países periféricos da periferia (Villen, 2016) e se torne destino das migrações haitianas.

Essas são as circunstâncias multifatoriais- compostas pela débil situação política e econômica do Haiti, histórico de emigração, possibilidade de entrada documentada (seja através da estratégia do pedido de refúgio, pelo visto de acolhida humanitária, ou por bolsas de estudos através do programa Pro-Haiti) e posição econômica de destaque do Brasil durante os anos 2000-, que formam o “pano de fundo” para os fluxos migratórios entre Haiti e Brasil, o que consolida o nosso país na rota das migrações transnacionais Sul- Sul (Baeninger, 2018a).

---

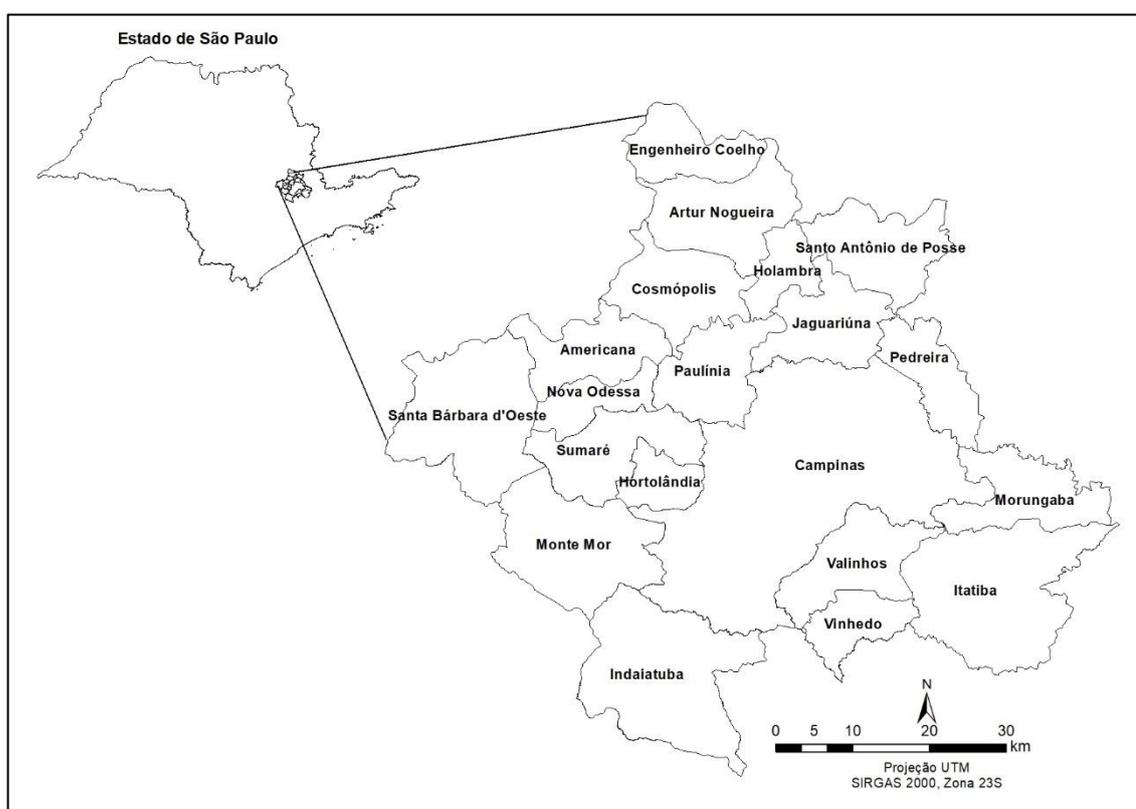
<sup>38</sup> A missão paz foi criada na década de 1930 pelos Missionários de São Carlos- Scalabrinianos, no centro de São Paulo, com o objetivo de apoiar a comunidade migrante italiana. Com o passar do tempo os Scalabrinianos expandiram sua missão para apoiar migrantes de diferentes nacionalidades.

## 2.3 Território da migração haitiana: Campinas e Barão Geraldo

### 2.3.1 Campinas: breve contextualização histórica

Atualmente, Campinas é um dos principais municípios do Estado de São Paulo, compondo uma Região Metropolitana com mais 19 municípios (Figura 2), a Região Metropolitana de Campinas (RMC).

**FIGURA 2** – Mapa de localização e municípios pertencentes a Região Metropolitana de Campinas (RMC)



Fonte: Elaboração própria (2023).

De acordo com a Prefeitura Municipal de Campinas (Campinas, 2023), a região que hoje abriga o município tem o seu primeiro ciclo econômico através das plantações de cana-de-açúcar, que começam na região no século XVIII. Essa lavoura começa graças à chegada de fazendeiros vindos do Vale do Paraíba. Segundo Silva e Matias (2017, p. 281) essa região começa “a se projetar como polo agroexportador”, nesta época.

A cafeicultura, atividade agrícola de grande destaque na região, aparece dentro das próprias fazendas de cana-de-açúcar e, graças ao sucesso da primeira colheita, em 1842, o que antes era uma Vila, ganha a posição de município com o

nome de Campinas (Silva; Matias, 2017). Não demorou muito para que região do interior paulista se tornasse importante produtora de café. Segundo Semeghini (1991), nos anos de 1860, Campinas já era a principal produtora de café da província. Assim como no começo da história do Haiti, a região de Campinas baseia-se na prática de monocultura voltada para exportação com o uso de mão de obra escravizada.

Em consequência da prática da cafeicultura, Campinas passou por um processo de modernização dos seus meios de transporte e se tornou a maior produtora de café do Império Português (Campinas, 2023).

A modernização dos meios de transporte aconteceu através da implementação do sistema ferroviária. Nesse sentido, Cano (2007, p. 42-43) diz que:

[...] as ferrovias paulistas se constituíram numa das mais importantes atividades componentes do complexo cafeeiro preenchendo múltiplos papéis. Num primeiro plano cabe destacar sua atuação desbravadora da fronteira agrícola, tornando economicamente acessíveis as terras virgens do oeste paulista. [...]. Além disso, ela exerceu um fundamental papel, ao rebaixar os custos da produção cafeeira, diminuindo os gastos com transporte, anteriormente feitos por tropas muares. [...] Cabe ainda lembrar que as ferrovias contribuíram, também, para elevar economicamente a produtividade física do café: antes, por deficiência dos transportes, parte da produção de café perecia nas fazendas mais distantes e outra parte, por pequena que fosse, era extraviada ou destruída durante o longo período utilizado em seu transporte, dadas as precárias condições em que esse serviço era executado.

Até o final da década de XIX, a atividade cafeeira se mantinha como destaque, dividindo espaço com a indústria têxtil, que atraiu imigrantes de outras regiões (Silva; Matias, 2017). Semeghini (1991, p. 60) discorre que no período de 1886/1900, “o fluxo migratório para o município foi intenso”, inclusive de imigrantes internacionais, principalmente italianos.

Muito embora esse período tenha experimentado crescimento econômico decorrente da atividade cafeeira, incremento da infraestrutura viária e urbana e aumento do contingente populacional, nos anos de 1889 e 1896, Campinas passa por dois graves surtos de febre amarela afetando a população e a economia da cidade (Semeghini, 1991). Embora esses surtos tenham sido graves e abalaram a sociedade campineira, a região, rapidamente, precisamente após o segundo surto, em 1897, conseguiu se recompor (Semeghini, 1991).

Mesmo com esse acontecimento trágico, no período entre o final do século XIX e o começo do século XX, a industrialização da região começa a ser bastante expressiva, isso graças:

A produção e comercialização do café que criaram as condições para o nascimento da indústria, ao propiciarem a acumulação dos capitais, organizarem um mercado de trabalho com um fluxo grande em grande escala de mão-de-obra livre, e garantirem, através da capacidade para importação gerada, a possibilidade de aquisição dos meios de produção e, no início, também dos bens necessários à reprodução da sua força de trabalho (Semeghini, 1991, p. 75).

O enriquecimento do espaço campineiro resultante da atividade cafeeira foi fundamental para a instalação e ampliação de uma importante rede de transporte, que foi e ainda é responsável por dinamizar a região de Campinas. Em meados do século XX, mais precisamente na década de 1940, importantes obras de infraestrutura foram feitas no município fazendo com que sua importância regional fosse cada vez maior. Foram elas a pavimentação da rodovia Anhanguera, que conecta Campinas a São Paulo e o Aeroporto Internacional de Viracopos (Silva; Matias, 2017).

Contudo, a industrialização e o crescimento urbano de Campinas, principalmente no século XX, não estão apenas associados aos ganhos oriundos do café. Na década de 60, a Região Metropolitana de São Paulo começa a passar por um processo de desconcentração industrial, que nas palavras de Baeninger (2001, p. 321) “gerou a multiplicação de importantes polos urbanos industrializados no interior”. Essa interiorização encontra em Campinas uma farta infraestrutura de transporte e com isso se consolida como um importante polo de atração regional.

Concomitantemente ao processo de desconcentração industrial de São Paulo, é inaugurada na década de 1960 a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), estimulando um desenvolvimento urbano em seu entorno e desenhando um polo de alta tecnologia (Silva; Matias, 2017).

É importante ressaltar que neste contexto de reestruturação produtiva do Estado de São Paulo, e com a maior dinamização da economia campineira, seu entorno regional também começou a se mobilizar. A forte interação socioeconômica e físico-territorial que passou a existir entre Campinas e seu entorno criou um espaço regional diferenciado que veio a se tornar a Região Metropolitana de Campinas (Silva; Matias, 2017, p. 288).

Durante todo o século XX, Campinas foi capaz de atrair e consolidar seu crescimento urbano, industrial, populacional e tecnológico, fazendo com que houvesse um grande dinamismo entre as cidades do seu entorno o que levou, nos anos 2000, à criação da Região Metropolitana de Campinas (RMC), guardando um aspecto diferenciado de industrialização que:

Não se restringiram ao município de Campinas, consolidando no seu entorno importante aglomeração urbana. Além do polo regional, os demais municípios foram também capazes de estabelecer uma base econômica expressiva e dinâmica, tanto industrial, quanto agrícola, configurando uma estrutura diferenciada daquela das demais regiões metropolitanas, caracterizada pela presença de um município rico cercado de municípios-dormitórios (Baeninger, 2001, p. 326).

Desde do seu surgimento como município, Campinas sempre se destacou regionalmente, e mais recentemente, no ano de 2018, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), através da publicação “Regiões de Influência”<sup>39</sup>, que classifica as hierarquias e os vínculos entre cidades brasileiras, identificou a cidade de Campinas como “Metrópole”, sendo o único município a ganhar essa categorização sem ser uma capital estadual, o que demonstra o importante arranjo econômico e demográfico da cidade.

Todo esse processo histórico de formação e consolidação de uma região promissora e de importância econômica fez com que a região atraísse diversos fluxos migratórios internacionais (Baeninger *et al.*, 2018b). Essa heterogeneidade de nacionalidades se alterou significativa com o tempo devido aos diferentes arranjos políticos e econômicos internacionais e nacionais.

O primeiro fluxo de imigrantes internacionais se deu no contexto de crise do sistema escravagista dentro das fazendas de café e incentivo do governo para a vinda de mão de obra internacional. Esses imigrantes eram oriundos principalmente da Europa e correspondiam às nacionalidades italiana e portuguesa. O estímulo dessa imigração europeia se baseava na égide da elite brasileira no desejo de embranquecer a população do país (Seyferth, 2002). O fato é que no município de Campinas, importantes colônias de imigrantes se formaram dentro das fazendas de café no século XIX (Gonçalves, 2014).

Contudo, a diversificação desse fluxo acontece no século XXI, com a inauguração da Universidade Estadual de Campinas e a criação de significativos polos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico, aspectos que serão melhor comentados no tópico a seguir. No entanto, nesse momento, as características da imigração à Campinas/SP são de imigrantes estudantes e pesquisadores, ou trabalhadores altamente qualificados (Domeniconi, 2017), vinculados a Universidade, polos de pesquisa e indústrias que se fixaram no município e na sua região metropolitana. De

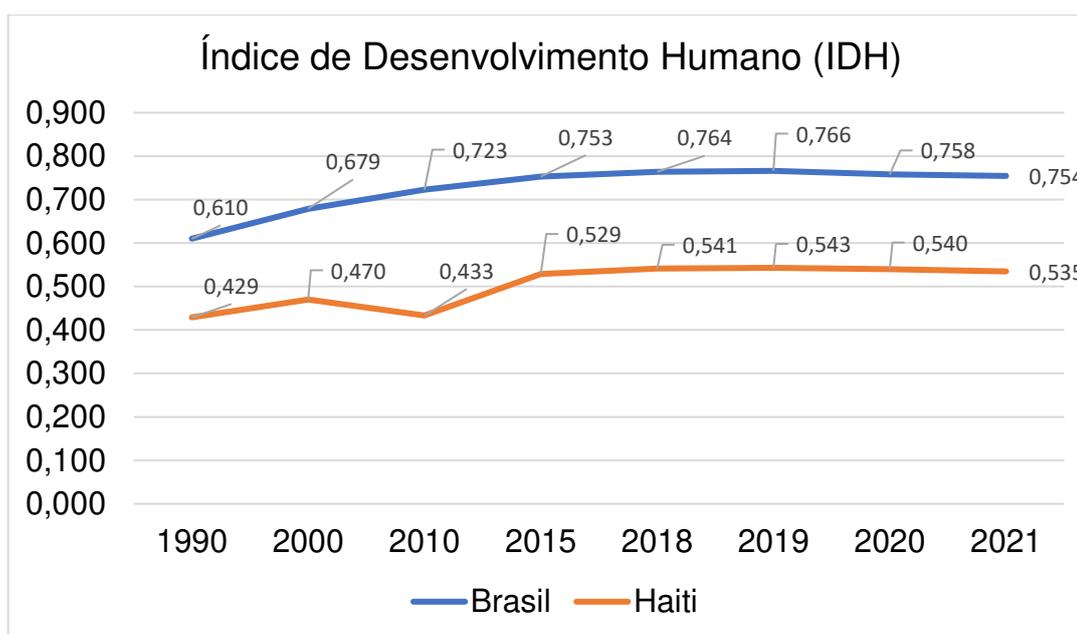
---

<sup>39</sup> Consultar publicação completa em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>.

acordo com Foiadelli (2019) o perfil do migrante que chega a Campinas começa a se alterar com a chegada dos primeiros haitianos, no ano de 2012.

Muito embora o começo da história de Campinas tenha algumas semelhanças com o Haiti, o desenvolvimento econômico e organização política posteriores à independência se diferenciaram muito. Guardado as devidas proporções e particularidades históricas e culturais, o Brasil e, especificamente o caso de Campinas, graças ao aporte econômico fruto do enriquecimento da cafeicultura, conseguiu se desenvolver e abrigar em seu território polos de Pesquisa e Desenvolvimento que são referência nacional. Essas diferenças, sobretudo relativas ao desenvolvimento econômico e social refletem em dissimetrias marcantes quando comparado o IDH dos dois países, como demonstra o Gráfico 1 abaixo.

**GRÁFICO 1 – IDH comparativo entre Brasil e Haiti, de 1990 a 2021**



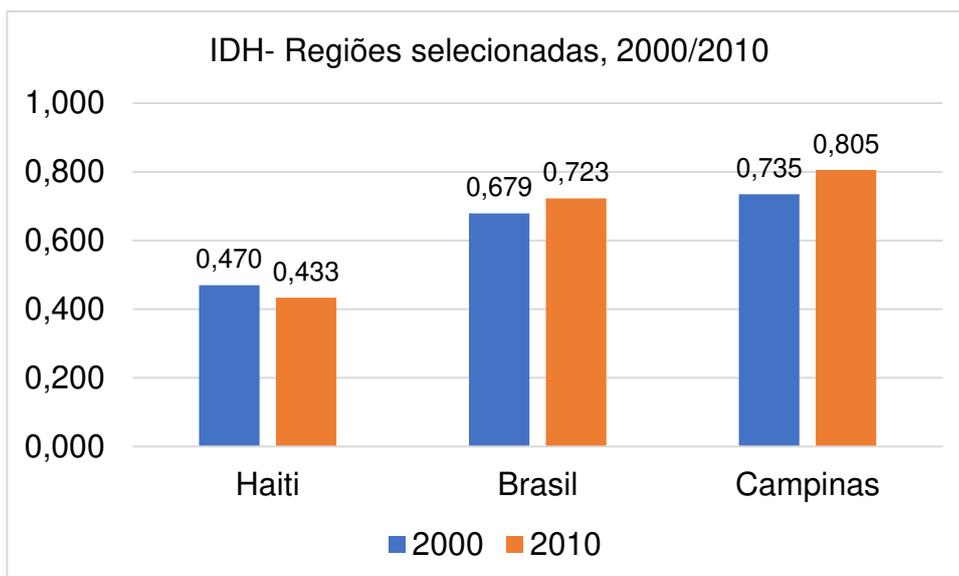
Fonte: ONU. Human Development Report. Trends in the Human Development Index, 1990-2021.

Poucos são as alterações no IDH do Brasil ao longo dos anos, o que se percebe é uma sutil progressão a partir dos anos 2000 com uma quase estabilização dos anos 2018 a 2021. Diferentemente do Haiti, que tem seu IDH em patamares bem inferiores, com uma expressiva queda no ano de 2010, ano do terremoto do dia 12 de janeiro. A partir de 2015 o IDH haitiano volta a crescer e se estabiliza até 2021, mas se mantém em níveis bastante inferiores em comparação com o IDH brasileiro.

No Gráfico 2 abaixo, temos o comparativo do IDH do Brasil e Haiti, com o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) para Campinas no ano de

2010. Importante ressaltar que o IDHM leva em consideração as mesmas variáveis do IDH, sendo elas: longevidade, educação e renda. A única diferença é que no indicador de renda, o IDHM calcula a renda municipal per capita, isto é, a renda média municipal de cada residente do município (PNUD, s.d.), diferentemente do IDH que usa a Renda Nacional Bruta (RNB) per capita.

**GRÁFICO 2 – IDH comparativo entre Brasil, Haiti e Campinas para o ano de 2000 2010**



**Fonte:** ONU. Human Development Report. Trends in the Human Development Index (2010) & Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD.

O gráfico nos mostra que o IDHM de Campinas é o maior entre eles, sendo quase duas vezes maior que o do Haiti. Embora não tenha sido encontrado um IDHM mais recente, podemos aferir que as condições de vida da população brasileira e, sobretudo campineira são, em média, melhores do que a da população haitiana.

A centralidade exercida especificamente pelo Distrito de Barão Geraldo em Campinas se coloca como fundamental quando pensamos em imigração haitiana para o país, principalmente, através de intercâmbios acadêmicos articulados pela Unicamp, como o caso do Programa Pró-Haiti que será discutido à frente.

### 2.3.2 Distrito de Barão Geraldo

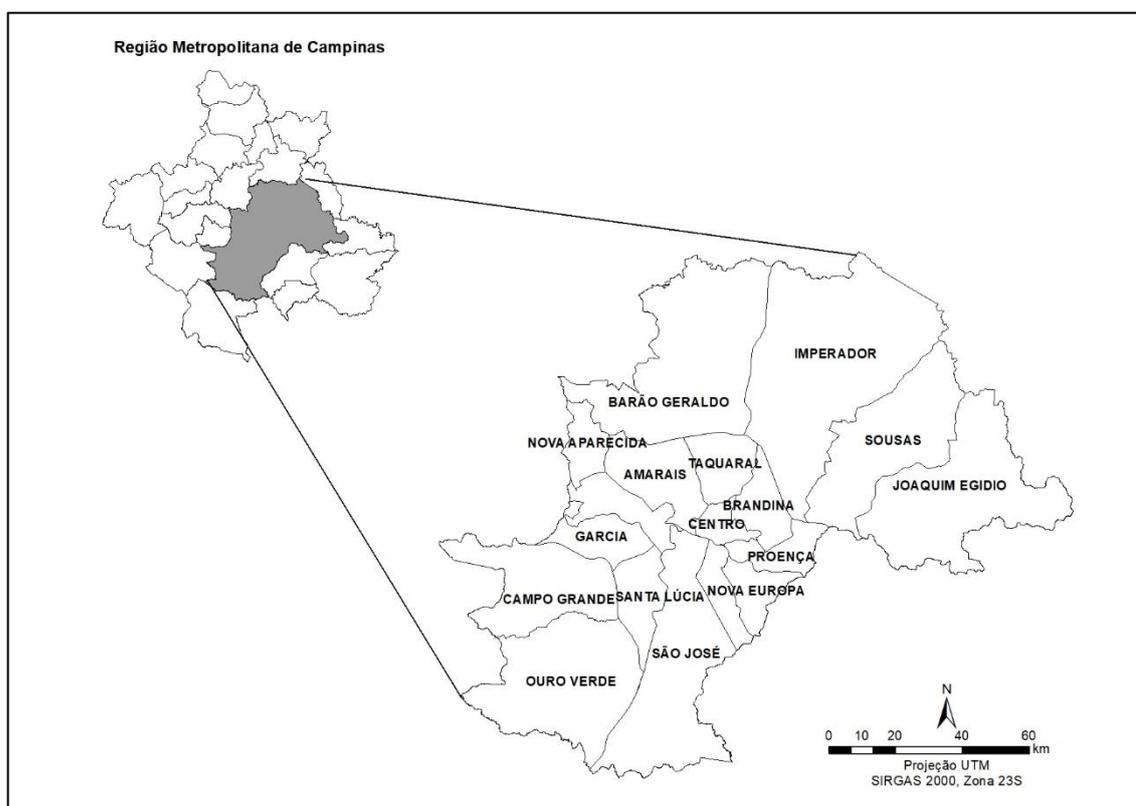
Dentre os diversos bairros e regiões de Campinas destaca-se o Distrito de Barão Geraldo (Figura 3). É nessa região que se encontra a Unicamp e importantes

polos tecnológicos da região. Durante muitos anos, Barão Geraldo ficou restrito às atividades agrícolas, primeiramente voltada para a produção de cana e, posteriormente, a cafeicultura. O nome do distrito, “Barão Geraldo”, advém dos barões da região, que na época, colocaram Campinas/SP no patamar de maior produtora cafeeira do país, sendo um deles Barão Geraldo de Rezende (Ribeiro, 2000).

Como apresenta Ribeiro (2000):

Entre as inúmeras fazendas que compunham a riqueza do Oeste Paulista duas deram origem ao atual distrito de Barão Geraldo: a fazenda Rio das Pedras de propriedade do Conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira e a Santa Genebra, de propriedade do Barão Geraldo de Rezende. Originalmente denominada Nossa Senhora do Carmo do Morro Alto, esta imensa área foi a última sesmaria da região de Campinas doada em 1799 pelo Conselheiro Ultramarino, para a família do Brigadeiro Luís Antônio de Souza Queiroz, herdado por seu filho, Francisco Inácio de Sousa Queiroz e que, por sua morte, coube às filhas Genebra, Miquelina e Isabel Augusta (Ribeiro, 2000, p. 35).

O distrito, que está na região noroeste de Campinas/SP (Figura 3), se solidifica, portanto, como importante polo nacional de produção de café e só depois de quase um século é que a sua dinâmica territorial começa a se reconfigurar, graças à inauguração de estrada de ferro Funilense, isso ainda no século XIX. Foi apenas no século XX, que a região de Barão Geraldo começa a se urbanizar, graças a instalação, na década de 60, da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp (Ribeiro, 2000).

**FIGURA3 – Mapa de Localização do Distrito de Barão Geraldo**

Fonte: Elaboração própria (2023).

Arelados à criação da Unicamp, surgem importantes polos tecnológicos nacionais e estaduais no Distrito, firmando a região como importante tecnopólo<sup>40</sup>.

Desde a metade da década de 1970, germina a ideia do projeto do parque científico. Somente no correr da década de 80, se concretizou o sonho, com os esforços de professores da Unicamp e do poder público municipal, criando-se a Companhia de Desenvolvimento do Pólo de Alta Tecnologia (CIATEC), em 1986, a partir da Companhia de Desenvolvimento Tecnológico (CODETEC) originada em 1977. A partir desses órgãos já se estruturavam duas áreas: a TECNOPÓLO 1, com pouco mais de uma dezena de empresas e a TECNOPÓLO 2, com capacidade para até 500 unidades empresariais, [...] e um dos projetos arrojados e andamento é o Laboratório Nacional de Luz Síncroton<sup>41</sup> (Lima, 1992, p. 31).

A criação desses tecnopólos e da Universidade Estadual de Campinas fez com que o Distrito mudasse significativamente seu espaço urbano e suas características sociodemográfica.

<sup>40</sup> “Tecnopólo refere-se a uma zona adrede organizada com laboratórios, centro de convenções, completa infraestrutura, para acolher indústria de alta tecnologia” (Lima, 1992, p. 23).

<sup>41</sup> No ano de 2023 já finalizado e em funcionamento.

Não apenas a Unicamp, apesar de sua posição central no papel de reorganização territorial, mas também a ampliação do sistema viário e a instalação de indústrias marcaram as grandes mudanças por qual passou o distrito neste período. Juntamente com a Universidade, iniciou-se a criação e o loteamento da Cidade Universitária. Este local foi concebido para abrigar os professores da Universidade, seus dirigentes e famílias de classes média e média alta de Campinas e São Paulo (Moretti *et al.*, 2009, p. 5).

A Universidade se torna, portanto, um importante elemento estruturador do distrito em razão da sua capacidade de atração e polarização (Moretti *et al.*, 2009). Essa polarização não se dá apenas em nível intranacional, mas funciona como um importante polo de atração internacional. A Unicamp sempre se destacou nas parcerias institucionais internacionais, fato que vai se relacionar com a vinda de imigrantes haitianos para Campinas.

Como menciona Flores e Cortéz (2016), mesmo antes da existência de programas de internacionalização, entre os anos de 1966 a 1978 a Unicamp atraiu grande contingente de professores estrangeiros, mas é só no ano de 1984 que a Unicamp cria a Assessoria de Relações Internacionais – hoje chamada de Coordenadoria de Relações Institucionais e Internacionais (Cori) – com a intenção de fortalecer parcerias no exterior. A criação dessa Assessoria fez com que o número de estudantes estrangeiros crescesse consideravelmente.

No final dos anos 90, diversas parcerias institucionais são criadas pela Unicamp<sup>42</sup>, aumentando a mobilidade e a presença de alunos estrangeiros, como por exemplo, a adesão e início da participação na Associação de Universidades do Grupo Montevidéu. De acordo com o Flores e Cortéz (2016, s.p.):

Ao mesmo tempo em que houve uma ampliação das oportunidades para que os estudantes da Unicamp realizassem mobilidade no exterior, o número de estudantes estrangeiros que buscavam a Unicamp para realizar mobilidades de curta duração ou para períodos de longa duração, como Mestrados e Doutorados cresceu consideravelmente [...] Ao contrário do ocorrido com os destinos dos estudantes em intercâmbio no exterior, a procura para a realização estudos de longa ou curta duração na Unicamp se dá prioritariamente por alunos oriundos de países da América Latina.

A Unicamp demonstra, desde a sua criação, interesse na realização de atividades de internacionalização. É claro que a imigração haitiana para o Brasil não pode ser entendida somente através da criação de programas de incentivo a estudantes haitianos. Este fenômeno está inserido em um contexto muito mais amplo e complexo, com características multiescalar, que são descritas ao longo desse

---

<sup>42</sup> Consultar site <https://www.internationaloffice.Unicamp.br/institucional/>

trabalho. No entanto, a criação de um núcleo de imigrantes haitianos, especificamente no distrito de Barão Geraldo, guarda relações com a presença da Universidade.

No momento em que houve um grave terremoto em solo haitiano no ano de 2010, um Professor da Unicamp estava no país fazendo trabalho de campo. Esse Professor, foi entrevistado para esta pesquisa (relato no capítulo a seguir) e narrou que o terremoto acentuou uma situação de crise nas instituições de ensino superior haitianas e fez com que as Universidades parassem completamente o seu funcionamento. Isso porque:

Várias faculdades e mesmo universidades inteiras desabaram inteiramente, fazendo perecer, ferindo, mutilando ou desalojando um grande número de estudantes, professores e funcionários. Praticamente não existem prédios universitários que não tenham sido afetados pelo terremoto. Muitos daqueles que não ruíram completamente terão de ser demolidos ou terão de passar por uma restauração custosa e prolongada. E enquanto não forem demolidos ou restaurados, por conta dos riscos que representam, os edifícios destruídos ou danificados inviabilizaram o uso do espaço de vários dos campi [...] (Nascimento; Thomaz, 2010, p. 23).

Ao presenciar a situação de fragilidade das instituições de ensino superior, este Professor, em parceria com o Pró-Reitor da Graduação da Unicamp e juntamente com a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), desenharam o programa intitulado Pró-Haiti, compondo a modalidade de graduação sanduíche, com duração de 5 anos, incluindo os benefícios de mensalidade, auxílio deslocamento e auxílio instalação<sup>43</sup>. O Programa emergencial foi instituído através da Portaria 092, no ano de 2010 com os seguintes dizeres:

Programa Emergencial em Educação Superior – PRO-HAITI visa contribuir para a reconstrução do Haiti por meio de apoio a formação de recursos humanos e reestruturação das Instituições de Ensino Superior (IES) haitianas, podendo ser incluídas outras modalidades constantes no Memorando de Entendimento (CAPES, 2010, Anexo I).

O programa Pró-Haiti apresentou, durante seu processo de seleção e convocação diversos problemas, que podem ser consultados mais detalhadamente nos trabalhos de Thomaz e Sebastião (2012) e Alphonse e Macedo (2017). Mesmo com problemas, em julho de 2011, foram aprovados 89 candidatos, sendo que 45 desses aprovados foram para a Universidade Estadual de Campinas, 32 para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 7 para a Universidade Federal de

---

<sup>43</sup> Os valores pagos no ano de 2011, referem-se a 18 parcelas no valor de R\$ 750,00 e 1 parcela de R\$ 500,00 relativo ao auxílio instalação.

São Carlos (UFSCAR) e 5 para Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Seleção do Edital, 2011).

O que é interessante de examinar é que os imigrantes haitianos entrevistados nesta pesquisa estão majoritariamente concentrados na região do distrito de Barão Geraldo, como mostra o Mapa 1 abaixo. Como podemos observar, Barão Geraldo é uma região de Campinas/SP em que a renda nominal mensal (de acordo com os dados censitários de 2010, em que o salário mínimo correspondia a R\$ 510,00 reais) concentra espaços de alto rendimento.

A alta renda distrital se relaciona a um processo intenso de especulação imobiliária, no qual:

Em razão de sua localização e de oferecer à população “qualidade de vida”, o distrito passou a atrair famílias com padrão de renda mais elevado de outros locais de Campinas e mesmo de outras cidades (Simson, 2003). Foram atraídas também empresas públicas, privadas e de economia mista, as quais se utilizam de alta tecnologia no seu processo produtivo. O campo da saúde também foi beneficiado, contando com profissionais altamente capacitados ligados à Universidade e que passaram a atuar também em clínicas e hospitais de ponta que se instalaram na região (Moretti *et al.*, 2009, p.5).

Moretti *et al.* (2009) continuam:

A qualidade das terras e da renda adquirida pelos produtores a partir de atividades agrícolas faz com que o parcelamento das glebas e a incorporação de novas terras ao uso urbano só seja viável financeiramente em empreendimentos destinados à população com poder aquisitivo mais elevado. Associado a isto, a concentração de glebas nas mãos de poucos proprietários faz com que estes tenham um poder na formação dos preços no mercado de terras (Moretti *et al.*, 2009, p. 6).

A alta especulação imobiliária ocorrida no distrito de Barão Geraldo é discordante quando analisamos os valores das bolsas oferecidas pelo programa Pro-Haiti<sup>44</sup>, como mencione Alphonse e Macedo (2017, p. 245):

Com a mixaria que receberam como bolsa de estudos no país (R\$ 750,00), somada aos R\$ 500 para o custeio de instalação dos estudantes. Nós, como participantes do Pró-Haiti, na primeira fase do programa conhecido como intercâmbio (2011-2012), não registramos nenhum momento em que os estudantes foram beneficiados com itens como o valor previsto para custeio (R\$ 5000,00). Nesse sentido, não sabemos com o que foi gasto esse dinheiro.

Pouco provavelmente, imigrantes haitianos, que por vezes, chegaram ao Brasil em uma situação de vulnerabilidade, escolheriam se fixar em bairros de maior valor aquisitivo se não houvesse um incentivo, ou melhor, um motivo condicionante

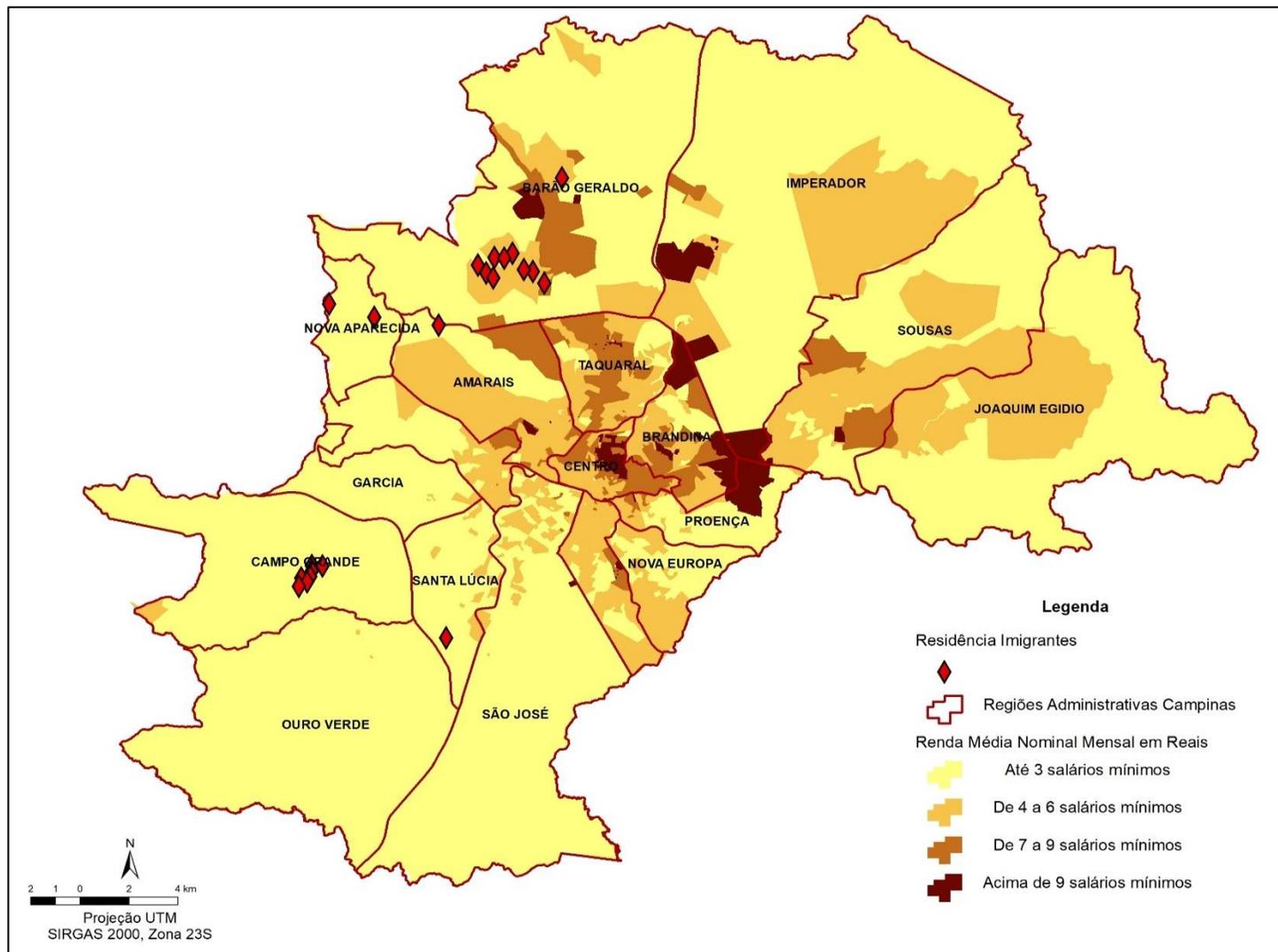
---

<sup>44</sup> A agência de fomento do Programa Pró-Haiti é a CAPES.

para tal. Tanto é que ao observar o mapa abaixo (Figura 4) existem duas regiões onde se concentram a maioria dos entrevistados. Em Barão Geraldo, o que acredito estar relacionado com a presença da Unicamp, e a região do Campo Grande, que configura uma área periférica da cidade de Campinas/SP de baixo poder aquisitivo.

Esses dois grupos evidenciam dois momentos distintos da imigração haitiana para o Brasil, um primeiro fortemente atrelado a presença da Unicamp, que se configura, portanto, como um polo de imigrantes pioneiros, e o segundo momento de um fluxo com características sociodemográficas distintas do primeiro, tanto no que diz respeito a sua documentação como inserção na sociedade de destino. O primeiro grupo, localizado em Barão Geraldo, na sua maioria, veio para estudar, com sua vinda, estadia e documentação totalmente articulada pela Unicamp. Já o segundo grupo, usou diversas estratégias de entrada e na sua maioria para veio para trabalhar.

**FIGURA 4 –** Mapa de distribuição de renda nominal mensal e residência dos haitianos e haitianas



Fonte: IBGE (2010). Elaboração própria (2023).

Devido à implementação do programa Pró-Haiti, em que a Unicamp foi a Universidade que mais recebeu imigrantes haitianos, uma rede migratória é formada e retroalimentada pela entrada de novos imigrantes, não necessariamente relacionados com a instituição<sup>45</sup>. Ou seja, foi graças ao programa Pró-Haiti que houve a criação de um fluxo migratório de pioneiros que se fixaram em Barão Geraldo, gerando assim, tanto para o Brasil como para o Haiti, um novo espaço de circulação e presença da imigração haitiana.

O município de Campinas/SP e o distrito de Barão Geraldo, tornam-se, portanto, uma *baz* (Continguiba, 2014; Continguiba; Pimentel-Cotinguiba, 2022), que é uma categoria haitiana que caracteriza aquele lugar específico como sendo capaz de oferecer condições e garantias para permanecer de forma segura, encontrando trabalho, moradia e serviços públicos gratuitos. Nesse sentido “a noção de *baz* que empregamos aqui vai além das relações pessoais e intergrupais, e se estende a um plano mais amplo, macrossocial” (Cotinguiba; Pimentel-Cotinguiba, 2022, p. 135)<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> Situação descrita nos capítulos seguintes.

<sup>46</sup> No original: “Así, la noción de baz que empleamos aquí va más allá de las relaciones interpersonales o intergrupales y se extiende a um plano más amplio, macrossocial”.

## CAPÍTULO 3 – CONSTRUÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO: MAPEAMENTO E REALIZAÇÃO DA PESQUISA QUALITATIVA<sup>47</sup>

### 3.1 Caminhos da pesquisa de campo

A relação com o grupo de imigrantes do Haiti se deu antes mesmo do começo formal da pesquisa de doutorado. O meu contato e vínculo com a comunidade haitiana começou no ano de 2019, antes de ingressar no programa de pós-graduação em Demografia/Unicamp, no período de julho de 2019 a janeiro de 2020, no qual realizei um estágio, através do Observatório das Migrações em São Paulo-Nepo/Unicamp, na Prefeitura Municipal de Campinas, dentro da Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência e Cidadania, no Serviço de Apoio ao Imigrante e Refugiado.

O Serviço Municipal de Apoio ao Imigrante e Refugiado embora não institucionalizado (o que significa que não há um Conselho Municipal e nem mesmo um plano municipal para imigrantes) configura-se como um importante avanço na garantia de acesso a direitos mínimos para a população migrante (Demétrio *et al.*, 2022).

Segundo Scatolini e Francisco (2018), o Serviço foi criado no ano de 2016 muito por conta da alta demanda da imigração haitiana (Leão, 2017). Segundo Scatolini e Francisco (2018, p. 966):

O Serviço atua no atendimento direto ao cidadão, de forma diferenciada, identificando suas necessidades, fornecendo informações a respeito de serviços públicos, orientando e executando ações em cinco Eixos de Trabalho; 1) intersetorialidade e Interculturalidade; 2) Processos Formativos; 3) Regularização de Documentação; 4) Trabalho e Geração de Renda; 5) Atendimento Humanitário personalizado.

A parceria entre a Unicamp e a Prefeitura Municipal de Campinas – parceria essa que possibilitou a realização do meu estágio- foi motivada pela criação da Cátedra Sérgio Vieira de Melo no ano de 2017, com o objetivo de fortalecer ações voltadas ao estudo, pesquisa e extensão na temática das migrações, refúgio e apatridia (Demétrio *et al.*, 2021). A cooperação técnico-científica correspondeu as

---

<sup>47</sup> Este capítulo foi parcialmente publicado no livro “Migrações e Refúgio: temas emergentes no Brasil” (Observatório das Migrações em São Paulo).

atividades que eu desenvolvi durante o estágio na Prefeitura e serão descritas a seguir.

Além da estruturação do Serviço Municipal, daquele momento até hoje, vários eventos reforçaram a importância do debate de ações municipais para imigrantes e refugiados sendo alguns deles:

O III Seminário de Migração e Refúgio, em 2018; o II Campinas Pela Paz e o I Campinas de Todos os Povos, ambos em 2019; a incorporação do tema, a partir de 2020, nos programas de capacitação realizados pela Escola de Governo e Desenvolvimento do Servidor (EGDS); além das várias celebrações e rodas de conversa organizadas pelas próprias comunidades migrantes com apoio da Prefeitura. Todos esses encontros fortaleceram o debate público sobre migração e refúgio no município, dando subsídios à promulgação da primeira legislação municipal sobre o tema: a Lei nº16.038, de 17 de novembro de 2020, ou Lei Municipal de Atenção aos Imigrantes, Refugiados e Apátridas<sup>48</sup> (Demétrio *et al.*, 2022, p. 7).

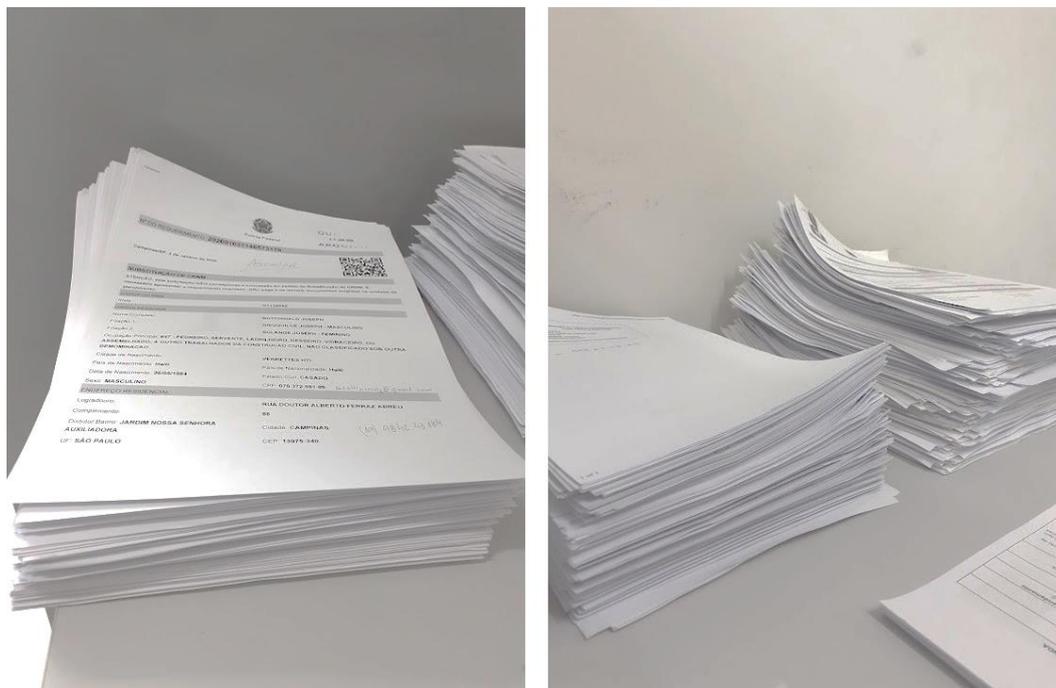
As atividades realizadas nesse estágio se concentravam na sistematização das fichas cadastrais dos imigrantes e refugiados (Figura 5) para plataforma digital, que em um primeiro momento reuniam-se em um documento do *Google Sheets*, e depois alimentaria um banco de dados online criado pelo grupo de pesquisa Observatório das Migrações em São Paulo – Nepo/Unicamp. Muitas das informações alimentadas nesse banco de dados eram oriundas da Polícia Federal seguida de cópias de documentos pessoais<sup>49</sup>.

---

<sup>48</sup> I – Garantir ao imigrante o acesso a direitos sociais e aos serviços públicos; II – Promover o respeito à diversidade e à interculturalidade; III – Impedir violações de direitos; IV – Fomentar a participação social e desenvolver ações coordenadas com a sociedade civil (Campinas, 2020).

<sup>49</sup> Para mais informações consultar os diagnósticos produzidos no âmbito da parceria entre a universidade e Prefeitura, Disponível em: <https://www.nepo.Unicamp.br/observatorio/srirac.php>. Acesso em: 04 jan. 2024.

**FIGURA 5 – Acúmulo de fichas cadastrais no Serviço de Referência ao Imigrante e Refugiado**



**Fonte:** Fichas para Imigrantes. Prefeitura Municipal de Campinas.  
**Foto:** Sophia Damiano Rôvere.

A maioria dos atendimentos e da sistematização dos documentos realizados por mim durante o estágio na Prefeitura foi de imigrantes haitianos e haitianas e foi a partir daí que o meu vínculo começou a se estabelecer com a comunidade.

Ao final do estágio (janeiro/2020) e ingresso formal no doutorado (março/2020) tivemos o início da pandemia de COVID-19. Com isso, diversos desafios foram impostos e situações de vulnerabilidade se acentuaram. Devido a esse contexto, recebo através do *WhatsApp* a divulgação de uma campanha de arrecadação de cestas básicas, como mostra a Figura 6 abaixo.

**FIGURA 6** – Campanha de arrecadação de cestas básicas

**Fonte:** Divulgação da campanha de arrecadação da Associação dos haitianos de Campinas e região para o Desenvolvimento.

Sensibilizada pela situação da pandemia e começando a delimitar a minha área de pesquisa, consegui organizar a arrecadação de algumas cestas básicas para a comunidade haitiana (em torno de 20 cestas básicas), representadas na Figura 7 abaixo.

**FIGURA 7** – Entrega das cestas básicas arrecadas em meados do primeiro semestre 2020



**Fonte:** Foto: Sophia Damiano Rôvere.

A entrega das cestas básicas aconteceu em uma Igreja evangélica, localizada no centro da cidade de Campinas/SP, chamada “Nova Aliança”. A partir desse evento fui adicionada em um grupo de *Whatsapp*, intitulado “Associação dos Haitianos e Haitianas de Campinas de Região- AHCR” e com isso, iniciei um vínculo direto com a comunidade haitiana.

Durante a pandemia, esse grupo de *Whatsapp* foi bastante ativo e outros voluntários brasileiros como eu se articularam para organizar novas ações de assistência e divulgação da comunidade haitiana. Esse grupo de voluntários contava com a participação de uma estudante do curso de Direito da PUC-Campinas e com um Publicitário, dentre outras pessoas. Imbuídos no desejo de ajudar, coordenamos uma campanha de venda de máscaras e camisetas para arrecadar fundos para estruturar a Associação. Nesse momento, o Presidente da Associação dizia que a instituição necessitava de infraestrutura física para funcionar, como por exemplo, computadores, e que eles já tinham a disponibilidade de uma sala em Barão Geraldo.

Fizemos algumas reuniões online para chegarmos na ideia da venda de camisetas e máscaras. Nesse momento, o voluntário que trabalha com publicidade e propaganda, se propôs a reformular o logo da associação e criar uma nova identidade visual, vide Figura 8, mais moderna e de mais fácil assimilação. Lembro-me que em uma das reuniões falamos que o nome da “Associação” era muito grande (o nome oficial é Associação dos Haitianos e Haitianas de Campinas e Região para o

Desenvolvimento) e que poderia ser mais simples e direto. A nossa sugestão não foi considerada e não houve abertura para isso. Nessas reuniões nunca houve a participação de outros membros da Associação, apenas do Presidente.

No segundo semestre de 2020, lançamos a campanha das camisetas e máscaras. O funcionamento se deu da seguinte forma. Primeiro, foi feita a venda das camisetas e das máscaras e, depois, com o dinheiro em mãos, fizemos a encomenda para confecção. No total, conseguimos fazer a venda de 50 camisetas e 23 máscaras, com o valor de custo de R\$ 17,50 por camiseta e de R\$ 8,90 por máscara.

**FIGURA 8** – Campanha de venda de camisetas e máscaras para a Associação dos Haitianos e haitianas



**Fonte:** Panfleto de divulgação da campanha da Associação dos Haitianos de Campinas e Região para o desenvolvimento.

Ressalto que, formalmente, com registro de CNPJ, a Associação só passou a existir no ano de 2023. Até aquele momento a Associação não era oficializada.

**FIGURA 9** – Data da entrega das camisetas (dez./2020)



**Fonte:** Foto: Sophia Damiano Rôvere.

O ano de 2020, foi um período intenso e importante de contato com a comunidade haitiana, mesmo respeitando o distanciamento e o isolamento imposto pela pandemia, o aplicativo *WhatsApp* e outras plataformas de videochamada fizeram com que eu conhecesse algumas lideranças da comunidade haitiana.

No ano seguinte, devido ao agravamento da pandemia, e a realização do Programa de Estágio Docente (PED)<sup>50</sup>, obrigatório para alunos bolsistas, retomei mais fortemente meu vínculo somente em novembro de 2021. O contato se deu porque o grupo de pesquisa em que faço parte, “Observatório das Migrações em São Paulo” – Nepo/Unicamp, direcionou a doação de diversas cestas básicas para a comunidade haitiana, através do Projeto com o Ministério Público do Trabalho (MPT). As doações sempre foram bem-vindas pela comunidade, principalmente, durante o período da pandemia de COVID-19. Desde 2021, graças a essa parceria institucional houveram outras doações de cestas, sendo elas:

- Novembro/2021-297 cestas
- Janeiro/2022-97 cestas
- Janeiro/2023-204 cestas
- Abril/2023-200 cestas

---

<sup>50</sup> O PED é um programa institucional da Unicamp que possibilita o aperfeiçoamento da formação do estudante de pós-graduação para o estágio em experiência docente ou de apoio às atividades docentes. Para mais informações acessar: <https://www.prrg.Unicamp.br/estagio-docente/ped/>.

**FIGURA 10** – Doação de cestas básicas, alocadas no interior da Igreja Cristo Salva



**Fonte:** Foto: Sophia Damiano Rôvere.

A distribuição das cestas sempre ficou a cargo dos próprios membros da Associação dos Haitianos de Campinas e Região para o Desenvolvimento. Todas as doações eram concentradas em igrejas evangélicas, sendo que as doações mais recentes, dos anos de 2022 e 2023, sempre foram destinadas a Igreja Cristo Salva, em Barão Geraldo (Figura 11). A partir dos eventos descritos acima, estive mais presente no convívio com a comunidade haitiana e consegui articular a aplicação do meu questionário de campo.

A entrada na comunidade haitiana se deu pelo contato realizado na primeira doação no ano de 2020. Como dito em parágrafos anteriores, a minha relação se estabelece com o Presidente da Associação dos Haitianos e Haitianas. Através do contato com o Presidente, em que realizei a primeira doação de cestas básicas e a campanha de máscaras e camisetas, conheci outro Membro da Igreja/Associação também haitiano, estudante da Unicamp, que foi figura fundamental na construção do meu trabalho de campo, pois é influente na Igreja Cristo Salva de Barão Geraldo, liderando diversos cultos e articulando atividades culturais e filantrópicas.

**FIGURA 11** – Fachada da Igreja Cristo Salva em Barão Geraldo



**Fonte:** Foto: Sophia Damiano Rôvere.

Através das doações de cestas básicas e participação nos cultos dominicais, estabeleci um vínculo mais próximo com este membro da Igreja/Associação e com isso fui convidada a participar ,no segundo semestre de 2022, de uma atividade cultural, em que mulheres da Igreja Cristo Salva se organizaram para cantar músicas e louvar a palavra de Deus e ao final, servirem uma

sopa<sup>51</sup> típica haitiana como mostra a Figura 12. A sopa não teve caráter filantrópico e foi requisitado uma contribuição de R\$ 50,00 para se servir.

As impressões dessa primeira atividade, que não foi a minha primeira ida a Igreja, eram de estranhamento e desconfiança por parte dos imigrantes haitianos e haitianas. Era como adentrar um território haitiano muito restrito em solo brasileiro. Todas as atividades eram (ainda são) realizadas em crioulo haitiano, língua nativa do Haiti e não há a presença de pessoas de outras nacionalidades. Embora houvesse essa sensação de desconfiança, que era percebida através de olhares discretos de “canto de olho” me medindo da cabeça aos pés (afinal, eu era a única mulher branca presente nas atividades), muitas vezes, foi colocada a minha disposição um intérprete para traduzir as falas e com isso, possibilitar que eu compreendesse o que estava sendo dito. Esse intérprete era algum membro da Igreja com domínio da língua portuguesa.

**FIGURA 12** – Atividade cultural na Igreja Cristo Salva – Sopa típica haitiana, bouyon/bouillon (out./2022)



**Fonte:** Foto: Sophia Damiano Rôvere.

<sup>51</sup> Interessante observar os achados da pesquisa de Cotinguiba (2014, p. 79) que explicam que: [...] tomar sopa não é apenas um ato de alimentar-se, já que isso poderia ser feito com outros alimentos; trata-se, por sua vez, de um ato ritualístico e remete à concepção de liberdade no imaginário coletivo do povo haitiano. Tomar sopa no dia primeiro de janeiro é rememorar que são livres, é lembrar-se dos heróis da revolução, é a memória coletiva. A sopa não é apenas alimento, é o que podemos descrever como a sopa da liberdade.

Após esse evento, participei diversas vezes dos cultos, que acontecem aos domingos de manhã, sempre recepcionada pelo Membro da Igreja/Associação, e outras atividades culturais ou festivas, que também ocorriam aos domingos, como por exemplo, uma festa para as crianças em que houve a participação de uma pastora angolana e outras Igrejas da região. Acho que esse foi o dia mais cheio que presenciei na Igreja. Pouquíssimos eram os brasileiros que estavam presentes, e durante toda a fala da pastora angolana que proferiu a fé em português houve simultaneamente algum haitiano traduzindo para o crioulo.

Durante essas minhas idas aos cultos, algo que sempre me chamou atenção foi como a comunidade conduz os cuidados com as crianças. Mesmo que a minha entrada nesse espaço tenha tido a abertura de um membro influente no grupo, que sempre reforçava que as cestas básicas tinham sido articuladas pela minha rede de contato, a desconfiança era presente nos olhares. Embora os adultos tenham esse olhar, o que me pareceu é que o cuidado de uma criança é de responsabilidade de todos e não apenas dos seus pais ou responsáveis. Algumas vezes bebês e crianças dormiram no meu colo durante quase todo o culto e eu nem se quer ficava sabendo seus nomes. A impressão era de que eu estava, assim como todos ali, cumprindo uma função básica, cuidar/ assistir as crianças da comunidade.

De todos os eventos que participei, o evento mais relevante aconteceu em dezembro de 2022, em que eu pude participar da sua organização. A demanda do evento veio através do Membro da Igreja/Associação, com quem, nesse momento, já havia estabelecido laços estreitados e muitas foram as conversas sobre necessidades e interesses da comunidade haitiana. Ele relatou que seria interessante informar os direitos trabalhistas para a comunidade haitiana, para assim, garantir a não violação de direitos básicos, que segundo ele, estavam sendo desrespeitados.

As pessoas convidadas para a realização e organização deste evento, que foi intitulado de “I Seminário sobre Direitos Humanos e Imigração: Direito dos Trabalhadores”, faziam parte da minha rede de contato e têm em sua experiência laboral e/ou acadêmica temas que versam sobre imigração internacional e direitos trabalhistas.

Para realização desse evento, que ocorreu na Igreja Cristo Salva, articulei contato com o Prof. Dr. Guilherme Perez Cabral da Faculdade de Direito PUC-Campinas, bem como, com a Desembargadora aposentada Maria Inês Corrêa de Cerqueira César Targa e profissionais da área do direito trabalhista e pesquisadoras

do tema das migrações internacionais. O evento foi divulgado através do *WhatsApp* e também pelo site de notícias G1, como mostra a Figura 13 abaixo<sup>52</sup>, cuja a possibilidade de divulgação se deu através do contato de uma colega do grupo de pesquisa “Observatório das Migrações em São Paulo” que é graduada em jornalismo.

**FIGURA 13 – Divulgação do Evento: “I Seminário sobre Direitos Humanos e Imigração: Direito dos Trabalhadores”**

O distrito de Barão Geraldo, em **Campinas (SP)** recebe neste domingo (4) o "I Seminário sobre Direitos Humanos e Imigração: Direitos dos Trabalhadores". Evento gratuito acontece das 10h30 às 13h na Rua Maria Luiza Buratto Pátaro, 84.

A iniciativa é uma parceria de Sophia Damiano Rôvere, doutoranda no PPG Demografia da Unicamp, com Guerby Sainte, doutorando no PPG em Geografia da Unicamp e vice-presidente da Associação dos Haitianos de Campinas para o Desenvolvimento e Região (AHCRD) e o professor Dr. Guilherme Perez Cabal, da PUC- Campinas.

**Fonte:** G1 (Site de notícias).

Assim como em todas as outras cerimônias, um ou uma haitiana (o) fizeram a interpretação simultânea de todo o evento. O público pareceu interessado e ao final das falas, houveram muitas perguntas. A maioria dos questionamentos versavam sobre a validação da formação acadêmica e profissional realizada no Haiti, carteira de habilitação e rescisão contratual.

<sup>52</sup> Para mais informações sobre o evento, consultar a divulgação no site G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2022/11/29/evento-gratuito-discute-direitos-trabalhistas-para-imigrantes-em-campinas-no-domingo-confira.ghtml>.

Foram feitas algumas reuniões para organizar o seminário descrito acima. Essas reuniões aconteceram sempre no espaço da Igreja Cristo Salva em Barão Geraldo, com a minha presença, a presença do Membro da Igreja/Associação e a presença do Professor Dr. Guilherme, da PUC-Campinas.

**FIGURA 14** – Evento: “I Seminário sobre Direitos Humanos e Imigração: Direito dos Trabalhadores”, dez./2022



Fonte: Foto: Sophia Damiano Rôvere.

À parte da minha participação nos eventos da Igreja, um evento organizado no mês de novembro de 2022 em celebração ao dia da Consciência Negra (20 de novembro) contribuiu para que eu expandisse a minha rede de contatos e entrevistasse pessoas fora do ambiente da Igreja. Nesse momento, fiz esse esforço para tentar captar percepções de outros grupos da comunidade haitiana. Importante reforçar que até esse momento, nenhuma entrevista havia sido realizada, as entrevistas formais só começaram após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, indicado a frente.

O evento foi organizado pela DeDH (Diretoria Executiva de Direitos Humanos) e Cader (Comissão Assessora de Diversidade Étnico-Racial) e foi intitulado de “Unicamp Afro” e contou com a ilustre presença do cineasta haitiano Raoul Peck

(Figura 15). Nesse evento, pude estabelecer contato com estudantes haitianos da Unicamp, que assim como eu, participavam das atividades.

**FIGURA 15 – Divulgação do Evento “Unicamp Afro”, nov./2022**



Fonte: UNICAMP AFRO.

Portanto, para que eu tivesse entrada na comunidade haitiana, e que eu conseguisse aplicar o meu questionário de pesquisa, foi necessária a construção de um vínculo que começou a ser formado antes mesmo do meu ingresso no doutoramento, como mostra a figura abaixo.

**FIGURA 16 – Cronologia das atividades de construção do vínculo com a comunidade haitiana**



A descrição de todos os eventos acima elucidada a construção metodológica da aplicação da observação participante, que é um método de pesquisa de campo exploratório que visa “aumentar a familiaridade com o grupo de estudo, formular hipóteses e elucidar conceitos” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 188). De acordo com May (2004, p. 174):

[...] o método encoraja os pesquisadores a mergulharem nas atividades do dia-a-dia das pessoas as quais eles tentam entender. Diferentemente da testagem de ideias (dedução), elas podem ser desenvolvidas a partir das observações (indução).

O autor continua (2004, p. 175):

Os pesquisadores devem torna-se parte daquele ambiente, pois somente então, podem entender ações daqueles que ocupam e produzem as culturas, definidas como os aspectos simbólicos e aprendidos do comportamento humano, os quais incluem os costumes e linguagens.

Por estes motivos a realização das atividades descritas na Figura 15 foram tão importantes para a realização do trabalho de campo, para construir o acesso ao grupo de pesquisa e assim, possibilitar a aplicação dos questionários. Mesmo assim, eu precisei de um tempo para ser aceita no grupo, e em muitos momentos a minha presença não foi vista com confiança pelo grupo, como irei relatar adiante. Como complementa May (2004, p. 183):

[...] a observação participante, envolve tornar-se parte de um grupo, ou organização para entende-los, então não é simplesmente o caso de “ficar por aí”. Tornar-se parte de uma cena social e participar nela requer que o pesquisador seja aceito em algum grau. Esse período de “inserção” em uma situação é importante tanto de forma analítica quanto pessoal.

Devido à aplicação da abordagem da observação participante antes do começo formal das minhas entrevistas, muitas foram as conversas com os haitianos e haitianas que pude conhecer no espaço da Igreja Cristo Salva. Como frequentei diversas vezes os cultos e outras atividades culturais, tive a chance de conversar e registrar em um caderno de campo as minhas impressões e falas desses imigrantes. Essas conversas informais antes da aplicação do questionário de pesquisa sempre aconteceram com membros da comunidade haitiana fluentes em português.

### 3.2 Entrevistas e interlocutores da pesquisa

Concomitante aos eventos acima, realizei em outubro de 2022 a minha primeira entrevista com o Membro da Igreja/Associação, já que estabeleci um vínculo mais próximo com ele. Esta entrevista também foi um teste de aplicação do questionário, para avaliação da duração da entrevista e compreensão das perguntas. Ressalto que essa primeira entrevista só aconteceu depois da aprovação do comitê de ética em pesquisa da Unicamp- CAAE número 59669722.4.0000.8142 em julho de 2022.

O objetivo central da aplicação deste questionário de pesquisa era a coleta de dados qualitativos sobre a percepção do grupo em relação a vivência no município de Campinas/SP, bem como, auferir sobre os projetos migratórios dos haitianos e haitianas, tanto no que se refere a sua chegada, quanto aos seus planos futuros.

O critério para a seleção dos entrevistados foi que tivessem 18 anos ou mais e devido a minha não-fluência em francês e/ou crioulo, outro critério foi que os entrevistados falassem português. Alguns haitianos e haitianas com baixa fluência na língua portuguesa contaram com a ajuda de um intérprete haitiano, também respondente do meu questionário de pesquisa.

Depois da primeira entrevista em outubro de 2022, que serviu como teste de aplicação, no mês seguinte, comecei as entrevistas propriamente ditas. Essas entrevistas formais foram gravadas, através de um gravador de áudio do meu celular e exigiam a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2). Esse termo garante a seguridade dos direitos do entrevistado. Embora este Termo seja para proteger o entrevistado, o fato de exigir uma assinatura fez com que a aceitação na pesquisa fosse mais baixa e mais difícil do que eu imaginava.

Mesmo eu me apresentando como pesquisadora de doutorado da Unicamp e garantindo que todas as informações seriam sigilosas, usadas apenas para pesquisa acadêmica, os olhares resabiados eram muitos e um sentimento de insegurança por parte deles dificultou a minha coleta de dados. Essa descrença era percebida no contexto de aplicação de um questionário formal de pesquisa, com a exigência da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em um contato mais informal, de observação participante, as conversas corriam mais naturalmente e as falas não eram acompanhadas desse sentimento de desconfiança.

Como forma de amenizar essa insegurança, eu entregava a eles as perguntas do meu questionário (Anexo 1) e reforçava que não eram perguntas pessoais e/ou íntimas que pudessem prejudicá-los de alguma forma. Também sublinhava que o Membro da Igreja/Associação já havia respondido esse mesmo questionário e que eles poderiam procurá-lo caso tivessem alguma dúvida. Na grande maioria das vezes, essa estratégia foi efetiva e consegui dar seguimento nas entrevistas. A figura desse Membro da Igreja/Associação, foi uma porta de entrada importante, além de sua ajuda na tradução do questionário para crioulo haitiano, facilitando a interação e entendimento com os imigrantes.

As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas organizadas em um questionário inicialmente com 30 questões, dentre elas perguntas abertas e fechadas, compondo uma entrevista semiestruturada. De acordo com May (2004 p. 125) “as perguntas abertas dão as respondentes uma liberdade maior para responder porque eles o fazem de uma maneira que é adequada à sua interpretação”. Ainda de acordo com o mesmo autor, essa metodologia, embora tenha um guia de perguntas, o pesquisador “está mais livre para ir além das respostas” (May, 2004, p. 148).

No caso do roteiro de perguntas proposto nesse trabalho, a intenção além de coletar dados pontuais, como idade e sexo, era de captar as percepções sobre o projeto migratório dos migrantes e suas observações positivas e negativas da cidade de Campinas, a aplicação de um questionário semiestruturado faz com que:

O entrevistador, que pode buscar tanto o esclarecimento quanto a elaboração das respostas dadas, pode registrar informação qualitativa sobre o tópico em questão. Isso permite que ele tenha mais espaço para sondar além das respostas e, assim, estabelecer um diálogo com o entrevistado (May, 2004, p. 148).

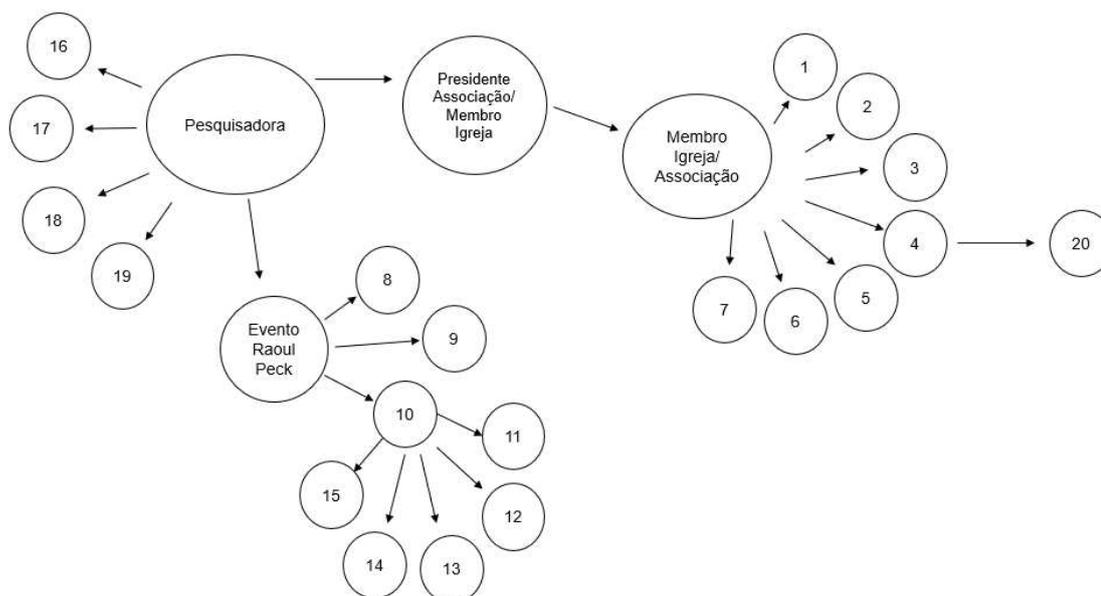
Essa metodologia permite que, ao mesmo tempo em que se tenha um roteiro pré-definido de perguntas, a condução da entrevista seja mais informal, similar à de uma conversa, (Boni; Quaresma, 2005), o que em um contexto de desconfiança por parte da comunidade haitiana, facilitou a aplicação.

Graças ao meu contato com o Membro da Igreja/Associação, consegui entrevistar sete imigrantes haitianos e haitianas frequentadores da Igreja Cristo Salva. Todas essas entrevistas aconteceram nas dependências da Igreja Cristo Salva durante ou após o culto dominical. A única exceção se deu do entrevistado 1 (Figura 16), que é colega do Membro da Igreja/Associação e também é estudante da Unicamp e membro da Igreja Cristo Salva. Essa entrevista se deu nas dependências de um

laboratório de pesquisa de um dos cursos da Universidade, em novembro de 2022. As entrevistas tiveram uma duração entre 15 e 20 minutos.

Os números da Figura 17 abaixo, representam a ordem em que as pessoas foram entrevistadas, bem como, a construção da rede de contato, sendo que o primeiro entrevistado foi o Membro da Igreja/Associação. Como ele foi figura importante para a construção deste trabalho de campo, a sua identificação no esquema de rede da Figura 17, foi através de uma nomeação e não numeração. O presidente da Associação/ Membro da Igreja não foi entrevistado<sup>53</sup>. No entanto, ele foi fundamental para me colocar em contato com o Membro da Igreja/Associação, o qual me abriu tantas portas.

**FIGURA 17 – Construção da rede de contato das entrevistas**



Durante os dias do evento da consciência negra na Unicamp, conheci três alunos haitianos e os convidei para participarem da minha pesquisa e prontamente eles aceitaram. As entrevistas com esses alunos ocorreram nas bibliotecas ou espaços coletivos de estudos dentro da universidade e acontecerem nos meses de novembro/2022, janeiro/2023, e em junho/2023, quando a aprovação do Comitê de Ética já havia sido deferida. Devido aos compromissos de ambas as partes, foi difícil

<sup>53</sup> A escolha deliberada de não o entrevistar foi para preservar um bom relacionamento entre nós dois. Isso porque, ficou evidente através da observação participante, alguns conflitos existentes entre os membros comunidade haitiana, especificamente dentro da Associação.

alinhar as datas das entrevistas, e por isso algumas delas aconteceram mais tardiamente do que o esperado.

O contato estabelecido com um dos alunos haitianos da Unicamp através do evento da consciência negra, formou uma importante rede, já que através dele (entrevistado 10) consegui entrevistar mais 5 pessoas (Figura 17), fora do contexto universitário e da Igreja Cristo Salva de Barão Geraldo.

No entanto, a articulação dessas entrevistas intermediadas pelo entrevistado 10 só aconteceu no mês de março de 2023. Essas entrevistas foram importantes pois configuraram outro grupo de haitianos e haitianas da cidade de Campinas/SP. Elas aconteceram nos bairros Jardim Florence I e II, bairros conhecidos em Campinas/SP por concentrarem grande quantidade de imigrantes haitianos e haitianas. Isso se deu porque, o entrevistado 10 mora na região.

As entrevistas aconteceram em um sábado à tarde, no mês de março de 2023, em que eu, acompanhada do entrevistado 10, fomos até a casa das pessoas (Figura 18). Visitei 5 residências, e todas correspondiam a imóveis alugados. Duas residências eram “casa de fundo”, ocupada por apenas um indivíduo.

Duas dessas entrevistas me marcaram. Uma por deixar clara a estrutura patriarcal da sociedade haitiana e a outra pela abertura e receptividade. Para realizar a entrevista com a entrevistada 14, umas das poucas mulheres respondentes do questionário de pesquisa, primeiramente fui recepcionada por seu marido, que direcionou pouquíssimas palavras a mim. Ele me conduziu para um dos cômodos da casa, em que havia um verdadeiro estúdio de gravação/transmissão, ao que me parecia, de “*lives do Youtube*”. Eram muitos os equipamentos eletrônicos, como iluminação, microfones, cromaqui, entre outros. Inicialmente, achei que ele fosse responder o meu questionário, pois ele pediu para lê-lo. Ao final da leitura, fez um sinal de concordância com a cabeça e pediu para que a sua mulher entrasse no cômodo e só assim, depois de sua permissão, pude realizar a entrevista.

De todas as entrevistas do dia a mais descontraída foi a última, a do entrevistado 15. Ao chegar em sua residência, acompanhada do entrevistado 10, fui recepcionado com o oferecimento de muitas coisas, como água, sorvete, cerveja e até mesmo uma bebida alcoólica típica haitiana que, como o entrevistado 15

comentou, mulheres haitianas do bairro fazem para a comunidade, o kremas/crémas<sup>54</sup>.

Assim como em Barão Geraldo, no bairro Jardim Florence I, existe uma Igreja Evangélica, liderada por haitianos e haitianas em que os cultos acontecem em crioulo, chamada de Shekinah (Figura 18). Por questões relativas à logística, tempo de deslocamento e desconhecimento de pessoas que pudessem me receptionar, nunca assisti o culto dessa Igreja.

**FIGURA 18** – Trabalho de campo nos bairros Jardim Florence I e II, Campinas/SP, março/2023 – Fachada de uma das casas do bairro, Igreja e ruas do bairro



Fonte: Foto: Sophia Damiano Rôvere.

*Pari Passu* a todos os eventos descritos acima, durante a minha circulação por Barão Geraldo e Campinas/SP, consegui entrevistar mais 4 haitianos e haitianas. O primeiro contato com essas 4 pessoas se deu de forma bastante informal, abordando-nos em espaços públicos, ou contatos pretéritos à pesquisa, decorrente da primeira campanha de arrecadação de cestas básicas. Após esse primeiro contato e apresentação da pesquisa, as entrevistas foram realizadas. Duas dessas entrevistas

<sup>54</sup> Bebida doce e cremosa feita com coco, leite, especiarias e rum, mas que no Brasil, muitas vezes, é substituído por cachaça.

aconteceram por telefone (as únicas de todo o trabalho) e as outras duas aconteceram no local de trabalho de um dos haitianos, com autorização de seus superiores, e a outra em uma praça pública dentro da Unicamp.

Além das entrevistas realizadas com os imigrantes, com a intenção de compreender mais detalhadamente a chegada de haitianos e haitianas em Barão Geraldo/Campinas/SP foram feitas 3 entrevistas institucionais. Uma delas com um Servidor Municipal, que foi figura importante no Serviço de Referência ao Refugiado, Imigrante e Apátrida de Campinas, o Pastor responsável pela Igreja Cristo Salva e um dos Professores da Universidade Estadual de Campinas responsáveis pelo desenho e implementação do Programa Pró-Haiti.

Todas as entrevistas institucionais foram abertas, com a intenção de que os entrevistados pudessem discorrer livremente sobre o tema introduzido. Como completa Boni e Quaresma (2005, p. 74):

As perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal. A interferência do entrevistador deve ser a mínima possível, este deve assumir uma postura de ouvinte e apenas em caso de extrema necessidade, ou para evitar o término precoce da entrevista

Da mesma forma, Marconi e Lakatos (2003) dizem as entrevistas despadronizadas ou não-estruturada dão liberdade tanto para o pesquisador formular as perguntas, quanto para o entrevistado respondê-las, fazendo com que haja fluidez e espontaneidade na condução da pesquisa. Nesse momento da pesquisa foi aplicada uma entrevista focalizada, que se caracteriza por “um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 197).

Essas entrevistas ocorreram em abril de 2023, e assim como todas as outras, tiveram seu áudio gravado, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O contato com o funcionário da prefeitura de Campinas foi bastante fácil e acessível dado ao fato de que eu havia feito estágio na Prefeitura de Campinas e tinha tido a oportunidade de conhecê-lo. Essa entrevista ocorreu no local de trabalho do entrevistado, a pedido dele, em um prédio da Prefeitura Municipal de Campinas<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> Entrevista realizada em abril de 2023.

De acordo com a entrevista, o primeiro grupo de imigrantes haitianos e haitianas a procurar a prefeitura de Campinas foi no ano de 2015. Nesse momento os haitianos e haitianas procuraram a assistência social municipal, já que o Serviço de Referência ao Refugiado, Imigrante e Apátrida ainda não havia sido criado. Esses haitianos e haitianas já moravam em Barão Geraldo e alguns deles eram estudantes da Unicamp.

As demandas requeridas por esses imigrantes haitianos e haitianas, ao procurarem a assistência social, eram principalmente duas: estudantes da Unicamp, pensando em voltar para o Haiti ou mudar de país, e amigos e familiares começando a chegar em Campinas e indo morar em coabitações familiares em Barão Geraldo, as repúblicas.

Na entrevista, foi relatada uma importante atuação de uma Igreja, na época chamada de Igreja Salem. A minha intenção era compreender se a Prefeitura de Campinas tinha de alguma forma, participado no abrigamento de haitianos e haitianas especificamente em Barão Geraldo. De acordo com a entrevista:

*“[...] essa Igreja chamada Salem, acho que é mesma- refere-se a Cristo Salva-, tinha um Pastor [...], é...esse Pastor acabou ficando muito próximo, é... assim... tinha um contato bastante grande e começou a destinar, é...algumas ações, assim...sobretudo essas que eu falei antes, que não eram da assistência social...de segurança alimentar, então cesta básica, então, campanha de arrecadação de agasalho, a gente destinou lá pra Igreja muitas vezes, fizemos algumas ações ali de saúde, com parceira da área da Secretaria de Saúde lá na Igreja mesmo e ela era, tinha um contingente bastante grande de haitianos e haitianas, inclusive com culto dominical, que era feito em crioulo [...] Mas aí, esse Pastor vai embora e é um período que a gente deu uma certa desligada, que a gente deu uma afastada da Igreja e tal...e nos concentramos muito nas atividades do Serviço...então, mas tinha uma outra questão também de buscar um caminho, que fosse um caminho mais seguro, é...quando nós fizemos esse movimento de afastar da Igreja tava surgindo várias outras Igrejas também, lá em Barão Geraldo, a Igreja Quadrangular, ela também começou a juntar haitianos e haitianas, basicamente só haitianos e haitianas mesmo, não lembro de outros movimentos em Barão Geraldo, com outras nacionalidades, a Igreja Batista era uma Igreja que também tava dialogando e querendo fazer alguma coisa, mas nunca avançou...é...a Igreja Católica lá [Barão Geraldo] nunca se manifestou em relação a isso.[...] Então havia ali um núcleo religioso, um convívio, sobretudo evangélico e evangélico pentecostal, sobretudo, a Igreja de Salem, a Quadrangular, Quadrangular acho que não é pentecostal, mas a Salem é, e, com uma concentração bastante grande e eles começaram recebendo um universo de imigrantes que tavam chegando lá em Barão Geraldo, eles começaram a abrigar na Igreja mesmo, eles abriram na parte de cima da Igreja, colocaram colchões e tava abrigando as pessoas, alimentando todo mundo [pesquisadora: isso em 2017? Isso! 2017 mesmo] ...e tava muito intenso assim....isso nos preocupou bastante, a assistência, né? Precisamos cuidar disso.... chegando muita gente, tal.... eles depois, alugaram, não sei como foi o processo, mas abriram um outro espaço, uma casa grande, uma casa maior, acho que no Guará ou próximo do Guará, em*

*que lá eles também começaram a abrigar, mas aí tinha muito a lógica, nada a ver com missão paz, né? Assim... é abrigo na lógica mais pentecostal, assim, você tem que ser do culto, tem que ir pro culto dominical em crioulo haitiano para poder ficar aqui [...].*

Ficou claro com a entrevista que o Serviço Municipal de Campinas não havia participado no abrigo e direcionamento da comunidade haitiana para Barão Geraldo/Campinas/SP. Por isso, nesse momento, comecei a desenhar a hipótese de que a consolidação do núcleo de imigrantes haitianos e haitianas em Barão Geraldo/Campinas/SP poderia ter alguma relação com a criação do Programa Pró-Haiti. Além dessa hipótese, também não pude ignorar o fato de a Igreja Cristo Salva ter se colocado como referência da imigração haitiana na região, e a partir disso, uma outra hipótese, que a imigração haitiana muitas vezes se deu através da articulação de Igrejas Evangélicas.

Por isso, além da entrevista com o funcionário da prefeitura, também entrevistei o Pastor da Igreja Cristo Salva, também no mês de abril de 2023, mas em outra Igreja Cristo Salva (Figura 19 e 20), que pelo que pude perceber é a sede das Igrejas, no bairro Vila União, em Campinas. O primeiro contato foi feito através do telefone, número que obtive com um dos membros da Igreja Cristo Salva de Barão Geraldo. Eu só consegui facilmente esse contato pessoal do Pastor graças às doações das cestas básicas, que sempre eram alocadas na Igreja e em parte eram doadas para comunidade evangélica.

**FIGURA 19** – Fachada da Igreja Cristo Salva da Vila União



**Fonte:** Foto: Sophia Damiano Rôvere.

**FIGURA 20 –** Entrada e interior da Igreja Cristo Salva da Vila União



Fonte: Foto: Sophia Damiano Rôvere.

A entrevista com o Pastor da Igreja também foi aberta para que ele pudesse falar, sem muitas interrupções, sobre o envolvimento de sua Igreja com a Igreja “dos haitianos e haitianas” em Barão Geraldo. O principal objetivo era compreender como o vínculo foi formado. O Pastor logo nos primeiros segundos diz que:

*[...] a Igreja não foi fundada por mim e nem para haitianos e haitianas, foi um outro Pastor que tinha uma Igreja brasileira, talvez em 2010,2011, não sei exatamente, mas alguns anos atrás, ele começou um trabalho lá. Tinha uma Igreja e o que acontece é que começam a chegar haitianos e haitianas [...] chegou uma família de haitianos e haitianas que era cristã e começou a participar como membros da Igreja [...] então ali virou um ponto de vários haitianos e haitianas, né? Barão Geraldo virou um ponto que...de contato do Haiti, um dos pontos, né? Na realidade os haitianos e haitianas são espalhados um pouco aqui, mas ali em Barão Geraldo, especificamente a região, então eles vinham, por exemplo, moravam muito precariamente, e aí*

*quando vinha uma família, eles alugavam uma casa maior [...], e moravam três, quatro famílias dentro de uma casa só [...]. E eles começaram vir em grande número e começaram a chegar e eles traziam essas pessoas para Igreja, e o que aconteceu, os haitianos e haitianas de certa maneira, foram predominando na Igreja, e o Pastor não sabia direito o que fazer, então ele começou dois cultos, um ele permitia que os próprios haitianos e haitianas dirigissem, só que isso tirou o foco dele, que ele não estava preparado e nem queria isso, a princípio ele apoiou só que, não houve um crescimento expressivo do número de pessoas, então o que acontece, os haitianos e haitianas, o ganho deles é muito baixo, então eles contribuem financeiramente muito pouco, então uma pessoa que tem dificuldade de se sustentar, se não tiver uma estrutura por trás, ele desanima, então foi o que aconteceu, ele acabou, de certa maneira, abandonando os haitianos e haitianas e os poucos brasileiros que tinham lá [...] Então, isso aí, acredito no final de 2017, bem no final mesmo, ele fez isso, tirou cadeira, tirou equipamento, tirou cadeiras e deixou o prédio e o aluguel pros haitianos e haitianas pagarem.*

A fala do Pastor continua e com isso a narrativa de como ele se vinculou com a Igreja “dos haitianos e haitianas” começa a ficar mais clara:

*[...] eu tenho contato de uma Igreja lá de Uberlândia, olha que interessante, né? E um membro dessa comunidade, que nem líder é, trabalhava com um haitiano, no serviço de alvenaria...pedreiro, trabalhou aqui no Shopping Serra Azul com ele um bom tempo, e tinha visitado aqui a Igreja e também criou um vínculo de amizade com os haitianos e haitianas, então quando os haitianos e haitianas se viram [...] nessa situação, sem condição financeira, sem uma estrutura espiritual, eles falaram com essa pessoa (de Uberlândia) [...] se eles não podiam ajudar eles aqui, então ele falou “ eu não tenho jeito, mas eu vou ver aqui na minha Igreja- que é grande- mas nós conhecemos um pastor lá” (em Campinas) e então entraram em contato comigo [...] isso em janeiro de 2018.*

Então, o Pastor da Igreja Cristo Salva foi contactado por um brasileiro, frequentador de uma Igreja de mais ou menos 5 mil pessoas (palavras do Pastor) em Uberlândia/MG, que havia trabalhado com um haitiano que fazia parte desse primeiro núcleo de haitianos e haitianas que estavam desamparados nessa primeira Igreja em Barão Geraldo. O Pastor assume então essa Igreja. O Pastor relata que foi bastante difícil a criação do vínculo com a comunidade, nas palavras dos haitianos e haitianas, segundo o Pastor:

*[...] 8, 9 meses depois, quando reuni para conversar com eles, eles disseram, nós pensamos que fosse, quando o senhor chegou aqui, uma reunião com vários deles, nós pensamos que fosse mais um líder branco que vinha aqui nos enganar.*

Em diversos momentos o Pastor frisa que a Igreja não é rica e que são muito honestos e diz que investem de 4 a 5 mil reais por mês, dependendo da contribuição dos haitianos e haitianas para sustentar a Igreja. Ele afirma que encara a Igreja de Barão Geraldo como uma ação missionária (Figura 21).

**FIGURA 21** – Culto dominical. Pastor e intérprete haitiano



**Fonte:** Foto: Sophia Damiano Rôvere

O relato do Pastor em muitas informações, vai de encontro com as declarações do funcionário da Prefeitura, sobretudo no tange à centralidade e importância de um espaço religioso na recepção, assistência e abrigo dos haitianos e haitianas.

No mesmo mês, também entrevistei um Professor da Unicamp, que foi um dos responsáveis pela implementação do Programa Pró-Haiti na Unicamp. A entrevista, a pedido do Professor, foi realizada em sua residência. O contato com esse Professor se deu graças a um colega haitiano, hoje, Professor de uma Universidade Pública Brasileira, que pude conhecer no evento do cineasta Raoul Peck. Pedi a esse colega o e-mail pessoal do Professor que prontamente me respondeu. O Professor é um especialista acadêmico importante quando falamos em Haiti, tema que faz parte do seu *métier* de pesquisa há anos. O Professor esteve no Haiti diversas vezes e estava no Haiti quando ocorreu o terremoto em 2010.

Na entrevista com o Professor o objetivo era compreender como se deu a formulação do programa Pró-Haiti e a vinda dos primeiros haitianos e haitianas para o Brasil. A entrevista também foi aberta. O Professor deixa claro que, embora o terremoto tenha fragilizado ainda mais a estrutura acadêmica haitiana, a mesma, já estava passando por uma crise.

*[...] havia uma crise naquele momento, na própria universidade. Houve uma situação, no dia do terremoto, antes do terremoto, houve uma grande manifestação de estudantes, na faculdade de ciências humanas, por conta de um assassinato que ocorreu naquele dia [...], de um sociólogo, um sociólogo militante, uma pessoa extremamente interessante, tinha sido assassinado naquele dia. O Haiti vivia um momento de crise política, a universidade estava em crise. A ideia de crise é algo que acompanha um pouco o dia a dia da universidade, mas havia uma ideia....percebemos que, diante da crise universitária e diante de dois elementos: a universidade, o maior contingente de universitários do Haiti se concentra na Universidade de Estado, que é a universidade pública mais antiga, mais prestigiosa universidade haitiana, e essa universidade ela tá centrada na capital Porto Príncipe, que foi a região mais afetada pelo terremoto, então havia essa percepção e porque nós rapidamente, caminhando, percebemos que uns centros haviam sido completamente destruídos.[...] A universidade haitiana passou por sucessivas crises, mas nunca tinha sido paralisada e agora nós temos uma situação de emergência e a universidade está paralisada e é esse o primeiro diagnóstico. Quando eu voltei pro Brasil do Haiti, eu rapidamente fiz uma reunião com o Professor Leandro (nome fictício), que na altura era Pró- Reitor de Graduação, e o Professor Tiago (nome fictício) [...] e naquela altura, num primeiro momento a Unicamp, havia uma percepção de que não podíamos fazer grande coisa, mas o Professor Leandro achava que não [...] E aí tivemos o apoio da Reitoria [...] E eu voltei pro Haiti pra fazer, junto com um sociológico que trabalhava comigo naquela altura, para gente fazer um diagnóstico da situação das universidades no país [...] Fizemos um projeto [...].*

O projeto que o Professor menciona era para catalogar e desenhar um diagnóstico de professores, alunos e funcionários que trabalhavam nessas universidades haitianas, quantos deles perderam a vida ou se machucaram devido ao terremoto e também relativo aos bens materiais danificados e/ou perdidos. Nesse momento, o Professor diz que o desafio é maior, e que não poderiam se concentrar apenas na Universidade de Estado, mas sim em todo o sistema de ensino superior haitiano.

As entrevistas institucionais apontam que não ocorreu por parte da Prefeitura Municipal de Campinas um abrigamento direcionada para Barão Geraldo e que, embora as Igrejas sejam um espaço importante de acolhimento, a princípio, não ficou claro a sua participação no direcionamento de imigrantes haitianos para o distrito. Por isso, após essas entrevistas institucionais, senti necessidade de realizar uma segunda rodada de coleta de dados, com os mesmos 21 entrevistados para verificar se existia ou não, alguma relação deles com a Unicamp, com três perguntas abertas. O objetivo aqui era verificar se esses imigrantes haitianos estavam em Campinas/SP, e especificamente em Barão Geraldo, condicionados por conta da Universidade através do programa Pró-Haiti.

Infelizmente, não consegui encontrar todos os entrevistados da primeira rodada. Dos 21 entrevistados, consegui (re)contactar 20. Mesmo frequentando o culto

dominical, a ida de muitas pessoas depende de folgas trabalhistas o que dificultou esse encontro. Essa segunda rodada de entrevistas aconteceu enquanto eu terminava a primeira rodada, no primeiro semestre de 2023.

### 3.2.1 Descrição dos entrevistados

O Quadro 1 abaixo descreve de forma sintética o perfil dos imigrantes haitianos entrevistados nessa pesquisa. A maioria dos entrevistados corresponde a faixa etária dos 35 a 39 anos. Considerando que a maioria desses entrevistados chegou no Brasil entre os anos de 2011 e 2016, a faixa etária correspondendo ao momento de entrada no país era de 20 a 24 anos e 25 a 29 anos, o que representa uma imigração jovem. A faixa etária mais alta, de 65 a 69 anos, representa o pai de um dos imigrantes que veio para o Brasil através do programa Pro-Haiti.

No que concerne à situação laboral, excluindo aqueles imigrantes que são estudantes, a grande maioria trabalha com registro em carteira, com a exceção de dois entrevistados que estão no mercado de trabalho informal.

**QUADRO 1 – Imigrantes haitianos e haitianas entrevistados**

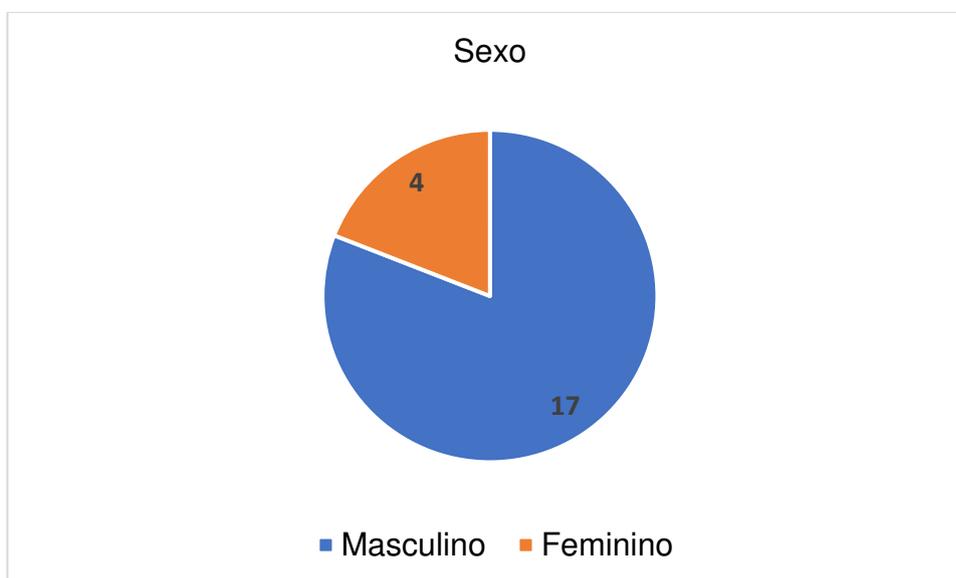
<b>Nº DA ENTREVISTA</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>SEXO</b>	<b>ANO CHEGADA</b>	<b>SITUAÇÃO LABORAL</b>
0	Solteiro	40 a 44	Masculino	2011	Estudante
1	Solteiro	30 a 34	Masculino	2011	Estudante
2	Casado	30 a 34	Masculino	2019	Registrado-Cozinheiro
3	Viúva	30 a 34	Feminino	2016	Registrado- Equipe de Solo Aeroporto
4	Casado	35 a 39	Masculino	2014	Autônomo-Pedreiro
5	Casado	30 a 34	Masculino	2016	Registrado- Técnico II em Telecomunicação
6	Casado	30 a 34	Masculino	2018	Registrado- Operador de Empilhadeira
7	Casado	30 a 34	Masculino	2015	Registrado - Manobrista
8	Solteiro	35 a 39	Masculino	2011	Estudante
9	Solteiro	35 a 39	Masculino	2011	Estudante
10	Solteiro	35 a 39	Masculino	2011	Estudante
11	Casado	65 a 69	Masculino	2016	Registrado. Ajudante de Cozinha
12	Solteiro	25 a 29	Masculino	2022	Registrado. Limpeza
13	Casada	45 a 49	Feminino	2015	Registrada. Ajudante de Cozinha
14	Casada	35 a 39	Feminino	2016	Registrada. Cozinheira
15	Solteiro	35 a 39	Masculino	2011	Registrado. Eletricista
16	Casado	35 a 39	Feminino	2016	Registrada-Cozinheira/Ajudante geral

17	Solteiro	35 a 39	Masculino	2018	Informal-Garçom
18	Casado	45 a 49	Masculino	2022	Registrado-Ajudante de Obra
19	Casado	45 a 49	Masculino	2013	Registrado-Logística Hortifruti
20	Casado	45 a 49	Masculino	2012	Informal-Bico de Uber

Fonte: Pesquisa de Campo – 2022 e 2023.

Como evidencia o Gráfico 3 abaixo, uma das grandes dificuldades do trabalho foi captar as percepções das mulheres haitianas. Durante todo o trabalho tive dificuldade de me aproximar delas e com isso, aplicar o questionário. Por essa razão, das 21 entrevistas realizadas, 17 foram com homens e apenas 4 com mulheres.

**GRÁFICO 3 – Distribuição por sexo de entrevistados/as da pesquisa**



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022 e 2023.

A princípio, pensei que a dificuldade de entrevistar mulheres haitianas se desse ao fato de eu ser uma mulher, brasileira e branca, o que poderia gerar desconfiança por parte delas, no entanto o relato do entrevistado 10 me mostra outra perspectiva. O entrevistado 10 é aluno da Unicamp e realiza uma pesquisa de pós-graduação com a comunidade haitiana, na abordagem da empregabilidade feminina.

*[...] eu tava morando aqui em Barão, agora tô morando no Florence. Motivo é porque lá tem um grupo muito grande de haitiano aí precisa fazer entrevista, aí para poder ficar no meio deles, aí eu faço essa opção de mudar. Aí eu fui mudar para poder conversar e entrar no meio deles para a entrevista mais fácil. [...] No meu caso que é homem, faço entrevista com homem mais fácil, se for com homem, nem precisava sair daqui [referindo-se a Barão Geraldo], mas em relação a mulher, as vezes se não tem a pessoa, não tem um contato com você, não sabe da onde você sair, mesmo se a pessoa é sua amiga em si, tá precisando de tudo, “a tem tal pessoa que vem, preciso agenda pra ela na Polícia Federal”, eu faço todo o documento pra mim, vai lá ajudar eu vou*

*[...] mas na hora você falar vamo fazer uma entrevista? A pessoa já começa coçando a cabeça, já vem um monte de pergunta “porque? O que você vai fazer com isso?” É bem complexo, aí tive que fazer essa mudança, para entrar no meio delas [Pesquisadora: eu estou achando interessante, porque você que é haitiano teve dificuldade de entrevistar mulheres] muita dificuldade (Entrevistado 10).*

O relato acima se deu ao responder à pergunta 16 do questionário (Anexo I), referente ao bairro de moradia. O entrevistado 10, de forma espontânea, relatou essa mudança de bairro e a justificou. Ou seja, a dificuldade de entrada na comunidade haitiana, sobretudo com as mulheres não foi uma barreira enfrentada por mim, mas também pelo próprio entrevistado 10, que é haitiano, tem domínio da língua e conhece parte da comunidade.

Outro fator que pode estar relacionado à baixa aderência de entrevistas de mulheres haitianas é a sua menor participação nos processos de migração. Quando analisamos as quantidades dos imigrantes haitianos e haitianas para o Brasil, o montante de homens no acumulado dos anos de 2012 a 2022 é de 62, 77% do total, enquanto o de mulheres é de 37,22%<sup>56</sup>. Esse fator expõe aspectos das desigualdades (de gênero) do país, como discorre Rosa (2006, p. 20):

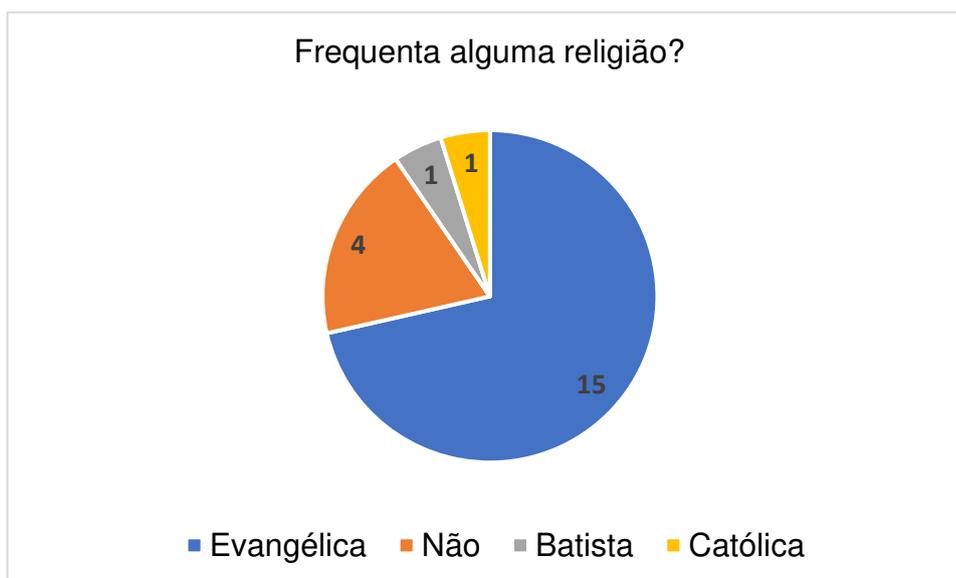
A produção de conhecimento e a instauração de uma educação formal em uma língua colonial é um dos principais geradores das desigualdades instauradas no Haiti, já que são as mulheres monolíngues (falantes apenas do Kreyòl) e sem qualquer tipo de acesso à educação formal constituem o grupo de maior vulnerabilidade social, pois embora os homens também compartilhem do mesmo grau de desamparo social, eles conseguem migrar em um percentual significativamente maior do que as mulheres, seja para a República Dominicana, para o trabalho no plantio e colheita de cana-de-açúcar ou para a construção civil, ocupações marcadamente masculinas, seja para os Estados Unidos ou Canadá porque gozam de uma rede de solidariedade muito mais consolidada nos países de destino, ao passo que as mulheres haitianas encontram muito mais dificuldade no processo migratório, pois não encontram o mesmo suporte que seus compatriotas. Isto ocorre devido à fragilidade nas redes de cooperação femininas de incentivo à imigração, na baixa exposição das mulheres à vida pública, obrigando-as à dedicação quase que exclusiva à reprodução familiar, limitando as chances de sobrevivência social fora do lar e do seu próprio país.

No que diz respeito à religião (Gráfico 4), devido às características descritas anteriormente referente a construção do trabalho de campo e dos relatos das entrevistas administrativas, a grande maioria dos haitianos e haitianas entrevistados

<sup>56</sup> Fonte de Dados: Sistema de Registro Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal-Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil/OBMIgra. Tabulação Observatório das Migrações em São Paulo – Nepo/Unicamp. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/observatorio/bancointerativo/numeros-imigracao-internacional/sincresismigra/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

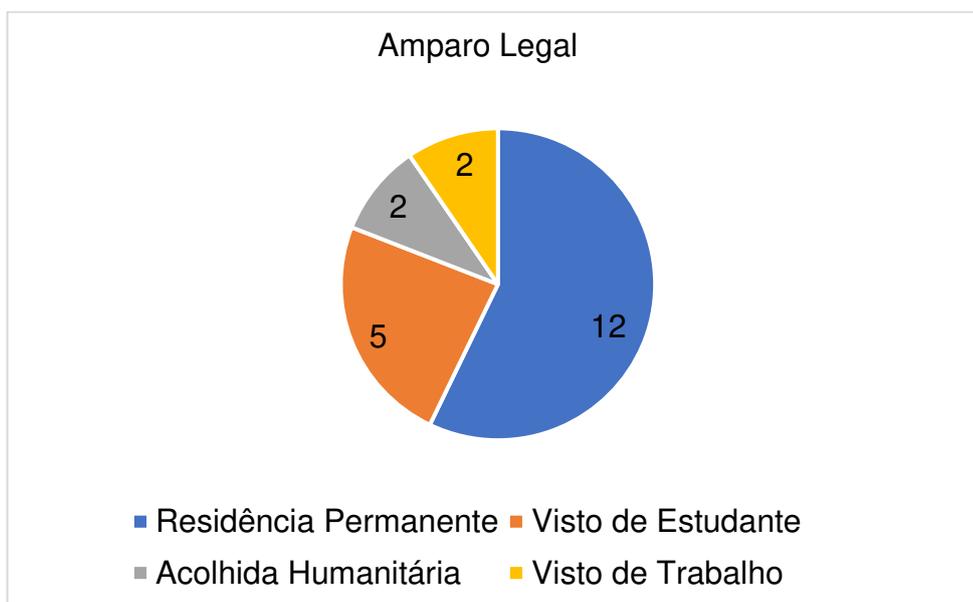
se considera evangélico/cristão, seguidos de batista e católicos. Os entrevistados que responderam “não” para a pergunta “frequentam alguma instituição da religiosa?” compõem parte do grupo de estudantes da Unicamp, com o maior grau de escolaridade.

**GRÁFICO 4** – Distribuição por religião de entrevistados/as da pesquisa



**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2022 e 2023.

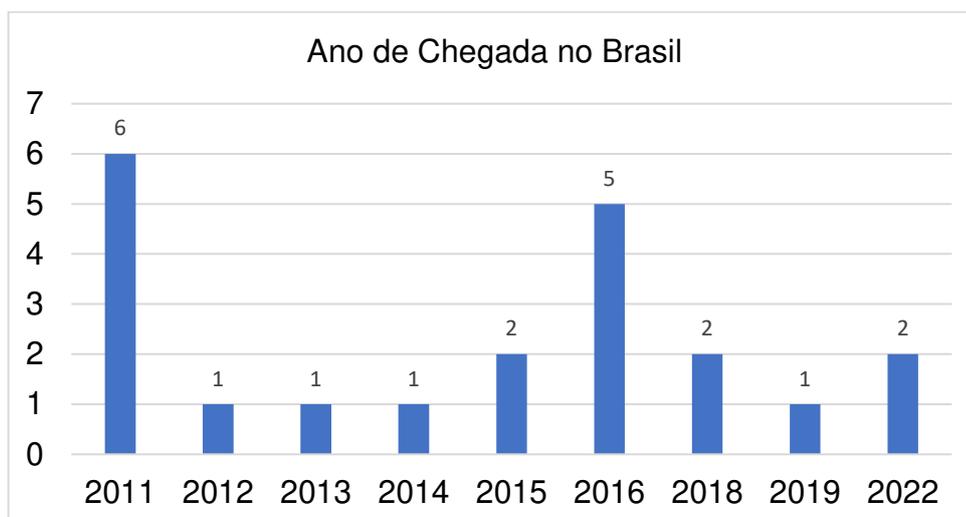
Em relação à situação documental (Gráfico 5), um pouco mais da metade dos entrevistados encontra-se com o visto de residência permanente, que é um visto que concede ao imigrante a possibilidade de residir e/ou trabalhar de forma temporária ou permanente no Brasil. Esse visto possibilita a obtenção um número de Registro Nacional Migratório (RNM) (Brasil, 2023a). Parte significativa dos entrevistados está no país com o visto de estudante. Esse é um visto temporário, vinculado à matrícula do imigrante a uma instituição de ensino, desde que o curso seja superior a 90 dias de duração. Nesse tipo de visto, caso o aluno não receba bolsa de estudos, é necessário que o requerente forneça uma prova de meios de subsistência para se manter no país (Brasil, 2017b).

**GRÁFICO 5** – Distribuição por Amparo Legal de entrevistados/as da pesquisa

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2022 e 2023.

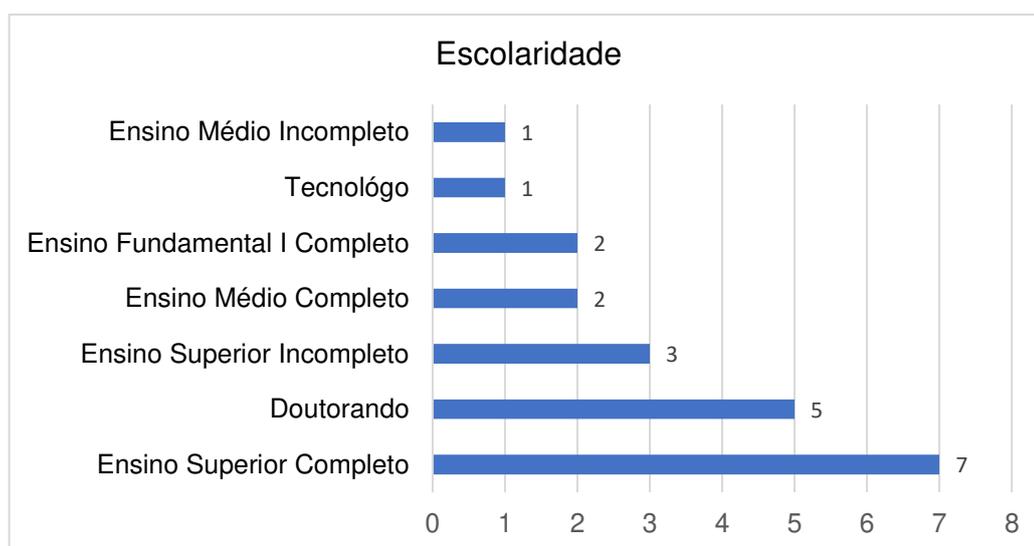
Em menor quantidade, temos entrevistados que estão amparados pelo visto de trabalho e acolhida humanitária. O visto de trabalho, de acordo com Brasil (2022) “pode ser emitido exclusivamente para profissionais estrangeiros cujas qualificações e/ou experiência sejam compatíveis com as atividades a serem realizadas no Brasil”. Esse visto está condicionado a uma aprovação do Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil. De todos os vistos, esse é o menos comum entre a comunidade dos haitianos e haitianas e é o que apresenta mais condicionantes para consegui-lo. Este também é um visto de caráter temporário.

Já o visto de acolhida humanitária, como já mencionado anteriormente neste trabalho, é destinado a pessoas que tem em seus países de origem situações de extrema fragilidade oriunda de desastre ambientais, conflito armado, instabilidade política e qualquer outra calamidade. Este visto tem a validade de um ano (Brasil, 2023b).

**GRÁFICO 6** – Distribuição por ano de chegada de entrevistados/as da pesquisa

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022 e 2023.

O Gráfico 6 apresenta o ano de chegada dos imigrantes haitianos e haitianas. A grande maioria dos entrevistados chegou no Brasil nos anos de 2011 e 2016, sendo que o grupo de imigrantes haitianos e haitianas que chegaram há mais tempo no Brasil é composto pelo grupo de estudantes ou ex-estudantes da Unicamp, no ano de 2011.

**GRÁFICO 7** – Distribuição por escolaridade de entrevistados/as da pesquisa

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022 e 2023.

No que tange ao nível de escolaridade (Gráfico 7), metade dos entrevistados tem um alto nível de escolaridade, sendo que sete deles, responderam que tem ensino superior completo, seguido de cinco respondentes com doutorado em

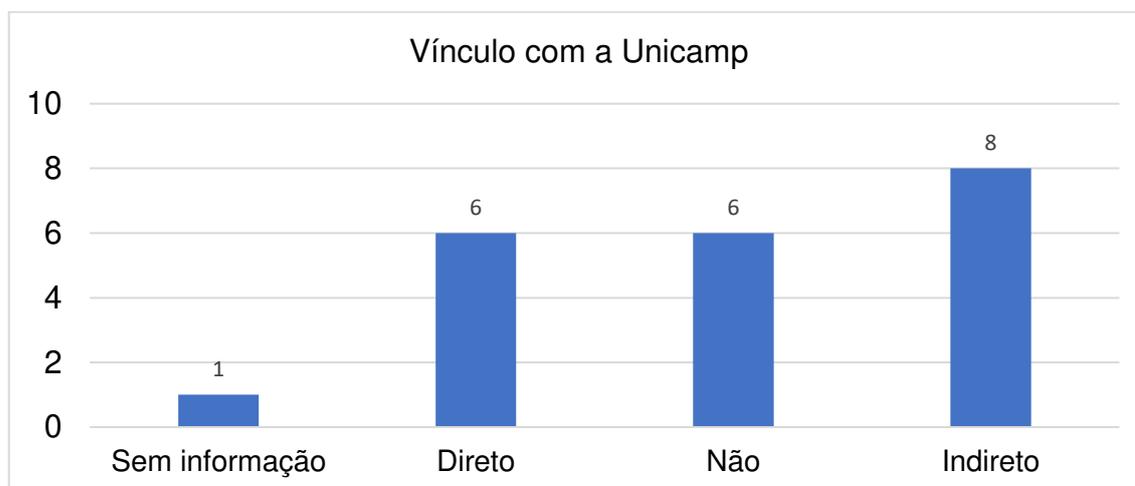
andamento. O interessante de ressaltar é que as pessoas com o nível de escolaridade mais alto são aquelas que chegaram primeiro no Brasil, nos anos de 2011 e 2016, o que pode indicar uma mudança do perfil dos imigrantes haitianos e haitianas que estão vindo para o país.

**GRÁFICO 8** – Distribuição por empregabilidade de entrevistados/as da pesquisa



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022 e 2023.

Do universo dos entrevistados, a metade conseguiu se inserir no mercado de trabalho formal, como mostra o Gráfico 8, e possuem carteira assinada. Cabe dar atenção para a função exercida. Como visto no gráfico acima, Gráfico 7, o nível de escolaridade é alto, mas isso não garantiu posições laborais de melhor remuneração. Mesmo possuindo curso superior completo, os haitianos e haitianas relataram dificuldade de validar as suas profissões no Brasil, e por isso, se inserem em empregos de baixa remuneração, como pode exemplo: mestre de obras, pedreiro, assistente de cozinha, faxineiro e cozinheiro. Dos três entrevistados que responderam trabalho informal, um deles trabalha com transporte por aplicativo, outro é autônomo e trabalha como pedreiro, e o outro é garçom.

**GRÁFICO 9** – Distribuição por vínculo com a Unicamp de entrevistados/as da pesquisa

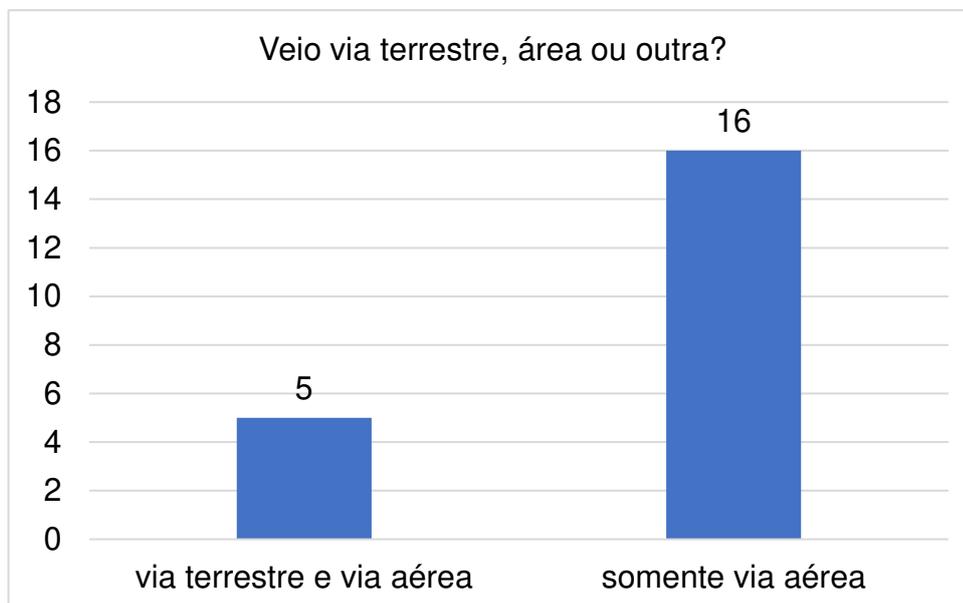
Fonte: Pesquisa de Campo, 2022 e 2023.

O Gráfico 9, diz respeito à segunda rodada de entrevistas, em que a intenção era captar a relação dos imigrantes com a Unicamp e, através das respostas, comprovar a hipótese de que a imigração haitiana para Barão Geraldo e Campinas/SP tem como uma de suas condicionantes o programa Pró-Haiti. A pergunta era semiestruturada e investigava se antes de vir para o Brasil o imigrante conhecia e/ou, tinha algum parente, ou, amigo, que estudava na Unicamp. As respostas a essa pergunta foram organizadas no nível de vínculo desses parentes e/ou amigos com a Universidade, ou se os mesmos foram ou ainda são estudantes.

Portanto, vínculo direto são aqueles que estudaram ou ainda estudam na Unicamp, o que corresponde seis dos vinte entrevistados<sup>57</sup>. Já o vínculo indireto corresponde àquelas pessoas que tem algum amigo, ou, familiar que imigraram para o Brasil por conta da Universidade, o que correspondeu a oito dos vinte entrevistados.

<sup>57</sup> Considerando a segunda rodada de entrevistas em que não consegui (re) contactar os 21 entrevistados da primeira fase.

**GRÁFICO 10** – Distribuição do meio de transporte utilizado para chegar no Brasil de entrevistados/as da pesquisa



**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2022 e 2023.

A grande maioria dos entrevistados vieram para o Brasil através de transporte aéreo, sendo que do total de 21 entrevistados, 15 desembarcaram no aeroporto de Guarulhos em São Paulo e 3 no aeroporto de Viracopos em Campinas. O uso apenas do transporte aéreo demonstra que os entrevistados tinham projeto migratórios (conceito trabalhado adiante) bem definidos e seus destinos de chegada foram planejados e escolhidos antes da sua partida do país de origem. Isso sugere que os imigrantes pioneiros, ou seja, aqueles que vieram primeiro para o Barão Geraldo, Campinas/SP, provavelmente vieram com o conhecimento da Unicamp.

Vale a ressalva de que a sistematização dos achados da pesquisa de campo, embora nos ofereçam pistas importantes sobre os caminhos da imigração haitiana para Barão Geraldo e Campinas/SP, não descrevem a realidade da imigração haitiana como um todo, mas apenas aquela do grupo de entrevistados contemplados nesse trabalho.

## CAPÍTULOS 4 – PROJETOS MIGRATÓRIOS E TERRITÓRIO IMIGRANTES EM CAMPINAS

### 4.1 Rede migratórias: imigrantes haitianos/haitianas em Barão Geraldo, Campinas, São Paulo

Os imigrantes haitianos entrevistados nessa pesquisa precisam ser vistos não como indivíduos, mas como atores sociais, que através das diversas relações constituídas dentro da comunidade haitiana, exercem um papel fundamental tanto na sua origem, quanto no seu destino. Essas relações e sua posição como ator social irá criar e alimentar redes migratórias que podem fortalecer ou enfraquecer a mobilidade daquela população.

O papel das redes também é percebido e reconhecido dentro do arcabouço teórico-metodológico proposto por Glick-Schiller *et al.* (1992) – vide Capítulo 1, em que migrantes transnacionais mantém frequente contato com a sua origem. A manutenção e ligação do transmigrante com a sua origem é sustentado pelas redes que se desenvolvem através das relações sociais entre fronteiras. Por isso, ao falar de migrantes transnacionais é importante reforçar e associar a função das redes migratórias.

Uma primeira definição sobre o conceito de redes migratórias é apresentada por Massey (1988) que diz que:

Redes de migrantes são conjuntos de laços interpessoais que ligam os migrantes, ex-migrantes e não migrantes, nas áreas de origem e destino através de laços de parentesco, amizade e origem comunitária compartilhada. [...] As redes aumentam a probabilidade de movimento porque reduzem os custos de realocização e, assumindo um diferencial de rendimentos positivo entre as áreas de origem e de destino, aumentam os retornos líquidos esperados da migração (Massey, 1988, p. 396-397)<sup>58</sup>.

Santos (2012) concorda com a definição de Massey (1988) e completa dizendo que a força ou fragilidade que as redes de parentesco ou sociabilidade exercem podem influenciar o direcionamento de um fluxo migratório.

Em outro trabalho Massey *et al.* (1993, p. 448) expõem que as redes:

---

<sup>58</sup> No original: "Migrant net- works are sets of interpersonal ties that link migrants, former migrants, and nonmigrants in origin and destination areas through the bonds of kinship, friendship, and shared community origin. [...] Networks increase the likelihood of movement because they lower the costs of relocation and, assuming a positive earnings differential between origin and destination areas, increase the expected net returns to migration.

[...] aumentam a probabilidade dos movimentos internacionais porque reduzem os custos do risco do movimento e aumentam as expectativas de retornos da migração. As conexões em rede constituem uma forma de capital social que as pessoas podem utilizar para obter acesso a emprego estrangeiro (tradução própria)<sup>59</sup>.

Complementarmente, Truzzi (2008) discute que muitos novos imigrantes só fazem o movimento de emigrar de seus países após colherem informações sobre os constrangimentos e oportunidades disponíveis no possível destino, através do contato com os imigrantes pioneiros, por meio do qual esses imigrantes influenciarão o “comportamento de novos imigrantes potenciais” (Truzzi, 2008, p. 203).

É através das redes migratórias que circularão diversas informações sobre empregabilidade, moradia, entre outros. São as redes migratórias que “fornecem contextos sociais de referência para o indivíduo que deseja emigrar, tornando-se assim um instrumento valioso para estudar a ação social, já que elas são capazes de condicionar comportamentos” (Truzzi, 2008, p. 208).

Essa breve apresentação teórica elucida bem o caso da imigração haitiana para o Brasil, especificamente para Barão Geraldo, Campinas/SP e a centralidade das redes migratórias, tendo em vista o relato do entrevistado vinte abaixo:

*“Mas quando minha mulher chegou, tinha outro amigo meu, chamado de Maurício [nome fictício], quem ajudou ele a conseguir visto lá, fui... eu...fui eu também que ajudei ele a conseguir o visto no Haiti [pesquisadora: foi em 2013?]. Não foi em 2012 também. Ele não veio, porque também não tinha dinheiro para chegar, mas eu, Francisco [nome fictício] e Gilberto [nome fictício] juntamos dinheiro para comprar passagem do meu amigo que chama Maurício, ele falou “não, não posso vir sozinho porque a minha mulher tá grávida, tem de vir junto comigo”. Aí eu falei, beleza, mas vai demorar um tempinho. Demorou, demorou, aí comprou duas passagens para eles vim. Ele e a mulher dele. Chegou acho em outubro de 2013, depois que a minha mulher chegou. A partir daí a casa ficou um pouquinho pequena, por causa dos quartos. Tinha uma garagem, não sei se era uma garagem, um depósito, que Gilberto decidiu arrumar esse depósito, para morar também e ter a casa com três quartos [Pesquisadora: então todo mundo que chegou ficou na sua casa? Sim, Tava junto!]. Mas depois que eu saí, eu falei, a casa é pequena, a gente precisa, é.....é, como fala? Intimidade, eu mudei. Eu mudei dessa casa e morei lá perto do Mc Donalds [...] A gente alugou uma casa de 8 quartos, é... eu, Gilberto, Francisco e outro amigo junto comigo, a gente alugou casa de 8 quartos, porque...essa ideia vem, eu tenho um Pastor que é um amigo de longa data, que a gente nasceu junto lá no Haiti, que tava lá na República Dominicana, ele me ligou e falou para mim “você tem como pra mim ajudar receber alguns fiel que quer vir aqui no Brasil?” Fala, não, tudo bem, mas vai ter que ajudar, por isso a gente vai ter que alugar uma casa grande. Por isso, a gente aluga casa. O valor dessa casa comeu todo dinheiro de nós, porque nessa época 2013, 2014, era R\$ 3600,00 por mês. A partir*

---

<sup>59</sup> No original: “They increase the likelihood of international movement because they lower the costs and risks of movement and increase the expected net returns to migration. Network connections constitute a form of social capital that people can draw upon to gain access to foreign employment”.

*daí, começa a chegar as pessoas [...] chegou um tempo que minha casa tinha 27 pessoas. [...] Chegou aqui no Brasil, você não paga aluguel, você não paga comida, eu ajudo até que você trabalha, e também, eu ajudo todos a conseguir um trabalho”.*

Na fala do entrevistado vinte acima fica claro o desenvolvimento teórico de Truzzi (2008), já que esse entrevistado, além de abrigar, ajudava seus conterrâneos a encontrar emprego, moradia e escola para os filhos-quando haviam.

Passada a fase de deslocamento dos pioneiros, qualquer processo migratório de massa sempre tende a associar demandas e ofertas de mão-de-obra. O conceito de redes enfatiza que essas duas esferas entram em contato e se concretizam no interior de uma trama de relações pessoais, através das quais fluem as informações sobre trabalho disponível. [...] A informação não é concebida como um bem livre: os indivíduos compartilham e dispõem de informações limitadas, sempre dependentes de sua rede de relações (Truzzi, 2008, p. 209).

Segundo o entrevistado vinte, ele veio para o Brasil porque tinha um conhecido que havia sido selecionado pelo programa Pró-Haiti. O entrevistado vinte é emblemático quando falamos de redes em processos migratórios, pois ele, ao chegar no Brasil, foi responsável pela sustentação de uma importante rede de imigrantes haitianos para Barão Geraldo. Como ele menciona no relato acima, ele alugou uma casa, onde houve um período em que vinte e sete haitianos e haitianas moravam conjuntamente.

A casa descrita pelo entrevistado vinte, acabou sendo dissolvida, pois a situação de coabitação familiar ficou “complicada” (nas palavras dele) e as pessoas passam a alugar imóveis para seus grupos familiares.

A narrativa do entrevistado acima mostra que houve, portanto, a criação de uma forte rede migratória, intermediada por um aluno da Unicamp e por um Pastor, que fez com que o entrevistado vinte se tornasse um referencial para a vinda de muitos haitianos e haitianas. Este é um papel que ele próprio reconhece: “como todo mundo me tem como referência, um dia eu tava dormindo na minha casa [...] eu escuto um barulho e sai fora, chegou lá no portão eu vi sete haitianos que não tem lugar para ficar! Risos! Eu falei, tudo bem, eu ajudo vocês”.

O entrevistado vinte continua e afirma:

*“Hoje eu posso falar, todos os haitianos que não são por estudante, que não vem estudar aqui, mesmo que você não passa na minha casa, mas a pessoa que trazer você, me conhece, e passou também um tempo comigo. É assim mesmo. Eu não posso contar, perdi a conta, das pessoas que passou na minha casa, quantas pessoas que eu ajudei”.*

O que a transcrição corrobora com a bibliografia, é que mesmo que o fluxo de estudantes tenha cessado ou, mesmo que estes não tenham sido totalmente responsáveis pela vinda de imigrantes, na medida em que há a consolidação de um fluxo migratório, essa rede tende a se retroalimentar e os custos da migração vão gradativamente diminuindo.

Quando o número de ligações de rede numa área de origem atinge um limiar crítico, a migração torna-se autoperpetuante porque cada ato de migração cria a estrutura social necessária para a sustentar. Cada novo migrante reduz os custos da migração subsequente para um conjunto de amigos e parentes, e algumas dessas pessoas são assim induzidas a migrar, o que amplia ainda mais o conjunto de pessoas com vínculos no exterior, o que, por sua vez, reduz os custos para um novo conjunto de pessoas, fazendo com que algumas delas migrem, e assim por diante (Massey *et al.*, 1993, p. 449).

Do mesmo modo, concorda Truzzi (2008, p. 209) que “mesmo que cessadas as condições estruturais que lhes deram início, os fluxos populacionais persistem porque o estoque de indivíduos de uma determinada origem incentiva e facilita a vinda de parentes ou conterrâneos”.

Boyd (1989) ainda chama a atenção para as relações com a origem e com os não-migrantes, sendo que:

As redes conectam migrantes e não migrantes ao longo do tempo e do espaço. Uma vez iniciados, os fluxos migratórios geralmente se tornam autossustentáveis, refletindo o estabelecimento de redes de informação, assistência e obrigações que se desenvolvem entre migrantes na sociedade de destino e amigos e parentes na área de origem. Essas redes vinculam as populações dos países de origem e de destino e garantem que os movimentos não sejam necessariamente limitados no tempo, unidirecionais ou permanentes (Boyd, 1989, p. 641)<sup>60</sup>.

Retomando os achados da pesquisa de campo, na segunda rodada das entrevistas, foi questionado se os imigrantes tinham alguma relação direta com estudantes da Unicamp. Dos vinte respondentes da segunda rodada, oito conheciam alguém que estudava na Unicamp, e seis estudaram ou ainda estudam na universidade. Mesmo aqueles que falaram que não guardavam nenhum vínculo com a Unicamp, na pergunta 12 do questionário (Anexo I) disseram que escolheram migrar

---

<sup>60</sup> No original: “Networks connect migrants and nonmigrants across time and space. Once begun, migration flows often become self-sustaining, reflecting the establishment of networks of information, assistance and obligations which develop between migrants in the host society and friends and relatives in the sending area. These networks link populations in origin and receiving countries and ensure that movements are not necessarily limited in time, unidirectional or permanent”.

especificamente para Campinas por conta da rede migratória. De acordo com os entrevistados, essas redes migratórias eram compostas por familiares.

Importante ressaltar que os entrevistados que vieram beneficiados pelo programa Pró-Haiti, claramente, foram os migrantes pioneiros, portanto, não conheciam ninguém no destino.

Dos seis respondentes do questionário que vieram para o Brasil pelo programa Pró-Haiti, apenas dois declararam que foram responsáveis pela vinda de familiares para o país. Especificamente, o entrevistado de número quinze (Figura 16) foi responsável por trazer todo o seu núcleo familiar próximo, composto, por pai, mãe e irmãos.

Como conclui Boyd sobre as redes nos processos migratórios (1989, p. 642):

[...] o estudo das redes, especialmente aquelas ligadas à família, permite compreender a migração como um produto social, não como o resultado exclusivo de uma decisão individual tomada por atores individuais, não como o resultado exclusivo de parâmetros econômicos ou políticos, mas como o resultado de todos esses fatores em interação. Essa abordagem também permite conceituar a migração como uma contingência. A ocorrência ou não da migração e o que molda sua direção, composição e persistência são condicionados por estruturas sociais, políticas e econômicas geradas historicamente pelas sociedades emissoras e receptoras. Essas estruturas são canalizadas por meio de relações sociais e papéis sociais que têm impacto sobre indivíduos e grupos<sup>61</sup>.

A criação de redes migratórias nos mostram que as relações sociais, ao mesmo tempo que transmitem informações, também moldam as estruturas entre indivíduos e suas famílias (Boyd, 1989). No caso da imigração haitiana para Barão Geraldo e Campinas/SP, as redes migratórias serviram como um aparato de troca de informações e avaliação sobre o projeto migratório dessas pessoas, e nesse caso, coube a Unicamp ser o nó que sustenta essa rede.

---

<sup>61</sup> No original: "Studying networks, particularly those linked to family and households, permits understanding migration as a social product-not as the sole result of individual decision made by individual's actors, not as the sole result of economic or political parameters, but rather as an outcome of all these factors in interaction. This approach also permits conceptualizing migration as a contingency. Whether migration occurs or not, and what shapes its direction, composition and persistence is conditioned by historically generated social, political and economic structures of both sending and receiving societies. These structures are channeled through social relationships and social roles which impact on individuals and groups".

## 4.2 Presença haitiana em Barão Geraldo: dimensões dos projetos migratórios

É através da criação de redes migratórias que, muitas vezes, os projetos migratórios vão começar a se formar. Compreender os projetos migratórios reforça a perspectiva de que as migrações haitianas estão inseridas em um contexto multiescalar complexo, em que o global e o local se relacionam.

É na complexidade das migrações transnacionais que o projeto migratório é constantemente alimentado e readequado pelo o ato migratório (Ma Mung, 2009, p. 10). O que vemos é que os movimentos clássicos de migração, antes determinados pelos modelos de atração e repulsão (Lee, 1966) se rompem por conta da globalização econômica (Tarrus, 2002).

A explicação da migração internacional ancorada em modelos economicistas não é capaz de captar a complexidade dos fluxos migratórios transnacionais (Boyer, 2005). De acordo com Boyer (2005) a decisão de migrar não faz somente parte de uma lógica causa/consequência. Esta autora faz uma ampla discussão da importância de usar o conceito de projeto migratório para compreender as migrações atuais. “O conceito de projeto possibilita colocar a migração internacional em uma visão dinâmica, vinculando as diferentes escalas sociais, espaciais e econômicas<sup>62</sup>” (Boyer, 2005, p. 49).

Em seu trabalho, Boyer (2005), assim como Ma Mung (2009), define o projeto migratório como algo dinâmico e capaz de articular diferentes escalas de análise. A autora elenca quatro escalas possíveis de serem captadas no projeto migratório:

Indivíduo: projeta-se com as suas próprias aspirações [...]. São um dos principais atores da dinâmica do projeto migratório à medida que viajam e permanecem.

Grupo de migrantes: composto pelos seus pares com os quais tem relações. [...] Falar em grupo migrantes é introduzir a noção de redes migratórias<sup>63</sup>, que extrapola as relações entre país de origem e país de destino. [...] As redes migratórias são um dos suportes fundamentais para a circulação da informação, constituindo assim um quadro de redefinição do projeto migratório.

Parentes e família: são aqueles que não migram, os imóveis. [...] Participam da formulação do projeto migratório a depender da posição e grau de parentesco.

<sup>62</sup> La notion de projet permet d’inscrire la migration internationale dans une vision dynamique, en articulant les différentes échelles sociales, spatiales et temporelles, se distinguant par-là même des explications en termes de déterminants.

<sup>63</sup> Para Massey (1988, p. 396) o conceito de rede migratória pode ser definido como um conjunto de laços interpessoais que ligam migrantes, antigos migrantes e não migrantes, nas áreas de origem e destino, através de laços de parentesco, amizade e origem comunitária.

Grupo social: coloca a identidade e unidade. [...] É do grupo social que vêm as normas e códigos que situam o migrante e lhe dão um lugar particular, seja aqui ou ali” (Boyer, 2005, p. 53-54).

O projeto migratório se constitui, portanto, em uma negociação constante entre essas escalas, tendo como objetivo analisar a totalidade das viagens realizadas pelos migrantes, no sentido de captar o contexto de como a primeira viagem se abriu para a segunda, e assim por diante (Boyer, 2005).

Em um nível espacial, o conceito de projeto possibilita levar em conta os efeitos do lugar, tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada, ou seja, incluir na análise todos os lugares afetados pelas viagens migratórias, desafiando assim a ideia de um espaço de partida e um espaço de chegada<sup>64</sup> (Boyer, 2005, p. 56).

No mesmo sentido, Siqueira (2017) discorre que o projeto migratório, além de dinâmico, relaciona os aspectos individuais, familiares e territoriais, sendo frequentemente alterado de acordo com as oportunidades e constrangimentos colocados ao migrante.

O projeto migratório é, portanto, um projeto construído socialmente que inclui um deslocamento espacial, social e que se viabiliza a partir da interação do sujeito com os diferentes territórios percorridos no processo emigratório. É elaborado e reelaborado pela dinâmica das relações sociais e pela forma como o indivíduo interage com a dinâmica e as possibilidades materiais e imateriais a ele colocadas (Siqueira, 2017, p. 574).

Ao formularem seus projetos migratórios, os futuros imigrantes construirão um ideário migratório que passa por três etapas: o desejo, a possibilidade e a efetividade. É na formulação desses projetos e na construção desse ideário que os imigrantes se valerão das informações adquiridas através das redes migratórias.

Na primeira dimensão, o migrante avaliará a condição do seu país de origem e sua situação socioeconômica, ponderando as possíveis oportunidades e constrangimentos oferecidos no destino, sendo que muitas dessas informações são passadas através das redes migratórias. No caso de ser uma situação como a migração de refúgio, o imigrante tem a autonomia mais reduzida, e muitas vezes, seu processo migratório é compelido dado a uma situação de perigo. No entanto, essa autonomia não se ausenta, mesmo sendo uma situação complexa que envolve uma

---

<sup>64</sup> No original: “Par ailleurs au niveau spatial, la notion de projet permet de prendre en compte les effets de lieu, au départ comme à l’arrivée, c’est-à-dire d’insérer dans l’analyse l’ensemble des lieux concernés par les parcours migratoires, remettant ainsi justement en cause cette idée d’espace de départ et d’espace d’arrivée”.

migração de refúgio, pois o ônus na decisão de migrar existe. Como discorre Ma Mung (2009, p. 6).

Qualquer que seja o peso das restrições e condições (naturais e sociais), há um elemento de iniciativa nas ações dos indivíduos. [...] A iniciativa, o poder de fazer, é precisamente a capacidade de transformar essas restrições no próprio sujeito<sup>65</sup>.

O segundo aspecto, relativo à possibilidade, é fortemente alimentado e incentivado pelas redes. Aqui, o imigrante mede as chances de se inserir no mercado de trabalho e pesquisa os possíveis destinos considerando a sua chance de uma entrada documentada. O papel dos Estados-Nação e o desenho de políticas públicas podem ter um peso grande na decisão de migrar, já que o oferecimento de vistos pode moldar fluxos migratórios, por oferecem uma entrada documentada, ou restringem totalmente a entrada de certas nacionalidades, vide o caso brasileiro com o oferecimento do visto de acolhida humanitária (já mencionado neste trabalho), que inicialmente se direcionava apenas à nacionalidade haitiana, além do caso dos imigrantes pioneiros para Barão Geraldo, que vieram com o visto de estudante através da Unicamp. É aqui que o conceito de Tarrius (2002) de saber circular se articula, por meio do qual o imigrante conhece e desafia os limites do Estado-Nação no seu fazer migratório, “saber atravessar universos regidos por regras e normas contrastantes, esse é o critério” (Tarrius, 2002, p. 17-18).

E, por fim, a efetividade diz respeito à programação da viagem em si. Com o destino já definido, o imigrante se organiza financeiramente, vende imóveis na origem para conseguir fundos para a sua viagem, recruta ajuda familiar e/ou de amigos, guarda dinheiro, enfim, se organiza financeiramente e também dentro da sua estrutura familiar (caso tenha filhos, os filhos irão? Ficarão com parentes? Esposa e/ou marido acompanharão? Etc.) até a sua partida.

Esse ideário migratório, com a exceção de uma migração de refúgio, em que muitas vezes o migrante não tem condições de decidir seu destino, reforça o desenvolvimento de Ma Mung (2009) da autonomia do migrante e sua capacidade de fazer.

---

<sup>65</sup> No original: “À savoir que quel que soit le poids des contraintes et conditions (naturelles et sociales), il y a une part d’initiative dans les actions des sujets. [...]. L’initiative, le pouvoir-faire, est précisément la capacité de transformer ces contraentes en un poursoi du sujet.

O sentido de autonomia construído pelos migrantes, de acordo com Ma Mung (2009, p. 4) corresponde a dois conjuntos de significados “autonomia como diferenciação e distinção, e autonomia como afirmação e iniciativa”<sup>66</sup>.

A autonomia como diferenciação e distinção está na ideia de que formar um grupo já é manifestar uma forma de autonomia, pois o estabelecimento de relações entre si, e não com os outros, ajuda a criar um mundo imaginário e uma entidade “física” distinta e diferente<sup>67</sup> (Ma Mung, 2009, p. 4).

O autor continua:

Mas para que esta capacidade seja concretizada, é necessário conhecimento. Essa circularidade é intrínseca à autonomia. A autonomia como saber-fazer poderia então ser definida como a capacidade de um sujeito, individual ou coletivo, de constituir e manter um mundo, e a autonomia como poder de fazer como a capacidade desse mesmo sujeito de agir e transformar este mundo. Resumimos: distinção e diferenciação por um lado, afirmação e iniciativa por outro são os dois conjuntos de significados que podemos atribuir à autonomia. Não correspondem a dois aspectos distintos dela, mas descrevem o seu duplo movimento, a dupla forma que assume simultaneamente. Esta dupla forma expressa-se na ação e na prática através do **saber-fazer** como capacidade de distinguir e diferenciar o sujeito (individual ou coletivo) e de constituir um mundo, e através do **poder-fazer** como capacidade de afirmação e iniciativa do sujeito e transformação deste mundo (Ma Mung, 2009, p. 4)<sup>68</sup>.

Portando, quando pensamos nesse ideário migratório citado anteriormente, vemos que ele só se concretiza pois o migrante, munido do seu saber-fazer e poder-fazer (aspectos fundamentais da sua autonomia) constrói seu projeto migratório e define seus planos de mobilidade. Projeto esse que é constantemente alimentado e redefinido durante o fazer migratório.

Deste modo, o diálogo estabelecido entre Ma Mung (2009); Siqueira (2017) e Boyer (2005) afirmam que o projeto migratório é multiescalar e dinâmico, já que acompanha o processo de descolamento do migrante. No entanto, algo que não fica

---

<sup>66</sup> No original: “Deux ensembles de sens peuvent être dégagés: l’autonomie comme différenciation et distinction, l’autonomie comme affirmation et initiative”.

<sup>67</sup> No original: “L’autonomie comme différenciation et distinction tient dans l’idée que faire groupe c’est déjà manifester un forme d’autonomie en ceci qu’établir des relations avec les uns plutôt qu’avec les autres contribue à créer un monde imaginaire et une entité « physique » distincte et diferente”

<sup>68</sup> No original: “Mais pour que ce pouvoir-faire se réalise, il faut un savoir-faire. Cette circularité est intrinsèque à l’autonomie. L’autonomie comme savoir-faire pourrait être alors définie comme la capacité d’un sujet, individuel ou collectif, à constituer et maintenir un monde, et l’autonomie comme pouvoir-faire comme la capacité de ce même sujet à agir sur et à transformer ce monde. Résumons : distinction et différenciation d’une part, affirmation et initiative de l’autre sont les deux ensembles de sens que nous pouvons donner à l’autonomie. Ils ne correspondent pas à deux aspects séparés de celle-ci, ils en décrivent plutôt le double mouvement, la double forme qu’elle prend simultanément. Cette double forme s’exprime dans l’action et la pratique par un savoir-faire comme capacité de distinction et de différenciation du sujet (individuel ou collectif) et de constitution d’un monde, et par un pouvoir-faire comme capacité d’affirmation et d’initiative du sujet et de transformation de ce monde.

claro no trabalho de Ma Mung (2009) e Siqueira (2017), e que Boyer (2005) destaca a importância, diz respeito às questões laborais.

Os projetos migratórios e a construção desse ideário estão, em sua maioria, relacionados com a inserção laboral. Boyer (2005) sinaliza que questões laborais são um componente importante do projeto migratório, suscitando para as seguintes questões: irá trabalhar no destino? Passará por período de desemprego? Receberá auxílio? Isso porque a autora propõe que tenhamos uma visão global do fenômeno migratório, onde o projeto migratório se apresenta como uma prática de combate à pobreza.

Magalhães (2017) coloca que as migrações transnacionais estão relacionadas ao aspecto laboral, em que o movimento desses migrantes é, em grande medida, desenhado por um projeto migratório atrelado ao trabalho. Da mesma forma, Villen (2016, p. 51) aponta que “o que irá possibilitar o projeto migratório é o empregador que irão encontrar; o emprego é o primeiro direcionamento”.

Nessa perspectiva, de que o aspecto laboral é algo central na construção dos projetos migratórios, os respondentes dessa pesquisa, quando questionados sobre a pergunta 20 (Anexo I), – se recomendariam a migração para o Brasil e especificamente à cidade de Campinas/SP-, treze dos vinte e um entrevistados, responderam que sim, indicariam o Brasil e especificamente Campinas/SP devido às oportunidades de emprego. Na fala dos entrevistados 4 e 6, respectivamente:

*“[...] recomendaria sim, porque Campinas é bom, a gente acha trabalho fácil, mesmo dinheiro muito pouco, mas dá pra gente trabalhar”.*

*“[...] sim, porque é... a dificuldade as vezes que eles têm, se vim pra cá, vai facilitar para eles trabalha e estuda”.*

Nesse sentido, o componente laboral entra como uma variável importante, mas não exclusiva, no desenho do projeto migratório já que as condições econômicas nacionais interferem na oferta (ou não) de empregos. Como completa Cotinguiba (2014, p. 119):

Desde a consolidação da economia capitalista, o trabalho assalariado se tornou a condição por excelência para obtenção de recursos para sobrevivência para a maior parte do conjunto das sociedades industriais. Ao migrarem para o Brasil, por sua vez, os haitianos não escapam a essa lógica.

A questão laboral é fortemente presente na construção do projeto migratório haitiano quando analisamos as questões relativas ao envio de remessas.

As remessas constituem-se no envio de recursos financeiros para familiares, parentes e amigos que continuam na origem. Ou seja, só é possível o envio de remessas se quem imigrar estiver de alguma maneira inserido no mercado (formal ou informal) de trabalho. No caso desta tese também há o caso dos imigrantes estudantes, em que todos são beneficiados com bolsas de estudos e assim, também têm a possibilidade de enviar remessas para sua origem.

Segundo Canales (2015, p. 130):

As remessas são, portanto, a forma pela qual uma fração do salário do migrante é transferida para suas famílias e comunidades de origem para a reprodução social da família e da comunidade, assim como qualquer outra renda salarial nessas mesmas comunidades<sup>69</sup>.

Dos entrevistados desta pesquisa, todos afirmaram que enviam remessas para o Haiti:

*“[...] Sim, eu mando dinheiro pra mi família. Todo mês eu manda dinheiro. [...] Mulher, filho, tá lá. [Pesquisadora: Quantos filhos você tem?] Ah, eu tenho muito, risos, nove! 6 grande, 3 pequeno”. (Entrevistado dezoito).*

*“[...] Sim! [...] Para familiares e amigos. Essa pergunta acho que todo mundo vai responder sim, risos”. (Entrevistado um).*

*“Sim, mando dinheiro para minha família e pra minha conta”. (Entrevistado 7).*

*“A tem que mandar todo mês, né? Porque meu filho tá lá. Eu tenho parente, mas tenho que mandar dinheiro pro meu filho”. (Entrevistada dezesseis).*

No caso da imigração haitiana, as remessas são um componente tão importante (inerente à prática migratória) que, de acordo com Magalhães (2017, p. 240) o envio de remessas “oscilou entre 22 e 26% do PIB (Produto Interno Bruto) nacional [haitiano] nos últimos dez anos”.

Embora o objetivo deste trabalho não seja avaliar o peso do envio de remessas na imigração haitiana, tema que foi abordado de forma cuidadosa na tese de Magalhães (2017), vale a reflexão proposta por Canales (2015) de que as remessas revelam uma característica importante de classes sociais, já que elas não são apenas um fundo salarial.

---

<sup>69</sup> No original: “Las remesas son entonces la forma en la que una fracción del salario del migrante se transfiere a sus familias y comunidades de origen para la reproducción social de la familia y la comunidad, como lo hace cualquier otro ingreso salarial en esas mismas comunidades”.

[...] Também correspondem à renda salarial de trabalhadores que combinam uma inserção laboral altamente vulnerável e precária nos países de destino com uma condição de pobreza, marginalização e vulnerabilidade social em seus países de origem. Dessa forma, as remessas formam um sistema de transferência de salários que flui de trabalhadores precários e vulneráveis para suas famílias que vivem em condições de pobreza e marginalização social. de marginalização social (Canales, 2015, p. 131)<sup>70</sup>.

A análise relativa aos postos de trabalho ocupados pelos haitianos e haitianas em Campinas/SP mostra que as atividades laborais correspondem a empregos de baixa remuneração salarial, como: operador de empilhadeira, eletricitista, cozinheira/ajudante geral, garçom e motorista de transporte por aplicativo. O que chama a atenção é que, embora esses cargos sejam de baixa remuneração, o nível de escolaridade da maioria dos haitianos e haitianas é de ensino superior completo, o que demonstra a dificuldade desses imigrantes de ocuparem posições laborais compatíveis com a sua formação. Essas dificuldades decorrem, segundo eles, da não validação dos seus diplomas em território brasileiro e do não domínio da linguagem formal.

Terminada essas ressalvas sobre a questão laboral, retomamos a discussão sobre projetos migratórios. Quando avaliamos as respostas dos entrevistados sobre os rumos do seu projeto migratório e desejos de (re)migração, fica nítida a complexidade dos projetos e desejos migratórios dos imigrantes haitianos. Dos vinte e um respondentes, cinco responderam que gostariam de voltar para o Haiti.

*“Sim, todo dia. Seu país é seu. Você nunca vai se sentir feliz numa país que você imigra 100%, 100% vai ser lá onde você nasceu, onde você cresceu, que já sabe tudo, que já acostuma... é..... vamo falar, com todas as coisas. Lá, você pode chegar lá, ou se quiser, na hora que quiser, entendeu? Pode fazer o que você quiser, não coisa errada, né? Mas aqui não, você tem que tomar bastante cuidado, porque qualquer coisa é processo..., mas por isso que eu falo, meu país, e o outro, vai ser sempre diferente, porque no meu país eu vou estar sempre mais feliz que viver aqui, por exemplo. Aqui eu tô pagando aluguel, no meu país eu não pago [...]. Aqui se eu não tenho dinheiro, eu me viro, no meu país não, eu vou lá na casa da minha mãe, na casa do meu pai, na casa do meu irmão, na minha irmã e pego um dinheiro. [Pesquisadora: E por que você não volta?] Eu não volto por enquanto, porque eu tenho um destino, eu quero chegar num....eu quero bater uma meta, meu plano, quando tipo, acontecer, eu falo procê, eu vou pegar minhas coisas, meu filho, minha esposa e vaza e eu não volto mais”. (Entrevistado sete).*

<sup>70</sup> No original: “Sino que corresponden a ingresos salariales de trabajadores que combinan una inserción laboral de alta vulnerabilidad y precariedad en los países de destino, con una condición de pobreza, marginación y vulnerabilidad social en sus países de origen. De esta forma, las remesas conforman un sistema de transferencias salariales que fluyen de trabajadores precarios y vulnerables a sus familiares que viven en condiciones de pobreza y contextos de marginación social”.

Sobre o desejo de continuar vivendo no Brasil ou imigrar para outro país, treze entrevistados falaram que não querem voltar para Haiti. O relato da entrevistada dezesseis demonstra isso.

*Na verdade, eu não vim pra ficar, mas ainda...agora tô ficando, não vou pra outro país mais. Pra mudar pra outra cidade, é muito difícil, eu não vou, porque já acostumei aqui com Campinas, não sei como outra cidade está, aí não tenho vontade pra mudar pra outra cidade não, nem outro país também. [Pesquisadora: Deseja voltar para o Haiti?] Não, só se tivesse melhorado igual como era antes, porque nesse momento lá tá muito complicado aí eu não tenho vontade de voltar não. Aí se eu tivesse condição trazia minha família toda pra cá.*

Desses treze entrevistados que relataram ter desejo de imigrar para outro país, os destinos desejados referem-se a países desenvolvidos, como Canadá, EUA e França. No entanto, os entrevistados deixam claro que qualquer mudança está condicionada a uma possibilidade de emprego. Apenas três entrevistados não souberam responder sobre o desejo de mudar para outra cidade, estado ou país, ou, mesmo retornar para o Haiti. Esses três entrevistados falaram que depende de oportunidade de emprego. Mais uma vez, o componente laboral aparece como algo central nos projetos migratórios.

*“A gente tá sempre.... sempre procurar um lugar melhor eu não vou falar, que não, que eu não vou [para outro país]. Eu gostei muito do Brasil, mas é um país muito, muito legal. Se eu tiver dinheiro, o Brasil é o primeiro país que eu vou escolher pra viver, entendeu? Mas como eu sou pobre, eu tô...a gente tá, procurando oportunidade, aí se eu achar outro país...eu tô sempre procurando na internet se acho emprego internacional. [Pesquisadora: Mas tem algum país que você gostaria de morar?] Até agora não tem um país definitivamente, mas o país que dá mais oportunidade, que eu vou receber mais dinheiro”. (Entrevistado cinco).*

Dos imigrantes entrevistados que não vieram direto para Campinas/SP, o que nesta pesquisa foi a minoria (dos vinte e um entrevistados, quinze tinham seu projeto migratório bem definido e o destino final era Campinas), a multiplicidade de percursos fica visível. Os países que mais frequentemente estavam na rota dos imigrantes haitianos eram República Dominicana e Equador. Algo que chamou atenção foi a fala da entrevistada treze, cujo primeiro país depois de emigrar do Haiti foi Guadalupe, um departamento ultramarino francês.

Em vista disso, a imigração haitiana:

[...] releva um novo modelo caracterizado por uma multiplicidade de lugares de saída, trânsito, instalação, destino, retorno e reimplantação, que desafia os padrões tradicionais da migração transnacional na América do Sul (Audebert; Joseph, 2022, p. 33)<sup>71</sup>.

Se retornarmos aos diferenciais de escolaridade dos entrevistados desta pesquisa (Gráfico 7), vemos que as assimetrias sociais são grandes e é por essa diferenciação que entender os projetos migratórios dentro do escopo de uma multiescalaridade permite concluir que “as dinâmicas migratórias se caracterizam por uma forte heterogeneidade social” (Audebert; Joseph, 2022, p. 35).

Assim como descrito por Silva (2016) e Fernandes e Faria (2017) no Capítulo 2, durante o estágio realizado na prefeitura de Campinas, observei a mesma estratégia migratória dos haitianos e haitianas que demonstram o seu saber-fazer e poder-fazer (Ma Mung, 2009). Retomando, era muito comum que imigrantes haitianos fizessem a solicitação de refúgio. O pedido de refúgio tem características bem específicas e não se enquadra na imigração haitiana, já que o refúgio.

É uma proteção legal que o Brasil oferece a cidadãos de outros países que estejam sofrendo perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, ou ainda, que estejam sujeitos, em seu país, a grave e generalizada violação de direitos humanos (Brasil, 2023b).

Após a entrada com o pedido de refúgio o CONARE – órgão vinculado ao Ministério da Justiça- avalia caso a caso em reuniões que podem ter intervalos de 60 dias (Brasil, s.d.). Esse intervalo de até 60 dias na elegibilidade ou não do imigrante para receber a situação de refúgio era usada propositalmente pelos imigrantes haitianos para que eles ganhassem tempo para tirar a documentação desejada.

Devido à grande demanda de pedidos de visto de acolhida humanitária e/ou residência permanente na Embaixada do Brasil no Haiti, muitos imigrantes haitianos entravam em território brasileiro indocumentados, mas munidos do seu saber-fazer e poder-fazer (Ma Mung, 2009). Mesmo tendo conhecimento de que não são refugiados, usavam essa estratégia de fazer a solicitação de refúgio, e assim, obterem circulação legal no país, aproveitavam-se desse período de avaliação do CONARE para conseguirem o visto de residência permanente.

Além disso, essa estratégia permitia que houvesse:

---

<sup>71</sup> No original: “[...] revela un nuevo modelo caracterizado por una multiplicidad de lugares de salida, de tránsito, de instalación, de destino, de retorno y re-migración, que desafia los patrones tradicionales de migración transnacional en América del Sur”.

À emissão de um protocolo, também conhecido como carteira provisória de estrangeiro, com validade de um ano, prorrogável por igual período de forma sucessiva até a decisão final do processo (RN n. 18/2014, do Conare). Com o protocolo, o estrangeiro tinha assegurados os direitos previstos na Constituição Federal, nas convenções internacionais inerentes ao tema do refúgio, bem como os mesmos direitos dos estrangeiros em situação regular em território nacional, podendo assim obter Carteira de Trabalho e Previdência Social e Cadastro de Pessoa Física – CPF provisórios, enquanto a solicitação de refúgio era analisada pelo Conare. Tais documentos são essenciais para o ingresso do imigrante no mercado formal de trabalho e para o envio de remessas (Fernandes; Faria, 2017, p. 151).

Esse exemplo aponta como os haitianos e haitianas dominam estratégias migratórias que passam por diversas escalas geográficas, que vão desde as regras, limites e leis dos Estado-Nação até Serviços municipais que possibilitam estratégias de circulação como a descrita acima.

### **4.3 Mobilidades e seu caráter multiescalar**

Compreender as migrações dentro da abordagem dos projetos migratórios e das redes migratórias imprime uma competência multiescalar. Essa multiescalaridade vai desde aspectos territoriais a aspectos individuais e coletivos. Isso quer dizer que a migração acontece envolvendo diversos grupos sociais em diversos níveis espaciais, que vão desde os limites dos Estados-Nação, até o intraurbano.

Quando falamos que as migrações são inerentes a competências multiescalares, queremos dizer que ela perpassa três níveis espaciais, sendo eles, o macroestrutural, o meso-social e o micro-individual (Audebert; Joseph, 2022) O nível macroestrutural, corresponde às condições oferecidas (ou não) pelos Estados, referentes à possibilidade de entrada, regularização e documentação, bem como, suas condições geopolíticas e econômicas globais. Já as condições meso-sociais, são aquelas que correspondem à sociedade de origem, como condições de trabalho, e a micro-individual são as condições do indivíduo e de seu núcleo familiar, como recursos e conhecimento fornecidos, pela família para sustentar o projeto migratório (Audebert; Joseph, 2022).

Neste trabalho, os autores analisam o sistema migratório haitiano e concluem que:

Essa perspectiva visa destacar a existência de um espaço sistêmico complexo e em evolução, caracterizado pela diversidade de migrantes em termos de perfis e recursos, e uma pluralidade de contextos de assentamento em que os migrantes enfrentam mercados de trabalho e políticas migratórias com características específicas (Audebert; Joseph, 2022, p. 32)<sup>72</sup>.

É nesse emaranhado complexo entre o local e o global que o migrante transita, cria e recria a seu projeto migratório. Para definir esse lugar de transição, movimento e constante definição da rota migratória usaremos o conceito de territórios circulatorios (Tarrus, 2002).

Para Tarrus (1993) os migrantes são, por essência, um ser de mobilidade e desafiam constantemente os diversos limites territoriais desenhados pelos Estado-Nação.

Três etapas espaciais e temporais constituem os caminhos do migrante. [...] os lugares do bairro, o intra-urbano; a zona de recepção, cidades e periferias; e finalmente as longas rotas que levam de um lugar de origem ao lugar onde se observa a chegada ou passagem do migrante (Tarrus, 1993, p. 51)<sup>73</sup>.

Essa competência multiescalar apresentada por Tarrus (1993) nos fornece bases para defender a escolha do conceito dos territórios circulatorios como espaços das migrações transnacionais. Embora as migrações transnacionais sejam um fenômeno global, é nos bairros, no intraurbano, que as migrações de fato vão se manifestar (Tarrus, 1993). Esses são os espaços das práticas coletivas e é nessa etapa espacial que as relações dos migrantes com territórios irão se formar.

De acordo com Villaça (1998), os espaços intraurbanos configuram-se por serem a composição interna dos espaços urbanos. O autor continua dizendo que é característica fundamental do espaço intraurbano o:

Deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria de força de trabalho- como no deslocamento casa/trabalho-, seja enquanto consumidor- reprodução da força de trabalho, deslocamento casa-compras, casa-lazer, escola, etc. Exatamente daí vem, por exemplo, o enorme poder estruturador intra-urbano das áreas comerciais e de serviços, a começar pelo próprio centro urbano. Tais áreas, mesmo nas cidades industriais, são as que geram e atraem a maior quantidade de deslocamentos (viagens), pois acumulam os deslocamentos de força de trabalho- os que ali trabalham- com os de consumidores – os que ali fazem compras e vão aos serviços (Villaça, 1998, p. 20).

<sup>72</sup> No original: “Esta perspectiva tiene por objeto poner de relieve la existencia de un espacio sistémico complejo y evolutivo caracterizado por la diversidad de las personas migrantes en términos de perfiles y recursos, y una pluralidad de contextos de instalación donde las personas migrantes se enfrentan a mercados laborales y políticas migratorias con características específicas”.

<sup>73</sup> No original: “Trois étages spatiaux et temporels constituent toujours les pacpurs du migrant. [...] les lieux du voisinage intra-urbain, puis l’étendue de la zone d’ accueil, ville et périphéries, et enfin les longs itinéraires qui conduisent d’un lieu d’origine à celui où l’on observe la venue ou le passage du migrant”.

Até mesmo na definição dos espaços intraurbanos, vemos que a mobilidade, movimento e fluidez fazem parte fundante da sua caracterização. Movimentos esses inerentes aos migrantes.

De acordo com Tarrus (1993, p. 52) essa característica multiescalar acontece com:

[...] os ritmos sociais da vida cotidiana, que inscrevem atividades específicas nos lugares vizinhos, depois a história de vida, que expressa trajetórias individuais ou familiares em termos de projetos ou destinos na área de acolhimento, e finalmente o tempo da sucessão de gerações, que constrói e estabiliza uma cultura que é fonte de novos conhecimentos e experiências ao longo da jornada migratória.

É nesse contexto que surge o conceito de territórios circulatórios. De acordo com Tarrus (2002) o entendimento dos territórios circulatórios é que estes são ligações de diferentes níveis territoriais em que se constitui a viagem migratória. Este conceito permite compreender, através das narrativas dos migrantes, a combinação “do aqui”, “de lá” e “de onde viemos”. “São nesses territórios circulatórios que as migrações transnacionais vão se manifestar” (Tarrus, 2002, p. 64).

Se retomarmos a noção da autonomia do migrante, discutida por Ma Mung (2009) e as definições de redes migratórias já construídas nesse trabalho temos os elementos fundamentais para a existência dos territórios circulatórios. Isso porque, Tarrus (2002, p. 56-57) os define da seguinte forma:

Esses territórios, quando incluem as redes definidas pelas mobilidades das populações cujo status se baseia em seu saber- circular, eu os chamo de territórios circulatórios. Qualquer espaço é circulatório, mas, ao contrário, qualquer espaço não constitui um território. A noção de um território circulatório confirma a socialização dos espaços de acordo com as lógicas de mobilidade [...]. A mobilidade espacial exprime então mais do que um modelo de utilização dos espaços, exprime também hierarquias sociais, reconhecimentos que dão força e poder<sup>74</sup>.

Os territórios circulatórios podem ser compreendidos, portanto, como espaços intraurbanos de circulação e ocupação dos imigrantes, em que esses territórios de destino se reestruturam com a presença destes imigrantes através da

---

<sup>74</sup> No original: “Estos territorios, cuando abarcan las redes definidas por las movilidades de poblaciones que tienen su estatuto de su saber-circular, yo los nombro territorios circulatorios. Cualquier espacio es circulatorio, pero al contrario, cualquier espacio no hace territorio. La noción de territorio circulatorio constata la socialización de espacios según lógicas de movilidad. Esa noción introduce una doble ruptura en las aceptaciones comunes del territorio y de la circulación [...] La movilidad espacial expresa entonces más que un modelo común de uso de los espacios, también jerarquías sociales, reconocimientos que dan fuerza y poder”.

existência de redes específicas de comércio, igrejas entre outros espaços, que são formulados e mantidos por essa população migrante.

Destaca-se na formulação desses territórios circulatorios, no caso da imigração haitiana, a centralidade das Igrejas. No trabalho de Audebert (2012) há um relato importante de como as igrejas, principalmente as pentecostais, se solidificaram em território haitiano, atuando em substituição a frágil presença do Estado na área de assistência social e como isso materializa o papel central dessas instituições. Neste trabalho, o autor fala da importância das igrejas comandadas por haitianos na Flórida, EUA, mas que em muito se assemelha ao papel das igrejas haitianas no Brasil, já que da mesma forma:

Têm a dupla função de promover a integração dos recém-chegados na sociedade anfitriã, ao mesmo tempo que lhes permitem recriar um ambiente familiar num país estrangeiro. Se a instituição católica exerce um papel social a nível comunitário, as congregações protestantes favorecem a dimensão microssocial, estando interessadas na adaptação dos indivíduos e das famílias, em vez da integração global do grupo (Audebert, 2012, online).

O papel de igrejas vai configurar um importante nó/sedimento na construção e manutenção dos territórios circulatorios dos imigrantes haitianos, sejam eles imigrantes no Brasil, ou nos EUA, uma vez que:

[...] as igrejas são espaços onde os membros desse grupo [haitianos] usufruem do privilégio de poderem professar sua fé em sua língua materna, o crioulo haitiano, encontrar amigos e parentes, tecer alianças, trocar informações e reelaborar suas práticas culturais dentro de um novo contexto social, de maneira que possam traçar as estratégias de inserção na sociedade local por meio da interlocução religiosa, numa economia das trocas dos códigos e símbolos com os brasileiros (Continguiba; Pimentel-Cotinguiba, 2018, p. 268-269).

As Igrejas, além de ser um espaço físico capaz de receber e armazenar doações, configura-se como um importante local de vivência, troca de experiência e possibilidade de compartilhamento de estratégias de inserção nesse novo contexto social de chegada (Cotinguiba; Pimentel-Cotinguiba, 2018).

No caso dessa pesquisa, esses territórios circulatorios são representados pelos bairros ocupados pelos imigrantes haitianos. É nos territórios municipais, especificamente no intraurbano, que o fenômeno migratório se manifesta e se estabelece. É no intraurbano, onde os imigrantes se fixam, é onde podemos constatar a materialidade dos territórios circulatorios. Para Tarrus (2002, p. 55-56), “os

territórios circulatórios observam a socialização dos espaços de acordo com as lógicas de mobilidade”<sup>75</sup>.

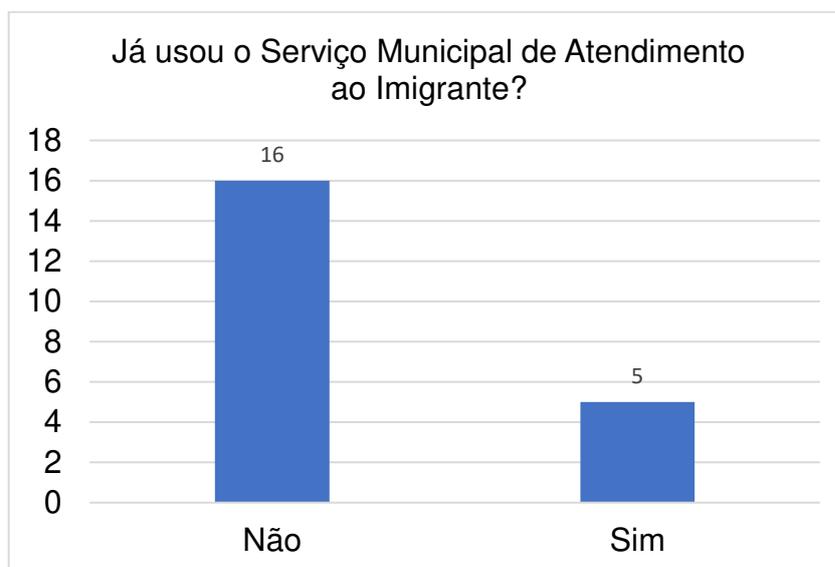
As cidades que têm o seu espaço intraurbano mais suscetível à formação de territórios circulatórios são aquelas que compõem uma região metropolitana, isso porque, o processo de metropolização está intimamente relacionado com a consolidação de um local estratégico de atividades globais, que permitem que essas cidades estejam no circuito das redes internacionais (Audebert, 2012). Áreas metropolitanas e seu município nuclear se caracterizam por uma intensa dinâmica de capital, produtos, serviço e pessoas.

Embora, durante muito tempo, as áreas metropolitanas da América do Norte tenham sido o espaço de migração haitiana (Audebert, 2012), a entrada documentada no Brasil, a criação do Programa Pró-Haiti e as possibilidades de inserção laboral, colocaram, especificamente, a Região Metropolitana de Campinas como espaço de circulação de haitianos e haitianas. Isso se deve ao fato de que as regiões metropolitanas concentram em seu espaço um mercado de trabalho exponencialmente superior àqueles do Haiti (Audebert, 2012).

Mesmo o município de Campinas/SP apresentando um Serviço municipal específico para a comunidade migrante, a oferta de empregos e possibilidade de inserção laboral parecer exercer maior influência na migração haitiana para o município. Considerando os entrevistados desta pesquisa, somente cinco imigrantes ao responderem à pergunta 29 (Anexo I), disseram já ter usado o Serviço Municipal. Os outros dezesseis imigrantes entrevistados disseram nunca ter utilizado o Serviço Municipal e alguns admitiram que não tinham o conhecimento da sua existência (Gráfico 10). O não conhecimento desse serviço prestado pela prefeitura demonstra a incapacidade da divulgação desse recurso para o seu público alvo e a relevância das redes migratórias que muitas vezes, exercem essa função de documentação e auxílio também prestados pelo Serviço Municipal.

---

<sup>75</sup> No original: “La noción de territorio circulatorio constata la socialización de espacios según lógicas de movilidad”.

**GRÁFICO 11 – Distribuição por uso do Serviço Municipal**

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022 e 2023.

No que concerne aos territórios circulatorios dos imigrantes haitianos e haitianas em Campinas, o mapa da Figura 11 representa essa circularidade. Nesse mapa foram consideradas quatro categorias que levaram em conta as respostas à pergunta 18 (Anexo I) sobre os bairros em que os imigrantes circulavam, englobando moradia, trabalho e outros espaços de trânsito. Ou seja, para a construção do grau de circularidade, observou-se a repetição dos bairros nas respostas dos imigrantes haitianos.

As regiões classificadas com intensa circulação são aqueles bairros que apareceram com maior frequência nas respostas coletadas na pesquisa de campo. São os bairros em que os haitianos e haitianas moram, trabalham e frequentam para visitar amigos e familiares, e/ou participar de atividades religiosas. As próximas sequências de classificação (alta, média e baixa) seguem a mesma lógica. Quanto menor a repetição dos bairros nas respostas dos entrevistados, menor é a circulação desses imigrantes nesses territórios.

Como podemos ver, a região de Barão Geraldo e bairros adjacentes são as áreas da cidade de Campinas/SP que apresentam a maior circulação de imigrantes haitianos, o que compreende moradia, estudo e também trabalho. Já a região do Campo Grande e Ouro Verde são as regiões que estão localizados os bairros Jardim Florence I e II, local de residência de vários imigrantes haitianos. A região central da cidade aparece como baixa circulação, pois correspondendo apenas a espaços de trabalho e trânsito dos haitianos e haitiana pela cidade de Campinas. O restante do

município quase não tem circulação, correspondendo apenas a bairros em que há uma circulação esporádica.

Importante observar que nas regiões de Campinas/SP onde há a maior circulação de imigrantes haitianos, existem igrejas evangélicas lideradas pela própria comunidade migrante, reforçando a existência desses territórios circulatórios, já que são espaços mantidos e ordenados pelos próprios haitianos.

Analisando a competência multiescalar com foco na escala local, já que essa é a proporção constitutiva das migrações transnacionais, a pesquisa também coletou a percepção dos imigrantes haitianos entrevistados sobre a cidade de Campinas/SP, pedindo que eles assinalassem pontos positivos e negativos, através da pergunta 19 do questionário de pesquisa (Anexo I).

**FIGURA 22** – Mapa dos Territórios circulatórios dos haitianos e haitianas em Campinas/SP



**Fonte:** Elaboração: Sophia Damiano Rôvere.

Dos vinte e um entrevistados, o ponto positivo que mais se repetiu foi a respeito da infraestrutura pública disponível na cidade de Campinas/SP, como a possibilidade de atendimento médico gratuito através do SUS (Sistema Único de Saúde), creche e escolas. “[...] *Tipo assim, no bairro que eu moro tem tudo pertinho, universidade, supermercado, hospital, posto de saúde, tudo pertinho* (Entrevistada três)”. “[...] *Tem creche e escola para as crianças* (Entrevistada quatorze)”.

Os imigrantes haitianos estudantes da Unicamp também reforçaram toda a estrutura de serviços oferecida pela universidade, bem como, a vantajosa localização geográfica do Distrito. Como relatam os entrevistados oito e nove.

*“Pensando na minha condição de estudante, que veio para estudo, é... todo o aparato que a Unicamp oferece, realmente é um ponto positivo. Não é por um acaso quando eu fiz mestrado na Unifesp, ainda continuava morando em Campinas”.* (Entrevistado oito).

*“Eu sempre morou aqui em Barão Geraldo, como eu acabei de falar, pela relação que eu criei com a Unicamp, é que eu passo muito tempo na biblioteca também e mesmo pensando em viver em outro lugar, não vou ter essa relação afetiva, com as bibliotecas, com a Unicamp. Eu acho que o que levou mesmo é esse sentimento de pertencer a Unicamp, ao lugar [Pesquisadora: eu poderia dizer que você gosta de morar em Campinas por causa da Unicamp?]. Eu não diria Campinas, eu diria Barão Geraldo, porque Campinas é uma cidade grande, mas quando você fala Barão Geraldo, Unicamp, eu gosto de morar perto da Unicamp. [...] Bom, positivo, acho que é o que eu relacionei a Unicamp, isso já é positivo, o segundo aspecto, é... tem a ver com...é... quando você pensa a região de Barão Geraldo, você tem muitas coisas próximas, banco, hospital, você não precisa deslocar muito tempo e tem tudo isso”.* (Entrevistado nove).

Outro aspecto importante que se repetiu nos pontos positivos elencados pelos entrevistados e entrevistadas foi o quesito laboral. Muitos colocaram como ponto positivo o fato da cidade de Campinas apresentar possibilidade de inserção no mercado de trabalho. [...] *Aqui consegue emprego, é... cheguei poucos meses...e já tô trabalhando.* (Entrevistado 12). Esse aspecto é fundamental quando retomamos o conceito de projeto migratório, no qual o aspecto laboral é parte estruturante da construção desses projetos.

No que tange a percepção dos imigrantes haitianos e haitianas de Campinas/SP sobre seus aspectos negativos, dois foram os apontamentos mais recorrentes nas respostas dos entrevistados, sendo eles o alto custo de vida da cidade e o preconceito/racismo/xenofobia.

No que diz respeito às observações sobre o alto custo de vida e preço do aluguel, em recente notícia publicada pelo site de notícias G1<sup>76</sup>, Campinas/SP foi eleita a quarta cidade mais cara para se viver no Brasil. Essa classificação considerou o custo de vida das pessoas, englobando moradia, alimentação, transporte entre outros, o que reforça e sustenta as observações dos próprios imigrantes.

*“[...] o ponto negativo é o preço das coisas, risos, o aluguel, é muito caro [...]”.* (Entrevistada três).

*“[...] A única coisa que acho ruim daqui é o aluguel, muito alto, proprietário quer aumentar toda hora”.* (Entrevistada treze).

*“[...] violência, tem preconceito, e, a vida é muito cara [...] aluguel, se você for no supermercado, tudo caro”.* (Entrevistado um).

Infelizmente, como outro ponto negativo os haitianos e haitianas falaram sobre a discriminação, racismo e xenofobia. Às vezes, os relatos foram mais sutis como caso do relato do Membro Igreja/Associação abaixo, mas é nítido que o que acontece é uma situação de racismo e xenofobia.

*“[...] É..na verdade, Barão Geraldo, um exemplo, quando nós chegamos no Brasil, não tive negros quase, quando nós andamos na rua não tem negros pra vê, mas as vezes encontramos brasileiros e brasileiras, às vezes, fugindo de nós, entendeu? Descartando, se tava na rua aí, é... pegando outra rota, outro lado da rua, é.. as vezes quando chegamos encontramos brasileiros na rua, as vezes mulher, especificamente, e a moça já guardando a bolsa, mas pra mim é tranquilo. A questão é a discriminação, porque isso é muito relevante na hora que chegamos no Brasil, isso é frequente, a pessoa não conhece você e aí a pessoa não quer sentar do seu lado, entendeu, no ônibus, é... qualquer lugar que você for, as vezes pessoa dá uma cara estranha, mas pra mim isso não preocupa”.* (Membro Igreja/Associação).

*“[...] Quando a gente chegou, a gente sofreu racismo sim, sofre xenofobia, né?”* (Entrevistado quinze).

Quando questionei se os imigrantes recomendariam o Brasil para familiares ou amigos imigrarem, a resposta de um dos entrevistados foi negativamente incisiva e também expõe a situação de racismo, discriminação e preconceito que os imigrantes estão expostos:

---

<sup>76</sup> Campinas é 4ª cidade mais cara para se viver no Brasil, aponta plataforma que reúne dados sobre economia. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/02/27/campinas-e-a-4a-cidade-mais-cara-para-se-viver-no-brasil-aponta-plataforma-que-reune-dados-sobre-economia.ghtml>.

*[Pesquisadora: “Você recomendaria para algum familiar ou amigo migrar pro Brasil?” Não! [Pesquisadora: Por quê?] Por causa do preconceito, por isso eu quero estudar e sai, porque não tem como viver num país e numa cidade que você não se sente uma pessoa, entendeu? Não é valorizada, digamos assim, você estuda, você faz tudo que a população pede, mas, apesar disso e por causa da sua cor, você não é considerado pessoa. É melhor sair, viver no Haiti, que você se sente uma pessoa, entendeu? Um ser humano! Do que viver num país por exemplo, um cachorro digamos assim, é mais valorizado do que uma pessoa”. (Entrevistado um).*

Os relatos acima suscitam a reflexão sobre o imigrante que sofre concomitantemente com a xenofobia e o racismo. Essa situação em que o imigrante passa por esse duplo preconceito foi conceituada como xenorracismo. De acordo com Faustino e Oliveira (2021) o conceito de xenorracismo apareceu pela primeira vez no ano de 2000 pelo escritor Ambalavaner Sivanandan, com o objetivo de estudar as migrações britânicas em um contexto de uma sociedade capitalista. Para Sivananda *apud* Fekete (2001, p. 23-24) o xenorracismo se caracteriza por:

É um racismo que não é dirigido apenas àqueles com pele mais escura, dos antigos territórios coloniais, mas às categorias mais recentes de deslocados, despossuídos e desenraizados, que estão batendo às portas da Europa Ocidental, a Europa que ajudou a deslocá-los em primeiro lugar. Trata-se de um racismo que não pode ser classificado por cor, pois também é dirigido aos brancos pobres e, portanto, é considerado xenofobia, um medo "natural" de estranhos. Mas, na forma como denigre e reifica as pessoas antes de segregá-las e/ou expulsá-las, é uma xenofobia que tem todas as marcas do antigo racismo. É racismo em sua essência, mas "xeno" em sua forma. É um racismo que é aplicado a estrangeiros empobrecidos, mesmo que eles sejam brancos. É o xeno-racismo (tradução própria)<sup>77</sup>.

No trabalho de Faustino e Oliveira (2021), os autores fazem uma discussão profícua das várias formas que o xenorracismo pode se manifestar, seja ele nas práticas restritivas de políticas migratórias, ou na (falsa) justificativa proveniente da mídia, de sobrecarga de sistemas sociais já desmontados pela ideia neoliberalista de redução do Estado.

O histórico escravocrata do Brasil, com uma mentalidade segregacionista, faz com que o racismo ainda seja latente em nossa sociedade, sobretudo, quando o

---

<sup>77</sup> No original: “It is a racism that is not just directed at those with darker skins, from the former colonial territories, but at the newer categories of the displaced, the dispossessed and the uprooted, who are beating at western Europe's doors, the Europe that helped to displace them in the first place. It is a racism, that is, that cannot be colour-coded, directed as it is at poor whites as well, and is therefore passed off as xenophobia, a 'natural' fear of strangers. But in the way it denigrates and reifies people before segregating and/or expelling them, it is a xenophobia that bears all the marks of the old racism. It is racism in substance, but 'xeno' in form. It is a racism that is meted out to impoverished strangers even if they are white. It is xeno-racism”.

aspecto da nacionalidade é atrelado ao de cor e raça, “do negro e do não-europeu, culminando em dois tipos de preconceitos: xenofobia e racismo” (Mattos, 2016, p. 29).

Quando analisamos esse conceito para o caso da imigração haitiana é evidente que apenas a categorização de xenofobia não é suficiente para caracterizar os preconceitos sofridos por esse grupo migrante.

[...] No entanto, basta uma observação simplória do assunto para se perceber que as ofensas contra estrangeiros noticiadas, em sua grande maioria, são perpetradas contra imigrantes negros vindos do continente africano ou do Haiti. [...] Em matéria apresentada em 29 de novembro de 2015, no programa televisivo Fantástico, da Rede Globo. Um dos casos apresentados é de um haitiano, de 25 anos, vítima de agressão física e injúria racial (Mattos, 2016, p. 29-30).

Mattos (2016, p. 35), continua:

Os imigrantes vindos da África e do Haiti, dessa forma, carregam em sua pele o estigma de sua origem e de sua “raça”, sendo facilmente distinguidos dos demais devido sua cor, religião e cultura. [...] Mas mais do que impactos na sociedade brasileira, tais demonstrações preconceituosas trazem prejuízos inestimáveis aos imigrantes. Isso porque, muitas vezes é no Brasil que esses imigrantes têm contato pela primeira vez com a violência racial.

Infelizmente, tais conceituações teóricas atreladas as próprias falas dos imigrantes demonstram o mito da receptividade e hospitalidade brasileira, escancarando questões históricas, como o racismo, que não foram superadas na nossa própria sociedade e agora ganham formas mais perversas associadas à xenofobia.

Portanto, ao compreendermos a natureza multiescalar das migrações haitianas e ao enfatizarmos uma análise em nível local, conseguimos identificar de forma mais concreta como essa migração se manifesta e se integra nos espaços intraurbanos dos municípios. Isso nos permite, de um lado, avançar no aporte teórico-metodológico acerca dos lugares dessa imigração (e seus níveis multiescalares), compreendendo a maneira como imigrantes haitianos redefinem seus projetos migratórios através do seu saber circular (Tarrus, 1993) e, de outro lado, aponta os desafios enfrentados pelos/pelas imigrantes na sociedade de destino, possibilitando subsidiar políticas públicas para assegurar direitos humanos fundamentais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa tentou abrir o debate para as imigrações haitianas em Campinas/SP e especialmente no distrito de Barão Geraldo. Foi um primeiro esforço de mapear e captar as percepções dos interlocutores a respeito de suas experiências e vivências no município e sem dúvida, o relato dos imigrantes haitianos é a maior contribuição deste trabalho.

Muitos desafios foram impostos durante a pesquisa especialmente o enfrentamento da pandemia de COVID-19. O isolamento social, adaptação ao mundo digital e remoto e inseguranças de todo o período atrasaram o começo da coleta de dados.

Perpassado todos os desafios impostos pela pandemia e ter o acesso conquistado, o trabalho foi iniciado e com isso, a hipótese do trabalho foi sendo construída ao longo da pesquisa, em que, ao ouvir os projetos migratórios dos imigrantes a posição central da Unicamp foi sendo percebida e reconhecida, sobretudo, no estabelecimento de uma rede migratória que foi fundamental para retroalimentar o fluxo migratório para o município. A construção dessa rede migratória aconteceu através dos imigrantes pioneiros vindos em decorrência do programa Pró-Haiti para Campinas/SP, especificamente para Barão Geraldo.

A luz da hipótese do trabalho, a conclusão é que a medida em que os imigrantes haitianos e haitianas ocupam e interagem com os territórios de destino, seus projetos migratórios ganham novos significados, e essa resignificação acontece através das oportunidades e constrangimentos do destino. No caso de Campinas/SP, oportunidades como empregabilidade e residência documentada, funcionam como pesos para a manutenção desses imigrantes na região. Os constrangimentos, seriam então, o alto custo de vida e situações de xenorracismo. É nesse delicado mecanismo de pesos e contrapesos que os haitianos e haitianas vão constantemente reavaliando e reformulando seus projetos migratórios.

Além disso, outro componente que ficou evidente com a pesquisa foi que a migração haitiana está inserida em um contexto amplo, complexo e multiescalar e que as determinantes da migração haitiana para o Brasil são multifatoriais, por isso é importante considerar que a real compreensão desse fluxo migratório precisa estar ancorado em uma análise multiescalar capaz de compreender todas as escalas geográficas, políticas, econômicas e sociais envolvidas nessa migração. Nesse sentido,

o trabalho mostrou que aspectos internacionais (condições econômicas e políticas), características nacionais (oferecimento de visto, possibilidade de inserção no mercado formal, parcerias institucionais com a possibilidade de continuidade do ensino superior e eventos naturais como o terremoto), e atributos sociais (participação de instituições religiosas e a forte influência das redes migratórias) constituem uma estrutura complexa das migrações haitianas. É importante destacar que esses elementos não devem ser considerados e analisados de forma isolada, mas sim como parte integrante dos processos migratórios haitianos.

A compreensão dessa característica multiescalar apareceu na centralidade de três elementos fundamentais da imigração haitiana: as redes, projetos migratórios e os territórios circulatórios. Esses são os três elementos que apresentam a competência multiescalar das migrações haitianas. Escalas que chamam a atenção para a importância de compreender e investigar os municípios nos processos migratórios. Por vezes, os estudos sobre migração focam-se nas relações e regramentos dos Estado-Nação, mas cabe efetivamente aos municípios fazer a gestão desse grupo de pessoas.

No caso de Campinas/SP o aparato institucional oferecido pela Unicamp para os estudantes, foi nas palavras dos próprios imigrantes, fundamental para sua permanência, e a criação do Serviço de referência municipal um importante passo na garantia de direitos fundamentais e na visibilidade da pessoa migrante, mas que não se mostrou um fator condicionante para o fluxo. O que tentou-se chamar a atenção foi a importância da análise multiescalar na migração haitiana, compreendendo que o locus dessa migração, e de todas as outras, é na cidade.

Quando analisamos a formação de um núcleo de imigrantes especificamente em Barão Geraldo, conclui-se que o programa Pró-Haiti favoreceu o estabelecimento de migrantes pioneiros em uma área de alto padrão (Barão Geraldo), que em geral, não são acessíveis para grupos migrantes Sul-Sul. No entanto, devido ao peso das metrópoles, como é o caso de Campinas e sua região metropolitana, mais cedo ou mais tarde, imigrantes Sul-Sul se estabeleceriam na região, por efeito de um segundo ponto fundamental associado a imigração haitiana, a chance de inserção laboral. Nesse sentido, o programa Pró-Haiti possibilitou a criação de uma rede migratória que ampliou os territórios circulatórios haitiano.

No entanto, é importante ressaltar que o acesso a comunidade haitiana foi difícil, sobretudo, por conta da pandemia, e a pesquisa de campo levou mais tempo

para se concretizar do que o previsto, já que a construção do vínculo foi lentamente estabelecida. Houve uma baixa adesão de respondentes do sexo feminino e a pesquisa abarcou um grupo de apenas 21 pessoas.

Ademais, é importante que trabalhos futuros se debrucem nos estudos relativos à influência das igrejas, principalmente evangélicas, nos fluxos migratórios haitianos para Campinas/SP. Essa pesquisa, por meio das entrevistas institucionais e com os próprios imigrantes, apontaram a existência de uma forte rede migratória alimentada por instituições religiosas.

Apesar das limitações impostas pelo trabalho de campo, abriu-se uma importante agenda de pesquisa a respeito da imigração haitiana para Campinas/SP, em que a contribuição desta pesquisa pode ser um norte para pesquisas futuras, especialmente quando fazemos a leitura da imigração haitiana com uma abordagem multiescalar e multifatorial. Questões relativas à empregabilidade, fecundidade, educação e enfrentamento do xenorracismo são extremamente pertinentes e devem ser melhor investigadas.

## REFERÊNCIAS

- AUDEBERT, C.; JOSEPH, H. El sistema migratório haitiano em América del Sur: recientes desarrollos y nuevos plateamientos. In: JOSEPH, H.; AUDEBERT, C. (org.). **El Sistema migratorio haitiano em América del Sur: proyectos, movilidades y políticas migratorias**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022.
- AUDEBERT, C. **La Diaspora Haitienne: territoires migratoires et réseaux**. França: Presses Universitaires de Rennes, 2012. Disponível em: <https://books.openedition.org/pur/26969> . Acesso em: 28 dez. 2023.
- ALPHONSE, F.; MACEDO, J. R. O programa pró-Haiti nas universidades públicas brasileiras (2011- 2016). **Temáticas**, Campinas, SP, v. 25, n. 49, p. 233-270, 2017.
- BAENINGER, R.; DEMÉTRIO, N. B.; DOMENICONI, J. (coord.). **Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo e Observatório das Metrôpoles – Migrações Internacionais: Macrometrópole Paulista, Regiões Metropolitanas E Regiões Administrativas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População – “Elza Berquó”, 2020.
- BAENINGER, R. *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. 2. ed. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018a.
- BAENINGER, R. *et al.* Novos espaços das migrações internacionais no estado de São Paulo: uma análise do período recente a partir do município de Campinas. In: ENCONTRO DE NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 21., 2018, Poços de Caldas, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: ABEP, 2018b.
- BAENINGER, R.; FERNANDES, D. (coord.). **Atlas Temático: Observatório das Migrações em São Paulo: migrações internacionais**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2017.
- BAENINGER, R.; PERES, R. Imigração haitiana em São Paulo: perfil e ocupação. In: BAENINGER, R. (org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016. p. 253-263
- BAENINGER, R. Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, R. (org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2016. p. 13-43
- BAENINGER, R. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2012.
- BAENINGER, R. Região Metropolitana de Campinas: expansão e consolidação do urbano paulista. In: HOGAN, D. J. (org.). **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas, SP: Nepo/Unicamp; Editora da Unicamp, 2001. p. 319-348.
- BAKEWELL, O. *et al.* **South-south migration and human development: reflections on African experiences**. Oxford: International Migration Institute, 2009.
- BAPTISTE, C. J. **Transição para a vida adulta e migração internacional: o caso dos jovens haitianos e haitianas na cidade de São Paulo**. 2015. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2015.
- BENKO, G. Breve exame do mundo pós-moderno. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (org.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo, SP: Hucitec, 2002. p. 247-250

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese – Revista Eletrônica de Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, SC, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOYD, M. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda. **International Migration Review**, New York, NY, v. 23, n. 4, p. 853-876, 1989.

BOYER, F. Le projet migratoire des migrants touregs de la zone de Bankilaré: la pauvreté désavouée. **Stichproben. Wiener Zeitschrift für kritische Afrikastudien**, Vienna, n. 8, p. 47-67, 2005.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Obter autorização de residência**. Brasília, DF, 2023a. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/obter-autorizacao-de-residencia-e-carteira-de-registro-migratorio#:~:text=A%20autoriza%C3%A7%C3%A3o%20de%20resid%C3%Aancia%20%C3%A9,de%20Migra%C3%A7%C3%A3o%20e%20seu%20regulamento>. Acesso em: 30 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Solicitar refúgio pela primeira vez no Brasil**. Brasília, DF, 2023b. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/solicitar-refugio>. Acesso em: 07 jan. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Portaria interministerial MJSP/MRE, nº 37. Dispões sobre a concessão de visto temporário e de autorização para fins de acolhida humanitária. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 63, seção 1, p. 51, 31/03/2023c.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Visto de trabalho (VITEM V)**. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/embaixada-varsovia/visto-de-trabalho-vitem-v>. Acesso em: 30 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resultado Programa Emergencial Pró-Haiti**. Brasília, DF, 26 ago. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/bolsas/bolsas-e-auxilios-internacionais/informacoes-internacionais/programas-encerrados-internacionais/programa-emergencial-pro-haiti>. Acesso em: 04 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Lei no 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, 25/05/2017a.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Visto Temporário IV: visto estudante**. Artigo 14 da lei nº 13.445/2017. Brasília, DF, 2017b.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Lei no 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. **Diário Oficial**, Brasília, DF, seção 1, 21/08/1980.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE. **Estrutura organizacional**. Brasília, DF, s.d. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/institucional#:~:text=O%20Conare%20realiza%20reuni%C3%B>. Acesso em: 07 jan. 2024.

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Portaria nº 092, de 28 de abril de 2010**. Institui o Programa Emergencial

PRÓ-HAITI em Educação Superior dispõe sobre os procedimentos para operacionalização das atividades do programa. Brasília, DF, 29 abr. 2010. Disponível em: [https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-922010\\_221866.html#google\\_vignette](https://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-922010_221866.html#google_vignette). Acesso em: 20 set. 2023.

CAMPILLO-CARRETE, B. **South-south migration: a review of the literature**. Netherlands: International Institute of Social Studies, 2013. (Working Paper, nº 570)

CAMPINAS (CIDADE). Prefeitura Municipal de Campinas. **Lei nº 16.038, de 17 de novembro de 2020**. Institui a Lei Municipal de Atenção aos Imigrantes, Refugiados e Apátridas e dispõe sobre seus objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias. Campinas, SP, 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/c/campinas/lei-ordinaria/2020/1604/16038/lei-ordinaria-n-16038-2020-institui-a-lei-municipal-de-atencao-aos-imigrantes-refugiados-e-apatridas-e-dispoe-sobre-seus-objetivos-principios-diretrizes-e-acoes-prioritarias>. Acesso em: 24 dez. 2023.

CAMPINAS (CIDADE). Prefeitura Municipal de Campinas. Conheça Campinas: origens. Campinas, SP, s.d. Disponível em: <https://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/origens.php>. Acesso em: 20 ago. 2023.

CANALES, A. **E pur si muove: elementos para una teoría de las migraciones en el capitalismo global**. México, DF: Miguel Ángel Porrúa, 2015.

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 5. ed. Campinas, SP: IE/Unicamp, 2007.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (org.). **Relatório anual 2021: 2011-2020: uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil**. Brasília, DF: OBMigra, 2021. (Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública; Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral).

CLARO, C. A. B. Do estatuto do estrangeiro à lei de migração: avanços e expectativas. **Boletim de Economia e Política Internacional – BEPI**, Brasília, DF, n. 26, 2019/2020.

CEPAL – COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **La actual crisis financiera internacional y sus efectos em América Latina y el Caribe**. Santiago de Chile, 2009.

COTINGUIBA, G. C.; PIMENTEL-COTINGUIBA, M. L. Uma baz en la Amazonía brasileña: interconexiones migratorias haitianas. In: JOSEPH, H.; AUDEBERT, C. (ed.). **El sistema migratório haitiano em América del Sur: proyectos, movilidades y políticas migratorias**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2022. (Grupos de Trabajo de CLACSO).

COTINGUIBA, G. C., PIMENTEL-COTINGUIBA, M. L. Uma análise da presença haitiana na Amazônia: um estudo de caso de Porto Velho. In: BAENINGER *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. p. 260-273.

COTINGUIBA, G. C. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios**. 2014. 154f. Dissertação (Mestrado em História e Estudo Culturais) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2014.

DEMÉTRIO, N. *et al.* Ensino-pesquisa-extensão em migração internacional. In: ENCONTRO INTERNACIONAL PARTICIPAÇÃO, DEMOCRACIA E POLÍTICAS PÚBLICAS, 5., 2022, online. **Anais...** Natal, RN: UFRN, 2022.

DEMÉTRIO, N. *et al.* Direitos humanos a política para migrantes internacionais: a experiência de Campinas, o papel da universidade e a importância dos registros administrativos locais. In: BAENINGER, R. *et al.* (coord.). **Populações vulneráveis.** Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2021. p. 818-849.

DOMENICONI, J. O. S. **Migração internacional qualificada:** trabalhadores do conhecimento em São Paulo no início do século XXI. 2017. 173f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2017.

ETIENNE, F. **Histoire Haiti.** [S. l. : s. n.], s.d. Disponível em: <http://ufdcimages.uflib.ufl.edu/uf/00/09/89/90/00004/haiti-histoire.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

FAUSTINO, D. M; OLIVEIRA, L. M. Xenoracismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU – Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, DF, v. 29, n. 63, p. 193-210, 2021.

FERNANDES, D.; FARIA, A. V. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Belo Horizonte, MG, v. 34, n. 1, p. 145-161, 2017.

FERNANDES, D.; FARIA, A. V. A diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, características e perfil. In: BAENINGER, R. *et al.* (org.). **Imigração Haitiana no Brasil.** São Paulo, SP: Paco Editorial, 2016. p. 95-112.

FERNANDES, D. *et al.* Migração dos haitianos para o Brasil: a RN n. 97/2012: uma avaliação preliminar. **Cadernos de Debates, Refúgio Migrações e Cidadania**, Brasília, DF, v. 8, n. 8, 2013.

FEKETE, L. The Emergence of Xenoracism. **Race & Class**, London, v. 43, n. 2, p. 23-40, 2001. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306396801432003>. Acesso em: 28 dez. 2023.

FLORES, J. T.; CORTÉZ, L. 50 Anos de internacionalização da Unicamp-Universidade Estadual de Campinas. **Universidades**, Unión de Universidades de América Latina y el Caribe, México, n. 68, p. 65-83, 2016.

FOIADELLI, L. F. F. **As transformações no fluxo migratório contemporâneo:** um diálogo com o serviço de referência ao imigrante e refugiado e apátrida de Campinas. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2019.

GUARNIZO, L. E.; PORTES, A.; HALLER, W. Assimilation and transnationalism: determinants of transnational political action among contemporary migrants. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 108, n. 6, p. 1211-1248, 2003.

GUARNIZO, L. E.; SMITH, M. P. The locations of transnationalism. In: SMITH, M. P.; GUARNIZO, L. E. (ed.). **Transnationalism from Below.** London: Routledge, 1998. p. 3-34. (Comparative Urban and Community Research, v. 6).

GLICK-SCHILLER, N. The transnational migration paradigm: global perspectives on migration research. In: HALM, D.; SEZGIN, Z. (ed.). **Migration and organized civil society: rethinking national policy**. London: Routledge, 2012. p. 25-43.

GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC, C. Z. From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration. **Anthropological Quarterly**, Washington, DC, v. 68, n.1, p. 48-63, 1995.

GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L.; BLANC, C.Z. Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration. **Annals of the New York Academy of Sciences**, New York, NY, v. 645, n. 1, p. 1-24, 1992.

GONÇALVES, P. C. Procuram-se braços para a lavoura: imigrantes e retirantes na economia cafeeira paulista no final do oitocentos. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, SP, v. 34, n. 67, p. 283-308, 2014.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1992.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2001.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas geográfico escolar**. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ, 2009.

JACOBSON, E. **An introduction to haitian culture for rehabilitation service providers**. Buffalo, NY: University of New York/CIRRIE, 2003.

LEÃO, A. V. **Reconhecimento legal e estima social nas políticas públicas de integração de imigrantes em nível municipal em São Paulo e Bruxelas**. 2017. 185f. Tese (Doutorado) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2017.

LEE, E. A theory of migration. **Demography**, New York, NY, v. 3, n. 1, p. 47-57, 1966. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2060063>.

LIMA, L. C. Tecnopólo: uma forma de produzir na modernidade atual. **Terra Livre**, São Paulo, SP, n. 9, p. 19-40, 1992. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/102>. Acesso em: 20 ago. 2023

MAGALHÃES, L. F. A. Migração de dependência: considerações teóricas e metodológicas sobre a imigração haitiana no Brasil. In: BAENINGER *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. p. 367-381.

MAGALHÃES, L. F. A. **A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti**. 2017. 355f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2017.

MA MUNG, E. Le point de vue de l'autonomie dans l'étude des migrations internationales: “penser de l'intérieur” les phénomènes de mobilité. In: DUREAU, F.; HILY, M. A. **Les mondes de la mobilité**. [S. l.]: Presses de l'Université de Rennes, 2009. p. 25-38.

- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2003.
- MARTINE, G. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, SP, v. 19, n. 3, p. 3-22, 2005.
- MASSEY, D. S. *et al.* Theories of international migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, New York, NY, v. 19, n. 3, p. 431-466, 1993.
- MASSEY, D. S. Economic development and internacional migration in comparative perspective. **Population and Development Review**, New York, NY, v. 14, n. 3, p. 383-413, 1988.
- MATTOS, A. L. **Racismo e xenofobia no Brasil**: análise dos instrumentos jurídicos de proteção ao imigrante negro. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, Maria Santa Maria, RS, 2016.
- MAY, T. **Pesquisa social**: questões e métodos e processos. Tradução de: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.
- MELDE, S. *et al.* Introduction: the south-south migration and development nexus. In: ANICH, R. *et al.* **A new perspective on human mobility in the south**. Berlim: Springer Science and Business, 2014. p. 1-20. (Global Migration Issues 3).
- MORETTI, A. I. P. *et al.* Geotecnologias aplicadas ao estudo da dinâmica territorial de Barão Geraldo (Campinas, Brasil). In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideo, Uruguay. **Anais...** 2009.
- NASCIMENTO, S.; THOMAZ, O. R. **Da crise às ruínas**: impacto do terremoto sobre o ensino superior no Haiti. Brasil: Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior. Programa Pró-Haiti, 2010. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/001043944c5aab12a862d>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- PARELLA, S.; CAVALCANTI, L. Transnacionalismo. In: CAVALCANTI, L. *et al.* (org.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2017. p. 665-719.
- PERALVA, A. **Globalização, migrações transnacionais e identidades nacionais**. São Paulo, SP: IFCH/CIEPLAN, 2008. (Projeto Coesão Social na América Latina).
- PHELPS, E. South-south migration: why it's bigger than we think, and why we should care. **The Migrationist**, 2014.
- PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **O que é o IDHM**. Brasília, DF, s.d. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/o-que-%C3%A9-o-idhm#:~:text=Como%20%C3%A9%20calculado%20o%20IDHM&text=Padr%C3%A3o%20de%20vida%20%C3%A9%20medido,pessoas%20sem%20registro%20de%20renda>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- PORTES, A. **Estudos sobre as migrações contemporâneas**: transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração. Lisboa: Fim de Século Edições, 2006.
- PORTES, A. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, Portugal, n. 69, p. 73-93, 2004.

- RATHA, D.; SHAW, W. **South-south migration and remittances**. Washington, DC: The World Bank, 2007. (World Bank Working Paper, n. 102).
- RIBEIRO, R. **Barão Geraldo: evolução e história**. 2. ed. Campinas, SP: Centro de Comunicação e Artes, 2000.
- ROIG, J. N. Migrações internacionais e a garantia de direitos: um desafio do século XXI. In: BAENINGER, R.; JAROSCHINSKI SILVA, J. C. **Migrações venezuelanas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. p. 27-30.
- ROSA, R. M. A construção da desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais. **Universitas: Relações Internacionais**, Brasília, DF, v. 4, n. 2, p. 1-24, 2006.
- SAINTE, G. **Uso do território e comércio transfronteiriço: interação espacial entre Haiti e República Dominicana**. São Paulo, SP: Editora Dialética, 2022.
- SANTOS, A. R. A migração de peruanos para a Amazônia brasileira: uma discussão sobre redes migratórias, fronteiras e identidades. **Somanlu**, Manaus, AM, v. 12, n. 2, p. 63-84, 2012.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 22. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2012.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo, SP: Editora Universidade de São Paulo, 2006.
- SASSEN, S. **Sociologia da globalização**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.
- SASSEN, S. The state and globalization: denationalized participation. **Michigan Journal of International Law**, Michigan, v. 25, n. 4, p. 1141-1158, 2004.
- SASSEN, S. **The global city: New York, London, Tokyo**. New Jersey, NJ: Princeton University Press, 2001.
- SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. São Paulo, SP: Studio Nobel, 1998.
- SCATOLINI, M. V.; FRANCISCO, N. Relato de atividade da Secretaria Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência e Cidadania – Serviço de Referência ao Imigrante, Refugiado e Apátrida. BAENINGER *et al.* (org.). **Migrações Sul-Sul**. 2. ed. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. p. 965-969.
- SEGUY, F. Racismo e desumanização no Haiti. **Educere et Educare**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 521 -536, 2015.
- SEMEGHINI, U. C. **Do café à indústria: uma cidade e seu tempo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.
- SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, SP, n. 53, p. 117-149, 2002.
- SILVA, C. R. V.; MATIAS, L. F. Vetores de expansão urbana: análise da cidade de Campinas (SP). **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 273–297, 2017.
- SILVA, S. A. A imigração haitiana e os paradoxos do visto humanitário. In: BAENINGER, R. *et al.* (org.). **Imigração Haitiana no Brasil**. São Paulo, SP: Paco Editorial, 2016. p. 207-228.

SILVA, S. A. Aqui começa o Brasil: haitianos e haitianas na tríplice fronteira e Manaus. In: SILVA, S. A. (org.). **Migrações na Pan-Amazônia**: fluxos, fronteiras e processos socioculturais. São Paulo, SP: Hucitec; Manaus, AM: Fapeam, 2012. p. 300-322.

SILVEIRA, M. L. Globalização, funcionamento técnico e funcionamento político na rede urbana argentina e nordpatagônica. SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo, SP: Hucitec, 2002. p. 125-140

SIQUEIRA, S. Projeto migratório. In: CAVALCANTI, L. *et al.* (org.). **Dicionário crítico de migrações internacionais**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2017. p. 543-579.

TARRIUS, A. **La mondialisation par le bas**: les nouveaux nômades de l'économie souterraine. Paris: Éditions Balland, 2002.

TARRIUS, A. Territoires circulatoires et espaces urbains: différenciations des groupes migrants. **Les Annales de la Recherche Urbaine**, Paris, n. 59-60, p. 51-60, 1993. <https://doi.org/10.3406/aru.1993.1727>

THOMAZ, O. R.; SEBASTIÃO, N. Fronteira social e fronteira de serviço. **Estadão**, São Paulo, SP, 28/01/2012.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, SP, v. 20, n.1, p. 199-218, 2008.

VILLAÇA, F. **O espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo, SP: Nobel, 1998.

VILLEN, P. Periféricos na periferia. In: BAENINGER, R. *et al.* (org.). **Imigração Haitiana no Brasil**. São Paulo, SP: Paco Editorial, 2016. p. 45-64.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – Roteiro de entrevistas (CAA número 59669722.4.0000.8142)

- 1) Sexo: feminino ou masculino?
- 2) Qual foi o seu ano de chegada no Brasil?
- 3) Passou algum tempo ou viveu em outros países antes de chegar ao Brasil? Qual?
- 4) Qual seu nível de escolaridade? Se tiver curso superior, qual curso?
- 5) Imigrou para o Brasil sozinho ou acompanhado? Se acompanhado, de quem?
- 6) Veio via terrestre, aérea ou outra – qual?
- 7) Como conseguiu recursos financeiros para sair do país de origem?
- 8) Qual foi o município de entrada no Brasil?
- 9) Conseguiu emprego nesse primeiro município? Se sim, em qual função?
- 10) O que te fez deixar esse primeiro município de entrada?
- 11) Antes de chegar em Campinas, morou e/ou trabalhou em outro município? Se sim, qual?
- 12) Caso o destino original tenha sido Campinas, o que te fez escolher este município?
  - a) rede migratória
  - b) arranjo sócio estrutural? (aeroporto, política municipal, etc)
  - c) características sociais? (ONGs e Igrejas)
- 13) Quais eram seus planos desde a saída de seu país? E agora depois da pandemia do COVID-19, seus planos mudaram? Como você vê a sua trajetória migratória daqui para frente?
- 14) Residência atual é em Campinas ou em outro município- qual?
- 15) Você gosta de morar em Campinas? Por quê?
- 16) Qual é o bairro de residência?
- 17) Frequenta alguma organização religiosa? Qual o bairro/município que está localizado?
- 18) Quais são outros bairros, regiões e municípios do entorno que você circula com frequência?
- 19) Todas as cidades possuem pontos positivos e negativos. Considerando a sua experiência em Campinas, quais são os aspectos positivos da cidade? E quais são os aspectos que você considera negativos em Campinas?
- 20) Você recomendaria a um familiar ou amigo migrar para o Brasil? Por quê? E migrar especificamente para Campinas, você recomendaria? Por quê?
- 21) Está empregado atualmente? Se sim, é registrado? Em qual função?
- 22) Qual é o bairro/ município de seu trabalho?
- 23) Qual é o seu amparo legal? Tem documentos? Quais?

- 24) Durante os meses de lockdown (2020-2021) continuou empregado?
- 25) Mantém algum tipo de vínculo com o país de origem? Envia remessas?
- 26) Continuou enviando remessas para o Haiti durante os meses de lockdown (2020-2021)?
- 27) Deseja mudar para outro país, estado ou cidade? Se sim, qual? Por quê?
- 28) Deseja retornar ao seu país de origem, se sim, o que te impede?
- 29) Já usou o serviço municipal de referência aos imigrantes e refugiados?
- 30) Você conhece a Associação dos Haitianos e haitianas de Campinas?

## Orè entèvyou

- 1) Sèks: fi oswa gason?
- 2) Ki ane ou te rive Brezil?
- 3) Èske w te pase kèk tan oswa te viv nan lòt peyi anvan ou te rive Brezil? Kiyès?
- 4) Ki nivo edikasyon ou? Si ou gen yon degre edikasyon siperyè, ki kou?
- 5) Eske ou te imigre Brezil poukont ou oswa ak yon moun? Si akonpaye, pa ki moun?
- 6) Èske li te vini pa tè, lè oswa lòt – kiyès?
- 7) Ki jan ou te jwenn resous finansye pou kite peyi ou orijin?
- 8) Ki sa ki te minisipalite antre nan Brezil?
- 9) Eske ou te jwenn yon travay nan premye minisipalite sa a? Si wi, nan ki wòl?
- 10) Kisa ki fè w kite premye minisipalite sa a?
- 11) Anvan w rive Campinas, èske w te viv ak/oswa te travay nan yon lòt komin? Si wi, kiyès?
- 12) Si destinasyon orijinal ou te Campinas, kisa ki fè ou chwazi minisipalite sa a?
  - a) rezo migratè
  - b) aranjman sosyo-estriktirèl? (ayewopò, politik minisipal, elatriye)
  - c) karakteristik sosyal? (ONG ak legliz)
- 13) Ki plan w te genyen depi w te kite peyi w? Epi kounyeya apre pandemi COVID-19 la, èske plan w yo chanje? Ki jan ou wè trajèktwa migratè w ap pi devan?
- 14) Rezidans aktyèl la se nan Campinas oswa yon lòt minisipalite - kiyès?
- 15) Ou renmen viv Campinas? Poukisa?
- 16) Ki katye w abite?
- 17) Èske w ale nan nenpòt òganizasyon relijye? Nan ki katye/minisipalite li ye?
- 18) Ki lòt katye, rejyon ak minisipalite nan zòn ki antoure a ou vizite souvan?
- 19) Tout vil yo gen pwen pozitif ak negatif. Lè ou konsidere eksperyans ou nan Campinas, ki aspè pozitif nan vil la? Ak ki aspè yo ke ou konsidere negatif nan Campinas?
- 20) Èske ou ta rekòmande yon manm fanmi oswa yon zanmi emigre nan Brezil? Poukisa? Ak imigre espesyalman nan Campinas, ou ta rekòmande li? Poukisa?
- 21) Èske w ap travay kounye a? Si wi, èske li anrejistre? Nan ki wòl?
- 22) Ki katye/vil kote w ap travay la?
- 23) Ki pwoteksyon legal ou ye? Èske w gen dokiman? Kiyès?
- 24) Pandan mwa fèmèn pòt yo (2020-2021), èske ou te rete travay?
- 25) Èske ou kenbe nenpòt kalite lyen ak peyi ou orijin? Voye anvwa?
- 26) Eske ou te kontinye voye anvwa ann Ayiti pandan mwa fèmèn pòt yo (2020-2021)?
- 27) Èske ou vle deplase nan yon lòt peyi, eta oswa vil? Si wi, kiyès? Poukisa?
- 28) Èske ou vle tounen nan peyi orijin ou, si se konsa, ki sa ki sispann ou?

- 29) Èske w te itilize sèvis referans minisipal pou imigran ak refijye yo?
- 30) Èske w konnen Asosyasyon Ayisyen ak Ayisyen Campinas?

## **ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

### **Imigração Haitiana em Campinas-SP: espaços de vida e projetos migratórios**

**Pesquisadora principal:** Sophia Damiano Rôvere

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosana Baeninger

**Número do CAAE:** 59669722.4.0000.8142

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa informar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

#### **Justificativa e objetivos:**

Esta pesquisa se justifica pela constante imigração haitiana para o Brasil desde meados da década de 2010. Durante todo esse período o amparo legal, motivações e condições da imigração haitiana se modificaram significativamente e por isso, é necessário atualizar os estudos sobre esse público alvo, sobretudo, considerando as possíveis alterações que ocorrem “pós” pandemia de COVID-19. Nesse sentido, o objetivo principal da pesquisa é compreender o projeto migratório haitiano e sua inserção laboral no município de Campinas/SP e entorno. Os objetivos específicos buscam captar as etapas do projeto migratório, sua condição laboral e documental, além de identificar os fatores que fizeram com que o Brasil fosse o seu país de destino.

#### **Procedimentos:**

Participando do estudo você está sendo convidado a: responder um questionário disponível em português e crioulo, com 29 (vinte e nove) perguntas sobre o seu projeto migratório. As entrevistas serão gravadas em formato de áudio e descartadas ao final da pesquisa de doutoramento. A estimativa do tempo de aplicação do questionário de pesquisa é de 30 minutos e será aplicada apenas uma única vez por participante.

A pesquisa só terá início após a aprovação do protocolo de pesquisa do CEP. Você não deve participar deste estudo se tiver menos de 18 anos de idade.

#### **Desconfortos e riscos:**

Embora a pesquisa não apresente riscos previsíveis, você poderá a qualquer momento, retirar a sua participação. Toda a equipe de pesquisa do Observatório das Migrações em São Paulo do Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” da Universidade Estadual de Campinas está à disposição para auxiliar os participantes.

**Benefícios:**

A medida em que a pesquisa busca coletar informações sobre o projeto migratório haitiano, diversos benefícios indiretos podem surgir, já que, os dados coletados através do questionário podem fornecer um conhecimento mais amplo sobre os imigrantes haitianos em Campinas e região, bem como, visibilizar a problemática, podendo subsidiar ações do poder público. Não há previsão de benefícios diretos aos participantes.

**Sigilo e privacidade:**

Você tem a garantia de que os pesquisadores buscarão garantir o sigilo de sua identidade e nenhuma informação identificada ou identificável será fornecida a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores

**Ressarcimento e indenização:**

A equipe de pesquisa garante que você não terá qualquer custo. Qualquer custo que você tiver para participar da pesquisa, previsto ou não, não importando a natureza do custo, será ressarcida pela equipe de pesquisa.

Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

**Acompanhamento e assistência:**

A qualquer momento os participantes poderão entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa, através dos contatos abaixo. Você receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa

**Contato:**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Sophia Damiano Rôvere, Endereço: Av. Albert Einstein, 1300 Cidade Universitária Zeferino Vaz, CEP 13081-970, Cx. Postal 6166, Campinas/SP. Telefone: (19) 3521-5893, Email: s14129@dac.unicamp.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

Havendo a necessidade de intermediação da comunicação em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

**O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)**

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de

Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

**Consentimento livre e esclarecido:**

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do (a) participante da pesquisa:

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.  
(Assinatura do participante da pesquisa ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

**Responsabilidade do Pesquisador:**

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

\_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.  
(Assinatura do pesquisador)

## KONSANTMAN GRATIS AK ENFOME

**Imigrasyon ayisyen nan Campinas-SP: espas k ap viv ak pwojè migratè**

**Chèchè prensipal: Sophia Damiano Rôvere**

**Konseye: prof. Doktè Rosana Baeninger**

**Nimewo CAAE: 59669722.4.0000.8142**

Yo envite w patisipe kòm volontè nan yon etid rechèch. Dokiman sa a, ki rele Fòm Konsantman Gratis ak Enfòmè, gen pou objektif pou enfòmè dwa w kòm yon patisipan epi li prepare an de kopi, youn ki dwe rete avèk ou epi lòt la avèk chèchè a.

Tanpri li ak anpil atansyon epi avèk kalm, pwofite opòtinite pou klarifye dout ou yo. Si gen kesyon anvan oswa menm apre siyen li, ou ka klarifye yo ak chèchè a. Si w prefere, ou ka pran Akò sa a lakay ou epi konsilte fanmi w oswa lòt moun anvan w deside patisipe. P ap gen okenn penalite oswa pèt si ou pa aksepte patisipe oswa retire otorizasyon ou nenpòt ki lè.

### **Jistifikasyon ak objektif:**

Rechèch sa a jistifye pa imigrasyon konstan ayisyen an nan Brezil depi mitan ane 2010 yo. Pandan tout peryòd sa a, sipò legal, motivasyon ak kondisyon imigrasyon ayisyen an te chanje anpil, kidonk, li nesesè mete ajou etid sou piblik sa a sib, espesyalman. , konsidere chanjman posib ki fèt "apre" pandemi COVID-19 la. Nan sans sa a, objektif prensipal rechèch la se konprann pwojè migrasyon ayisyen an ak ensèyasyon travay li nan komin Campinas/SP ak vwazinaj li. Objektif espesifik yo chèche pran etap pwojè migratè a, travay li ak sitiyan dokimantasyon an, anplis idantifye faktè ki te fè Brezil peyi destinasyon li.

### **Pwosedi:**

Lè w patisipe nan etid la, yo envite w pou: reponn yon kesyonè ki disponib an Pòtigè ak Kreyòl, ak 29 (vennnèf) kesyon sou pwojè migrasyon w la. Entèyou yo pral anrejistre nan fòm odyo epi jete nan fen rechèch doktora a. Tan an estime pou aplike kesyonè rechèch la se 30 minit epi yo pral administre sèlman yon fwa pou chak patisipan.

Rechèch la pral kòmanse sèlman apre apwobasyon pwotokòl rechèch CEP a. Ou pa ta dwe patisipe nan etid sa a si ou poko gen 18 na.

### **Malèz ak risk:**

Malgre ke rechèch la pa prezante risk previzib, ou ka retire patisipasyon ou nenpòt ki lè. Tout ekip rechèch la nan Obsèvatwa Migrasyon nan São Paulo nan Sant Etid Popilasyon "Elza Berquó" nan Inivèsite Leta Campinas disponib pou ede patisipan yo.

### **Benefis:**

Kòm rechèch la ap chèche kolekte enfòmasyon sou pwojè migrasyon ayisyen an, plizyè benefis endirèk ka rive, paske done yo kolekte atravè kesyonè a ka bay yon konsepsyon pi laj sou imigran ayisyen yo nan Campinas ak nan rejyon an, epi tou fè vizib pwoblèm nan, epi yo ka sibvansyone. aksyon otorite piblik yo. Pa gen okenn benefis dirèk espere pou patisipan yo.

**Sekrè ak vi prive:**

Nou asire w ke chèchè yo pral chèche asire konfidansyalite idantite w epi yo p ap bay okenn enfòmasyon ki idantifye oswa ki kapab idantifye yo bay okenn lòt moun ki pa ekip rechèch la.

**Ranbousman ak endannman:**

Ekip rechèch la garanti ke ou pa pral antrene okenn depans. Tout depans ou fè pou patisipe nan rechèch la, kit yo prevwa oswa ou pa, kèlkeswa nati pri a, ap ranbouse pa ekip rechèch la.

Ou pral garanti dwa pou konpansasyon pou nenpòt domaj ki soti nan rechèch la lè yo pwouve an akò ak lejislasyon aktyèl la.

**Swiv ak asistans:**

A nenpòt ki lè, patisipan yo ka kontakte chèchè yo pou klarifikasyon ak asistans sou nenpòt aspè nan rechèch la, lè l sèvi avèk detay kontak ki anba yo. Ou pral resevwa asistans konplè epi imedyà, gratis, pandan tout tan sa nesèsè nan ka domaj ki soti nan rechèch la.

**Kontakte:**

Si w gen nenpòt kesyon sou rechèch la, ou ka kontakte chèchè Sophia Damiano Rôvere, Adrès: Av Albert Einstein, 1300 Cidade Universitária Zeferino Vaz, CEP 13081-970, Postal Box 6166, Campinas/SP. Telefòn: (19) 3521-5893, Imèl: s14129@dac.unicamp.br.

Nan ka rapò oswa plent sou patisipasyon ou ak pwoblèm etik nan etid la, ou ka kontakte Sekretarya Komite Etik Rechèch nan Syans Imèn ak Syans Sosyal (CEP-CHS) nan UNICAMP soti 8:30 am jiska 11:30 am ak soti nan 1:00 pm rive 5:00 pm nan Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2yèm etaj, chanm 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefòn (19) 3521-6836; imèl: cechs@unicamp.br.

Si gen yon bezwen medyatè kominikasyon nan Libras, ou ka kontakte Sant Unicamp TILS sou sit entènèt la <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

**Komite Etik rechèch la (CEP)**

Wòl CEP a se evalye ak kontwole aspè etik tout rechèch ki enplike èt imen. Komisyon Nasyonal Etik Rechèch (CONEP) gen pou objektif devlope règleman sou pwoteksyon èt imen ki patisipe nan rechèch. Li jwe yon wòl kowòdone nan rezo Komite Etik Rechèch (CEPs) nan enstitisyon yo, anplis de pran wòl yon kò konsiltan nan domèn etik rechèch.

**Konsantman gratis e enfòmè:**

Aprè mwen fin resevwa klarifikasyon sou nati rechèch la, objektif li yo, metòd li yo, benefis yo espere, risk potansyèl yo ak enkonvenyan li ka lakòz, mwen dakò patisipe:

Non patisipan rechèch la:

Dat: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

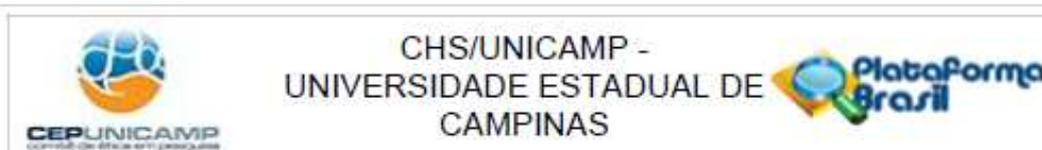
(Siyati patisipan rechèch la oswa non ak siyati RESPONSABLE LEGAL yo)

**Responsablite chèchè:**

Mwen asire ke mwen respekte egzijans rezolisyon 510/2016 CNS/MS ak kondisyon adisyonèl nan prepare pwotokòl la ak jwenn Fòm Konsantman Enfòmè sa a. Mwen asire tou mwen te eksplike epi bay patisipan an yon kopi dokiman sa a. Mwen enfòmè w ke etid la te apwouve pa CEP a ki te prezante pwojè a ak pa CONEP, lè sa ki enpòtan. Mwen pran angajman pou m itilize materyèl ak done yo jwenn nan rechèch sa a sèlman pou rezon ki endike nan dokiman sa a oswa an akò ak konsantman patisipan an bay.

\_\_\_\_\_ Dat: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
(Siyati chèchè a)

## ANEXO 3 – Parecer Consubstanciado do CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Imigração Haitiana em Campinas- SP: espaços de vida e projetos migratórios

**Pesquisador:** Sophia Rôvere

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 59869722.4.0000.8142

**Instituição Proponente:** Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.506.050

#### Apresentação do Projeto:

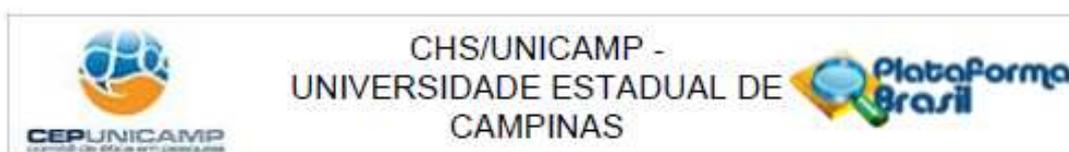
- Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender e atualizar os recentes fluxos de imigração haitiana para o Brasil, sobretudo para a cidade de Campinas/SP e região. Pretende-se avançar no conhecimento teórico e metodológico acerca do projeto migratório dos haitianos e a maneira como ele é construído, bem como, captar os principais marcadores que influenciam e alteram seu projeto migratório. A metodologia de pesquisa será baseada na aplicação de questionários qualitativos com a população alvo a fim de compreender as etapas do seu projeto migratório. Como a apreensão das etapas do projeto migratório é dinâmica e de certa forma, constituem (mas não só) um aspecto individual, a aplicação das entrevistas se coloca imprescindível para captar tal movimento. Através da análise dos questionários será possível traçar sua trajetória migratória, condição documental e laboral entre outros aspectos que envolvem a comunidade haitiana.

- Hipótese

A hipótese deste trabalho é de que os recentes fluxos migratórios no sentido Sul-Sul (PHELPS, 2014) articulam uma mobilidade entre macro e micro lugares (TARRIUS, 2000). A articulação entre macro e micro lugares se dá através dos territórios circulatorios (TARRIUS, 2000 e 1993) e dos projetos migratórios (MA MUNG, 2009; BOYER, 2005). É no ato de migrar que o projeto migratório é constantemente alimentado e que os migrantes criam e recriam suas rotas, com uma multiplicidade de migração (MA MUNG, 1992). Compreender as migrações atuais com o enfoque

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865  
**UF:** SP **Município:** CAMPINAS  
**Telefone:** (19)3521-6836 **E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 5.506.050

Básicas do Projeto	ETO_1948064.pdf	15:42:29		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto_Comite_Etica_v1.pdf	14/06/2022 15:39:42	Sophia Rôvere	Aceito
Investigador				
Cronograma	Cronograma_ComiteEtica.pdf	14/06/2022 15:38:59	Sophia Rôvere	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TermoConsentimentoLivreEsclarecido.pdf	14/06/2022 15:09:58	Sophia Rôvere	Aceito
Outros	AtestadoMatricula.pdf	20/05/2022 11:11:24	Sophia Rôvere	Aceito
Folha de Rosto	FolhaRosto_Assinada.pdf	20/05/2022 09:48:10	Sophia Rôvere	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAMPINAS, 03 de Julho de 2022

---

**Assinado por:**  
**Sandra Fernandes Leite**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865

**UF:** SP **Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-6836

**E-mail:** cepchs@unicamp.br